A Águia Rebelde

Mestre Rabolú

Livros da Gnose

ATENÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA!

Favor difundir esta Obra pelo mundo...
"Livro para Fins Didáticos, sem fins lucrativos."

ÍNDICE

PRÓLOGO.....5
INTRODUÇÃO.....5
CAPÍTULO I - A ÁGUIA REBELDE.....8
A Concentração -Transmutação das Forças Cósmicas - As Conjurações

CAPÍTULO II - OS DETALHES E A MORTE EM MARCHA.....17
A Concentração - O Caminho Iniciático
Os Corpos Solares

CAPÍTULO III - OS SETE CENTROS.....34
Os Hidrogênios e as cores do Mercúrio
O Arcano - A Morte em Marcha
O Fogo Sagrado - A Meditação
O Desdobramento Mental - A Concentração

CAPÍTULO IV - A INICIAÇÃO E AS PROVAS.....53
Os Detalhes - A Morte em Marcha - A Família
Os Três Fatores da Revolução da Consciência
A Prova de Irene - O Cristo Íntimo

CAPÍTULO V - A PRIMEIRA MONTANHA.....74
Os Corpos Solares - As Iniciações de Fogo As Provas - Os Detalhes - O Eu Causa
A Humanidade Já Julgada
Despertar a Consciência da Alma
O Machismo e a Mulher

CAPÍTULO VI - A SEGUNDA MONTANHA.....104
Os Corpos de Ouro ou Existenciais do Ser - O Nascimento do Cristo e a Lei dos Sete
A Tríade - A Limpeza da Consciência

CAPÍTULO VII - A TERCEIRA MONTANHA.....109

Quando a Águia Traga a Serpente
As Iniciações de Luz

CAPÍTULO VIII - PERGUNTAS SOBRE AS TRÊS MONTANHAS.....111
O Elixir da Longa Vida - O Cristo
A Lei de Entropia e as Oitavas - A Humildade

CAPÍTULO IX - CONCENTRAÇÃO E MEDITAÇÃO.....132
A Dualidade - A Meditação - Os Koans
O Desdobramento Astral
O Desdobramento Mental - O Relaxamento - As Cadeias - O Arcano

CAPÍTULO X - PERGUNTAS FINAIS.....149

PRÓLOGO

Esta primeira edição da obra denominada A ÁGUIA REBELDE, não é uma obra a mais das escritas pelo V.M. Rabolú. É o produto de uma necessidade premente, na qual a humanidade, confundida e desorientada no labirinto das teorias, encontra uma esperança que lhe dará a força necessária, para impulsioná-la até a conquista do Ser.

A presente obra tem origem numa série de entrevistas feitas com o V.M. Rabolú por estudantes da Gnose, provenientes do Velho Mundo (Europa), na qual o Mestre, no seu afã – para que a humanidade inteira receba guia e orientação mais simples que contribua na compreensão profunda do trabalho com os três fatores da revolução da consciência – expõe, de forma pedagógica, em seu estilo muito singular, nove temas que, por sua vez, nesta obra, serão distribuídos em dez capítulos.

A elaboração do texto foi com base na transcrição das fitas magnéticas, nas quais foram gravadas as exposições feitas pelo Mestre, no qual, em dita elaboração, foi feito um minucioso trabalho, confrontado com o Mestre, até compreender o inaudível e pouco claro que houvesse na fita, resultando deste trabalho um texto cem por cento original.

O V.M. Rabolú, na criação da Grande Obra, demonstrou ser uma ÁGUIA REBELDE, porque os fatos o confirmam. Sua obra não foi cimentada com base em teorias, senão em fatos.

Num princípio, como discípulo do V.M. Samael, foi, desde então, um inconformado consigo mesmo. Não ficou contemplando e admirando a teoria, senão foi diretamente à prática, para "não engolir conto de ninguém". Dedicou-se a

experimentar na "própria carne" o ensinamento do V.M. Samael, através do esforço investigativo e, graças à sua tenacidade e rebeldia, conquistou a sabedoria, que muito humildemente ele nos expõe através do ensinamento, compilado neste livro.

Esta obra, amigo leitor, não é uma a mais para acumular teorias, para nos conformar em lê-la, senão para que sigamos seu exemplo e nos tornemos rebeldes contra tudo o que obstaculize o nosso desenvolvimento espiritual, fazendo desta, uma obra de fatos, baseada na experiência vivida.

INTRODUÇÃO

Eu havia dito, na Síntese das Três Montanhas, que não ia escrever mais, porque a gente lê e não sabe estudar. Porém, vendo-me na necessidade, por um livro que editaram em El Salvador, um livro que dá horror vê-lo, vejo-me obrigado a editar este livro, para orientar e desaprovar totalmente esse outro livro, porque causa angústia ver os erros ou horrores que inseriram nesse livro.

Esse livro não foi escrito assim, senão, a transcrição dos cassetes... O quem o fez, seria um inimigo? Ou seria com más intenções que o fez, para me lançar uma ducha fria? Porque aí isso não justifica a inserção desses grandes erros ou horrores nesse livro.

De modo que, pois, esclareço que este livro é editado, já vendo a necessidade de esclarecer o conteúdo, para que não confundam esta ÁGUIA REBELDE editada na Colômbia, com a de El Salvador, porque a de El Salvador não serve para nada.

Joaquín Enrique Amórtegui Valbuena

MESTRE RABOLU

CAPÍTULO I - A ÁGUIA REBELDE

Mestre Rabolú – Vamos aproveitar esta vinda de vocês, porque eu estou fazendo muita força pela Europa, porque a Europa, pois, tem muita maturidade. As essências estão muito maduras. Então, temos que aproveitar, para ver se desperta alguma, ainda que seja uma. Já com uma me dou por bem servido.

P – Da Holanda lhe trazemos duas cartinhas, uns cartões de Natal e uma pequena águia...

V.M. – A águia, sim, essa é o símbolo do Mestre Rabolú, a Grande Águia. O Mestre Rabolú se apresenta na forma de uma águia gigantesca. O Mestre me chamava A ÁGUIA REBELDE, porque, de verdade, nestas questões esotéricas, temos que ser rebeldes contra nós mesmos, contra tudo, contra tudo.

Temos que ser um revolucionário completo, para poder adquirir algo, porque passivamente não se pode. Revolucionário contra si mesmo, contra todas as coisas do mundo que, como eu lhes tenho dito aqui, por exemplo: À natureza não lhe convém que nós nos liberemos. Por quê? Porque ela foi ensinada a dominar, a mandar; e quando alguém se libera, então é que começa a dominar a natureza. Então não lhe agrada.

Então, por isso ela se rebela contra nós, e por quê? Porque já se é um organismo que lhe faz falta, uma célula, uma molécula dela. Então ela, pois, se ressente.

Então, que faz a natureza? Pôr-nos brinquedos aqui como crianças. Todas as coisas do mundo são brinquedos que nos põe a natureza. Tudo, em geral, tudo, para nos entreter aí e não nos recordemos de nos liberar, de jogarmos a última carta, porque, temos que jogar a vida e o que nos cabe, o que nos diz respeito, para alcançar a liberação. Do contrário, não se consegue nada.

Ser um rebelde contra a natureza e contra tudo, para poder verdadeiramente dar um passo pela liberação, do contrário não se consegue nada! Passivamente não se consegue nada, nada!

Pois o Mestre, por exemplo, o Mestre escreveu todas as suas obras, deu-nos a orientação para chegar à sabedoria; porém, não nos entregou a sabedoria. Deu-nos todas as chaves, sim, para chegar à sabedoria. Porém, então, para chegar à sabedoria é

por si mesmo, por esforço próprio, que é o que eu estou fazendo agora, ampliando muito o ensinamento do Mestre, sob minhas investigações que faço, para lhes tornar mais fácil a liberação ou o entendimento do que cada um tem que fazer.

Todo o ensinamento do Mestre é muito extenso, muito profundo. Porém, então, ele abarca tudo. Porém, faltou-lhe detalhar. Por quê? Pelo fator tempo dele. Não? Não tinha tempo.

Vejam que nós somos uma Junta aqui, e nos vemos ou estamos sobrecarregados de trabalho. Ele estava só, o que me parece muito heróico, dar conta de todas, escrever obras, dar o ensinamento, tudo isto. Não, não, não!... Parece-me muito valente!

Eu admiro o Mestre Samael. Admiro-o, porque aqui somos uns quantos e não alcançamos, não conseguimos. Em troca, ele estava só.

P. – Permita-me perguntar-lhe, neste sentido, porque nós vivemos... Não vamos nos comparar com o senhor ou com o Mestre Samael – nem arrisco – porém, também nos absorve tanta coisa que temos que fazer, porque temos que traduzir livros, temos que estar atentos em tantas dificuldades que resultam.

V.M. – Sim, isso é duro. Não é nada, por exemplo, alguém dizer: "Eu sou o Diretor do Movimento!". Meta-se a trabalhar para que veja você quantas coisas lhe aparecem diariamente, diário, de problemas, de tudo. É muito duro isso!

P. – Porém, qual é a chave aí, para ainda se trabalhar também para dentro?

V.M. – Olhe, eu lhes dou um conselho. O Mestre sempre fala de dedicar a cada coisa o seu momento. Temos diferentes atividades no dia, não? Que variam. Então, isso que dizia o Mestre, "dedicar a cada coisa o seu momento", quer dizer concentração no que se está fazendo. É uma concentração.

Que você tenha, por exemplo, no dia, cinco atividades, suponhamos, diferentes. Você escolhe a primeira, a mais importante. Começou essa. Não estar pensando na outra que tem que seguir, não? Está entendendo? É uma concentração no que se está fazendo na primeira.

Terminou essa, passou à segunda; já à terceira, à quarta, à quinta, assim em sucessiva ordem. E isso é concentração no que se está fazendo. Porque, muitas vezes, nos tornamos máquina, fazendo uma coisa e pensando em outra coisa. Então está mal. Então a mente se enreda toda aí, não faz nada, não lhe rende.

É melhor coisa por coisa. Isso é o melhor para nós e a gente se vai educando, para que no dia em que diga: "Vou para meditar ou vou para me concentrar", com

facilidade o fazemos, porque nos vamos educando. No trabalho diário nos vamos educando.

P. – Isso vai junto. O senhor disse que nos cabe jogar tudo. Chega um momento em que temos que jogar também o trabalho físico?

V.M. – Sim, sim!

P. – Porém, quando se sabe que já chegou esse momento?

V.M. – Temos que aplicar uma frase que a têm as religiões, porque as religiões a exploram: dízimo e primícia. Dízimo é Deus. Primícia, primeiro. Primeiro Deus, e depois o demais.. Entendido? Primeiro o nosso trabalho íntimo e depois, o que sobre de tempo, para os demais. Porém, primeiro nós.

Por exemplo: Você está dando uma conferência a um público. Você não se identifica com as pessoas; esteja atento em você mesmo, para ver se assomou um elemento psíquico, de orgulho, de ira, de vaidade, de alguma coisa. Não se esquecer de si mesmo. Primeiro Deus. Temos que aplicar essa frase sempre.

Comentário – Existem épocas em que se pega esse fio da recordação; porém, chega um momento em que se pensa que já o pegou e se foi. Porém, demora-se para voltar a...

V.M. – É pela nossa falta de trabalho, falta de trabalho! Mais concentração no que se está fazendo. Então, está fazendo uma prática, por exemplo, de desdobramento astral, não pense você na meditação, não pense na comadre, no compadre, nem no negócio, não! Estou saindo do meu corpo aí, e sai com facilidade. Porém, o mal é que estejamos fazendo uma prática e pensando em outra coisa. Aí está o nosso problema.

Temos que aprender a concentração no que estamos fazendo; por isso, nas atividades do dia, devemos estar concentrados no que estamos fazendo. Quando vamos fazer uma prática, também já estamos acostumados, educados para nos concentrar no que estamos fazendo. Com facilidade o fazemos.

Eu, por exemplo, muitas vezes me atiro na cama, e aos cinco minutos já estou fora. Cinco minutos. Porém, isso é pura prática; tenho-a desde anos atrás. Pura prática. Por isso o Mestre confiou muito em mim; por esse motivo, porque, toda prática que me dava, eu já lhe dava o resultado no dia seguinte. No dia seguinte entregava-lhe o resultado do que me havia ensinado à tarde ou à noite. No outro dia eu lhe entregava o resultado.

Por que eu o fazia com facilidade? Pela concentração, porque estou educado para a concentração; e da concentração para a meditação é um passinho.

Você está concentrado num objeto, num sujeito, num lugar ou no que seja. Ponha a dualidade a esse objeto no qual você está concentrado. A dualidade. Fez isso, e já ficou a mente em branco. Já!

De modo que é questão de se educar. Educação, nada mais. Sem meter esse misticismo, essa coisa tão horrível, que eu não sei... Eu, ao fanático, tenho pavor, sim, porque um fanático não serve para bom nem para mau. Não serve para nada. Aqui é revolução! Nada de passividade, de fanatismo, não! Ao macho, como diz o mexicano, ao "puro macho!".. Meter-se sem medo, e se vai adiante porque se vai!

P. – Mestre, esta vocalização da vogal "O". Isso, quando alguém o faz, é também para se concentrar e tratar de sair em astral? Com isso serve?

V.M. – Não! A concentração serve para sair em astral, porém, no que se está fazendo. Por exemplo: Eu me concentro no meu coração para me desdobrar; porém, concentrado no coração e digo: Vou me desdobrar! E prum! Rapidíssimo.

P. – Porque, se já se vocaliza, perde-se a concentração?

V.M. – Já! Há distração da mente.

P. – Essa vocalização, a estamos fazendo vinte minutos diários. Isso pode ser prolongado, fazê-la tempo mais longo, ou não vale a pena?

V.M. – Pode ir prolongando. É que, oxalá, todo mundo desenvolva a intuição.

P. – Pode-se ir fazendo, por exemplo, mais tempo diário?

V.M. – Sim, pode fazê-lo.

P. – Uma hora?

V.M. – Sim, pode fazê-lo uma hora, sem começar a forçar o corpo, porque aí está o problema: Começar a forçar o corpo. Então vem a dor de cabeça, sim, mal-estares.

P. – Porém, essa vocalização, não em combinação com outras práticas, senão separado?

V.M. – Não, não, o "O". Concentração no coração. Imaginar que esse disco começa a
girar.

P. – Não em combinação com meditação nem nada disso?

V.M. – Não, não, não!

P. – E se pode fazer, por exemplo, lavando a mobília, o "O"?

V.M. – Já há distração. Já está querendo atender a dois senhores duma vez e não se pode. Melhor, a cada coisa se dedica seu momento.

C. – Eu notei que, fazendo a meditação às cinco da manhã, dá bom resultado.

V.M. – É que nas horas da manhã está a atmosfera mais tranqüila. Sempre a madrugada é melhor para as práticas, até que a gente já se torne prático. Porém, para começar, é melhor de madrugada, para toda prática, para toda.

P. – Mestre, se nos concentramos, por exemplo, para uma prática, sinto que naquele que se concentra há ambição nessa concentração. É um ego. Então, suponhamos, é por isso que não nos dão resultado também?

V.M. – Não. É a concentração mal feita. Toda prática que é dada pelo Mestre necessita da concentração.

P. – E como podemos fazer para não nos deixar levar dessa concentração, que é de um ego de ambição, de querer fazer, de querer conseguir?

V.M. – Querer é poder. Temos que lutar. Aí não se recorde você do ego, senão, faça o que tem que fazer, nada mais. Sim?

P. – Mestre, na Alemanha temos um rapaz, ele é turco, e no outro dia ele expôs, num fogueio, que ele tem constantemente dor de cabeça, porque ele faz essa concentração...

V.M. – Força-se! Observe que o Mestre fala de práticas. Prática do arcano, prática do desdobramento, prática de meditação, prática de concentração, tudo, por que a gente quer começar sempre como Mestre, abusar, não? Então vêm as doenças.

Então, temos que nos ir educando pouco a pouco. Vai se aumentando o tempo gradualmente, à medida que se avance, sem se prejudicar. Porém, existem pessoas às quais lhes dá dor de cabeça, porque se forçam. Então, não fazem nada, não fazem nada!

P. – Tenho uma pergunta que lhe fazem do Centro Gnóstico. Querem saber se esta prática da transmutação das forças cósmicas é feita num só sentido, ou seja, da cabeça aos pés, ou é feita também dos pés, ou seja, da terra ao cosmos?

V.M. – Imaginem que isso é um fio de luz que invade nosso organismo. Imaginar que da terra transmitem suas forças para cima, para o cosmos; e de cima, do cosmos, também para baixo.

P. – Porém, primeiro um e depois o outro?

V.M. – Sim, claro.

P. – E também querem saber que duração devemos dar a esta prática e qual é a hora mais apropriada?

V.M. – Não se lhe põe tempo, pelo motivo de que aí está o problema do qual estava falando para ele. Ir se educando pouco a pouco, à medida que se vai agüentando mais. Quanto mais se pratica, vai-se agüentando mais tempo. Então, cada um vai medindo o tempo de cada um.

P. – Porém, temos também a questão de ter os pés, assim no solo, como os tenho agora, ou podemos tê-los cruzados?

V.M. – Não, é melhor assim e descalço, porque o calçado é um isolante.

P. – Porém, se é sobre a cama, essa também é um isolante?

V.M. – É um isolante de todas as maneiras. Melhor, em terra.

P. – Ou seja, sair ao campo?

V.M. – Em terra, em terra é melhor, claro!

P. – Essa prática a tem o senhor ao final da Fase A. Porém, poderia ser dada antes?

V.M. – Pode ser dada antes. É que as pessoas querem algo prático e vamos é para nos meter duma vez em algo prático. Essa, a podem dar na Fase A, a qualquer um, sim; isso não...

P. – Porém, primeiro numa direção e depois em outra?

V.M. – Sim, claro!

P. – Se, quando nós, Mestre, fazemos esta prática, estamos beneficiando a natureza?

V.M. – Estamos beneficiando a nós.

P. – Bem, também; porém, é com relação ao que o senhor falou no princípio, de que o Mestre Samael também diz que o trabalho é rebelar-se contra a natureza. Porém, se nós fazemos esta prática...

V.M. – Sim, porém, nesse caso servimos de transmissor de duas forças, transmutador, melhor, de duas forças. Não? Sim, somos um instrumento aí, nada mais. Já ao passarem as forças cósmicas pelo nosso organismo e ao havê-las recebido da terra, há um benefício para nós.

P. – Porém, acontece o seguinte, na Alemanha nota-se que o sol está picando muito, pela questão do ozônio.

V.M. – Porém, é que não há necessidade de fazê-la ao sol.

P. – Não é bom fazê-lo ao sol?

V.M. – Não. Pode ser debaixo de uma árvore. Sim.

P. – É melhor que se faça essa prática diariamente, porque não se tem tempo para sair ao campo todos os dias.

V.M. – Não. Eu, onde vivo, a duas horas daqui, é uma granjazinha média, eu faço minhas práticas aí.

P. – Estamos falando das práticas. Outra prática que temos na Fase A, é o Belilin.

V.M. – As conjurações devem ser dadas rapidamente, porque é que quando uma pessoa entra no Movimento, que já está decidida, então vem o ataque, tanto dos egos dela, como das entidades externas.

C. – Porém, a nós, na Holanda, nos dá muito trabalho explicar isso, porque as pessoas lá se burlam muito dessas coisas; porém, queremos obedecer à ordem.

V.M. – Sim, é que essa é a arma. Essa é uma arma que se entrega ao estudante ou ao aspirante, para que se defenda.

P. – Na Espanha também existem muitos instrutores que preferem atrasar, dar as conjurações mais adiante.

V.M. – Bem, também. Porém, as conjurações são uma coisa que devemos ensiná-la quase em primeira ordem.

P. – Ou seja, que seu conselho é que se dêem no princípio da Fase A?

V.M. – Sim, porque temos que entregar essa arma para que se defendam, porque a loja negra ataca em seguida.

P. – Na Alemanha temos bastante testemunho do bom resultado com as conjurações, porque vem depois e dizem que tiveram muito bom resultado.

V.M. – Sim, sim, é que a conjuração é quase o primeiro que se deve entregar.

P. – A nós aconteceu, e errando um pouquinho por isso, porque as pessoas, a princípio, parece que não o assimilavam bem. Não? Então dizíamos: "Vamos entregá-las um pouco mais tarde". Porém, já as tivemos que entregar, porque as pessoas, em comentários, diziam que estavam recebendo ataques. E tive que entregá-las já.

V.M. – Claro, claro!

P. – O que, sim, vimos, que é muito importante, a forma de explicar as conjurações, porque, se se explica assim, a vôo, de repente, às pessoas lhes soa à fantasia, à coisa, a muita gente. Então a forma de lhes explicar é muito importante.

V.M. – Sim.

P. – Outra dificuldade que temos nisto. Vamos foguear a pessoa num grupo. Diz-se-lhe: "Olhe, explique como você faz a concentração". E vem com uma conferência. Porém a gente lhes diz: "Porém, não façam conferência, expliquem a prática".Porém, isso é tão difícil para ser explicado pelas pessoas. O senhor nos poderia fazer, algum dia, um fogueio, para vermos como é que é?

V.M. – Olhe, eu penso foguear aqui nos dias em que vocês estejam aqui, com muito prazer. Eu não quero perder tempo. Sim, eu não quero perder o tempo.

P. – A que horas o faz?

V.M. – Nós o fazemos já quase à noitinha. Já todo mundo deixa o serviço, não trabalha mais nos escritórios, então nos reunimos aqui. Para isso compramos umas lâmpadas, para os fogueios, porque, como a luz se vai, para nós não perdermos o tempo, e foguearmos.

P. – Mestre. Voltando de novo às conjurações. Para mim a conjuração é uma arma. Quando vejo que as pessoas são "mariposeadoras", eu a uso, porque com isso se define a pessoa. Não sei se estou fazendo bem...

V.M. – Não. Sim, porque há um choque de duas forças; se há uma pessoa muito negativa e todas essas coisas, ao conjurá-la, sai ou se alinha. Uma das duas.

CAPÍTULO II - OS DETALHES DA MORTE EM MARCHA

Comentário – Temos uma pessoa na Fase B, e não estamos cem por cento seguros, se ainda pertence à Rosa Cruz. Porém, ele vai, ele vem. Coisas da vida. E, quando ele vem, há um fogueio, ele se fogueia normal; porém, não tem ainda claras as coisas sobre a eliminação do ego ou algo assim, e as práticas... Eu creio que é isso o que o tranca.

Mestre Rabolú – É que, na eliminação do ego, havia um conflito, ou quase impossível, tal como o entregou o Mestre Samael. Suponhamos, olhe: Esta é uma árvore com muitas raízes. Não? Tem a raiz principal, tem quantidade de raízes pequeníssimas que dependem dela, assim.

Bem, suponhamos que este é um ego da ira, do orgulho, qualquer ego.

É impossível chegarmos a compreender este ego, se tem todos estes derivados dele, pois vem a ser o alimento da árvore.

Uma árvore, por exemplo, qualquer árvore que seja, tem sua raiz principal, que é a que sustenta a árvore, para não deixá-la cair, e lança outras grossas para todos os lados que a ajudam a se sustentar, para que o vento não a tombe. Porém, dessas raízes grossas, que são estas, dependem milhares de raízes pequeníssimas, que são as que alimentam a árvore. As outras raízes grossas não fazem senão sustentá-la aí. Porém, ela se alimenta de todas essas ramificações de raízes que lança, porque essas vão para a superfície da terra, arrastando as vitaminas de que necessita a árvore. O sustento.

Então, isso acontece exatamente igual com o nosso ego ou os egos.

Temos o ego da ira. Porém, deste dependem muitíssimos, que são os que o alimentam. O ego se sustenta por todas essas raízes, todas essas ramificações diminutas, que são os detalhes. Pelos detalhes está vivo o ego. Se começamos a tirar-lhes as raízes, começa a se desnutrir e a morrer. Do contrário não podemos.

Então, como dá o Mestre: "Que acabar o ego da ira...". Porém, quantos egos da ira, ou manifestações, tem esse elemento? Então, como os compreender? Não os podemos compreender.

Então, se começamos a tirar o alimento ao ego, então, sim, começa-se a compreendê-lo e começa a perder força. Isso é inevitável.

O Mestre fala em outros termos disto, tal como eu o estou explicando. Ele usava outros termos: "Temos que morrer de momento em momento, de instante em instante".. Essa frase eu não a entendia e dizia: Porém, como? Que vai morrer de instante em instante, de momento em momento? Ele se refere a estas manifestações diminutas, às quais não lhe damos bolas, que se pensa que não são defeitos. E esse é o alimento que está alimentando o defeito, por todas essas raízes diminutas, vão e vão alimentando o defeito.

Então, se começamos a lhe tirar isso, o defeito morre, ou, melhor dito, o ego morre. Começa a decair duma vez, porque ele se alimenta por tudo isto. Então, é a vida dele. Se começamos a lhe tirar isso, o resultado é a morte.

Olhem, eu comecei a morrer foi com os detalhes. Isto que lhes estou dizendo dos detalhes, não o estou falando por teoria. Estou falando que fiz assim meu trabalho desde que comecei a Gnose, com estes detalhes.

Porém, eu não sabia que era morrer, senão que por estes detalhes se vai, por exemplo, vai-se receber uma iniciação. Chamam-nos para nos entregar uma iniciação que se ganhou. Aparecem-nos todos estes detalhezinhos no caminho. E por um detalhe desses se pode perder uma iniciação, um grau. Então eu comecei, como eu saía mal no interno, quando eu ia receber um grau, por um detalhe desses eu ficava. Então eu ganhava era uma grande repreensão dos Mestres e então já voltava para cá, porque nos dizem: "Vai à escola, para aprender! Não sabes nada!". Porém, ralhado.

Então vinha eu para dar duro a esses detalhes. E comecei, e então saía bem nas provas que me davam, porque então são provas que nos dão. Então já recebia meu grau, o que me iam pagar.

E então eu comecei a trabalhar foi com os detalhes, desde que eu comecei a Gnose; porém, não sabia que era morte, senão era para sair bem nos chamados que me faziam, para me fazer um pagamento; porque, para nos fazer um pagamento, chamam-nos. Então, porém,primeiro, antes de chegar, apareceram-nos os detalhes. Porque, se se encontrou uma moedazinha por aí, a gente a agarrou... Bem, esse é um detalhe. Assim, coisas insignificantes, que não se acredita que seja prova. Esses são os detalhes. Então, se começamos por aí, o ego vai morrendo. Vai-se desnutrindo e vai morrendo. Isso é inevitável!

Essa é a morte verdadeiramente e eu a encontrei profundamente; porque, como o ensinou o Mestre, não é que eu queira saber mais, porque, como eu lhes digo, ele falou de morrer de instante em instante, de momento em momento, está relacionado com isso dos detalhes. Faltou-lhe esclarecer, não mais, para ter entendido isso, porém, ele estava sobre isso.

O Mestre Judas chamas este trabalho: "Polir, polir, polir e polir".

P. – Isso também se pode fazer igual com os pensamentos?

V.M. – É que com tudo, é que com tudo. Aí se aplica a morte em marcha. Aflorou um detalhe desses: "Mãe minha, desintegra-me este defeito!".. Em seguida, em seguida, não esperar para amanhã ou depois, senão, em seguida, instantaneamente, porque a Mãe Divina, com seu poder, como estes são detalhes, não são tão fortes, desintegra-os com facilidade.

P. – Porém sempre, à noite, fazer uma análise também disso, ou não?

V.M. – Não! Durante o dia, dê-lhe, à morte em marcha, dê-lhe! Não se ponha a perder mais tempo, senão dê-lhe de instante em instante, de momento em momento, e verá.

P. – Isso é branquear o latão?

V.M. – Branquear o latão, para que a luz possa brilhar.

P. – Mestre, às vezes, quiçá, falta vontade para trabalhar com essa inquietude, com essa gana. Como podemos fazer para ativar essa vontade para essa rebeldia?

V.M. – Estar atento em si mesmo. Quando alguém se esquece de si, comete erros. Estar atento sempre em si. Do contrário nos esquecemos, e aí vêm quantidade de erros nossos.

Então, está entendido o que é a morte em marcha? E como se vai eliminando o ego? Como lhe vamos tirando a potência? A força?

P. – Quem sabe, houve um erro ou algo que nós tivemos muito tempo, e é que durante o dia houve um trabalho deficiente e quisemos deixar tudo para a noite?

V.M. – Não, não, não! Isto é de instante em instante, como diz o Mestre Samael. Essa é uma verdade! Estar atento em si mesmo, e que acontece? Vai-se despertando consciência em seguida, não se esquecer de si mesmo. É um exercício muito bom.

P. – Ou seja, que isto substituiria o trabalho que sempre temos feito da morte do ego?

V.M. – É que, olhe, a mim me chamou muito a atenção isso, porque eu penso muito na humanidade, como chegar a impulsioná-la. Isso me fez investigar muito, porque todo mundo fala da morte e quer morrer. E por que não morreu nenhum? Então isso me chamou muito a atenção. Claro, faltava aplicar este trabalho, porque assim, assim em bruto como o entregou o Mestre, "acabar com a ira, com o orgulho", não! Ninguém o vai acabar! Ninguém o vai acabar assim! Como se compreende a ira, o orgulho, se tem milhares de manifestações diminutas que se crê que não é nada? E, sim, é, porque daí se está alimentando o ego.

P. – E temos que saber de onde vem um detalhe? Se é ira, ou orgulho ou não importa?

V.M. – Não importa! Você pede à Mãe Divina instantaneamente: "Desintegra-me este defeito, já!".

P. – Temos que imaginá-lo, Mestre?

V.M. – Segundo a manifestação do detalhe, pede-se à Mãe Divina. Não temos que imaginar nem de onde vem nem para onde vai e fazer consciente a petição. Imaginar que a Mãe Divina o desintegrou. Isso!

P. – Mestre, porém, não terá que ser um pouquinho... como que sentir o que se acaba de fazer, não? Porque, se a gente o faz todo mecânico...

V.M. – Claro, estando atento em si mesmo, a gente se dá conta de qualquer detalhe que assome ou se manifeste.

P. – Ou sente como um pouquinho de arrependimento?

V.M. – Claro, no momento em que se pede à Mãe Divina, ter essa certeza de que o eliminou; ter essa segurança, é fé na Mãe Divina. O Mestre Samael... Por exemplo, lá foi um missionário, e lhe disse: "De todos os meus estudantes, o único que está morrendo é Joaquín; que, sim, está morrendo de verdade". Porém, eu estava morrendo era com todos esses detalhes. Eu não estava vendo o grande, não, senão todos os detalhes. E a isso devo a consciência que tenho, a esse trabalho. Então, eu não estou falando de uma teoria, senão do que fui vivendo, não? Do que fui vivendo, nada mais.

P. – E o senhor, Mestre, se me permite uma pergunta, o senhor, depois, com esses detalhes, depois se dedicava a estudá-los mais profundamente ou somente com este trabalho diário era suficiente?

V.M. – É que, olhe, um detalhe destes, diminutos, isso não tem muita força. Então, a Mãe Divina instantaneamente o desintegra. Já desintegrado, não temos que quebrar a cabeça, pensando nesse detalhe, não. Ter certeza que a Mãe Divina o eliminou, o desintegrou.

P. – Sim, porém, a meditação sobre a morte do ego que se vai fazer ou também tem que ser feita à noite, seria sobre os defeitos gordos?

V.M. – Olhe, vou explicar-lhe essa parte que é muito importante. Eu nunca fiz essa meditação. Não a fiz. Por quê? Porque nós vamos morrendo por etapas, por dimensões.

Aqui fazemos uma limpeza. Ponhamos um exemplo. Você pega uma camisa branca, suja. Você a limpa na primeira ensaboada, ou a ensaboa e depois lhe dá outra, até que branqueia?

Bem, isso somos nós com o ego, exatamente igual, igual. Não é numa só que se vai ficar branco, porque temos que advertir que o eu-causa está aí e o eu-causa não é desintegrado com esse trabalho. O eu-causa é desintegrado conscientemente e é o último trabalho que se tem que fazer. Então, nós vamos é por etapas.

P. – O senhor também ia ao mundo astral para trabalhar com os eus, depois?

V.M. – Temos que trabalhar aqui, no astral, no mental e por último no causal; tudo em ordem, porque nós, nestes trabalhos, por exemplo aqui, vamos resgatando muita consciência que então nos permite mover-nos à vontade em outras dimensões conscientemente e fazer nosso trabalho.

P. – Então, como se combina este trabalho de instante em instante, que, creio, vamos entendendo, como o que nos dizia o senhor também, e o Mestre Samael, de nos dedicar unicamente a um só ego?

V.M. – Eu cometi esse erro, não me dá pena dizê-lo, de elemento por elemento, porém, eu não tinha em conta esses detalhes, porque, enquanto isso, eu não acreditava nesses detalhes. Agora que descobri como é a morte, então isto nos deixa quieto, porque se está dando é a todo o ego, a todo: ao orgulho, cobiça, luxúria, vingança, tudo! Em geral a tudo o que nos apareceu, pam! Dê-lhe, dê-lhe, dê-lhe e aí vai morrendo.

P. – É trabalhar todos ao mesmo tempo?

V.M. – Com tudo o que apareça!

P. – Porém, por exemplo, já na alquimia, por exemplo, a qual nos dedicaríamos?

V.M. – Na alquimia... Por exemplo, existem detalhes que a Mãe Divina não alcança desintegrar, porque são fortezinhos. Então, na alquimia, a gente vê que esse elemento seguiu se manifestando, na alquimia, então se pede à Mãe Divina a desintegração desse elemento.

P. – Hoje, por exemplo, Mestre, perdoe-me a insistência, porém, isto é muito importante para nós...

V.M. – Não ! É que isto é importantíssimo! É a nossa base!

P. – Então, hoje esse detalhe forte foi de orgulho. À noite, no trabalho da alquimia, peço pelo orgulho. Porém, amanhã, suponhamos, é da inveja. Então, peço pela inveja?

V.M. – Ao que lhe apareça! Ao que lhe apareça, não tenha você exceção, senão com tudo o que nos pareça!

P. – Como o Mestre Samael falava de que... eu não quero debulhar muito isto, perdoe-me, que quero insistir muito, porém, falava de caçar dez lebres ao mesmo tempo e tudo isto...

V.M. – Sim, porém, então, como se vai numa ordem, não cinco ou dez nos vão molestar duma vez, senão é um. Você dá a esse detalhe.

P. – No dia seguinte saiu um detalhe de outro ego?

V.M. – Outro sai ou pelo tempo que seja.

P. – Não, porém, já nos referimos agora ao trabalho da alquimia.

V.M. – Então vai-se dando ao que se vê que insiste. Dá-se-lhe na alquimia.

P. – É como ir rebaixando todos os egos?

V.M. – Tudo, tudo, tudo vai morrendo no tronco. O ego em si vai morrendo todo, porque vai perdendo toda a força.

P. – Se alguém, por exemplo, vê que o que mais tem, ou algo que tem muito forte, é a auto-consideração, por exemplo, não? Que lhe aparecem muitos detalhes durante o dia, aparecem por aí, então se deveria dar a todos os defeitos, porém, centrar-se mais, por exemplo, na alquimia, na auto-consideração?

V.M. – Olhe, não é que olhe, um defeito que a gente sempre tem, o principal, falemos, manifesta-se. Pois a esse se lhe dá.. Cada vez que se manifeste, dá-lhe, dá-lhe, e dá-lhe e dá-lhe! Ao que mais insista, vai-se-lhe dando. Quantas vezes se queira manifestar, dá-lhe, assim.

P. – Porém, acontece isto, Mestre, por exemplo, a frouxidão, por isso estamos aqui, não? Porque somos muito frouxos para trabalhar. Quando nos propomos a trabalhar com a frouxidão, ativamo-nos, fazemos práticas uma semana, todas as práticas que queiramos, e depois chega de novo essa passividade.

V.M. – Olhe, essa passividade vem, que é quando se provoca uma noite, entra uma noite dentro de nós, quando se fica quieto, é pelas práticas mal feitas, mal feitas.

Quando se faz uma prática e nos dá resultado, então se pega mais força, provoca-se um novo amanhecer dentro de nós. Porém, se a fazemos mal feita, como

não se encontra resultado, vem a passividade, a preguiça, não? Temos que fazer sempre as práticas com concentração.

Nenhuma prática, das que foram dadas pelo Mestre, nenhuma falha. Falhamos nós, porque estamos fazendo uma prática aqui e pensando por lá, no negócio, em qualquer coisa. Então, não há concentração, não pode dar resultado a prática; não pode dar.

Então, são as falhas. Não se dedica o momento ao que se está fazendo e, como lhes dizia eu agora, no diário viver, em seu trabalho físico, vai-se dedicando seu tempo. Então, é uma educação que se vai recebendo duma vez.

P. – Aproveitar a vida diária?

V.M. – Diária, diária!

P. – Pôr a vida diária em função do morrer?

V.M. – Claro!

P. – Ao invés de outra coisa?

V.M. – Sim !

P. – Um pouco de orientação, que, podemos dizer, e, bem... e ter todos... é que se nós estamos fazendo uma prática de morte do ego, uma hora diária, que não é suficiente, porque temos que estar fazendo prática de morte do ego de instante em instante...

V.M. – Momento em momento! Estejamos em nosso trabalho, estejamos em nosso negócio, falando com uma pessoa que seja, aí nós temos que estar, para ver que elemento psíquico se pode manifestar aí ou se está manifestando.

P. – Com uma hora por dia, não vamos morrer?

V.M. – Não, não, não, não, não! É todo o tempo, se é que se quer morrer. Todo o tempo, não se cansar.

P. – Nesse caso já deixaríamos a prática da morte do ego, ficaria à parte, porque estaríamos trabalhando todo o dia, não?

V.M. – Todo o dia.

P. – E a outra, a deixamos à parte?

V.M. – Esta outra, por exemplo, que trabalhamos, porque no-la deu o Mestre, essa fica à parte, porque estamos entendidos é com tudo, com todos os derivados dos elementos psíquicos.

P. – Porém, poderíamos dedicar essa prática, ocorre-me, a esse defeito ou a esse detalhe mais forte, tratar de compreendê-lo um pouco mais profundamente?

V.M. – Não ! Ao que insista, pois, dá-se-lhe na "torre" duma vez. Quantas vezes queira insistir, dá-lhe, porque numa dessas tem que morrer. Tem que morrer!

P. – Esta prática da meditação da morte do ego, deixa-la-íamos fora dos cursos ou temos que explicá-la?

V.M. – Pois eu creio que isso é perder o tempo. Isso é perder o tempo.

P. – Então, esse exercício retrospectivo, de quando se manifestou um defeito na infância?

V.M. – Com esse trabalho não se necessita de nada disso. Estar de instante em instante, de momento em momento.

P. – Isso é mais direto?

V.M. – Sim.

P. – Esta é uma revolução completa do morrer?

V.M. – Sim, uma revolução! Pois eu, esse sistema o tive desde quando comecei; porém, eu acreditei que todo mundo trabalhava o mesmo. Agora, vendo, pela correspondência, que tanta gente, quase todo mundo... "que a morte, que a morte, que não sei que"... E ninguém morrer? E disse: Este assunto por quê? Pois claro, vão ao grosso e aos detalhes os deixam; e aí é onde se alimenta o ego, sim? Essa é a conclusão a que cheguei eu.

P. – Vamos. Se, por exemplo, alguém, durante o dia, alguns desses detalhes que se vê, que por algum mal que se fez, por algo, sente dor ali por dentro... depois, a sós em sua casa, em seu aposento, deveria de... muitas vezes, que surge de nós, não? De centrar-se mais nesse defeito, ver como saiu, pedir por ele, seguir pedindo à Divina Mãe por esse defeito que durante o dia...

V.M. – Não! Estar em alerta de si mesmo, para quando queira voltar a se manifestar, dá lhe! Assim é melhor. Assim se deixa de cometer erros, e se está morrendo. É que quando a gente se esquece de si, aí está o problema, pois, cometem-se erros.

P. – Detalhes, temos que entender que são qualquer coisinha?

V.M. – Diminutos. Coisas diminutas.

P. – Uma pessoa nos fala. Sorrimos de uma forma assim como auto-suficiente. Isso é um detalhe. Interrompemos a outro quando vai falar. É outro detalhe?

V.M. – Vejam, isso, no interno, por exemplo, é gravíssimo. Por exemplo, vocês estão conversando os dois aí. Chego eu: blá, blá, blá... como que me dando de muito importante e lhes corto a conversa a vocês. Ai, ai, ai! Castigo nos aplicam! Castigo!

A mim não me dá pena contar, porque me castigaram por imprudências assim, e duro.

Uma vez estava o Mestre conversando com outro Mestre na Igreja Gnóstica. Eu estava em meu trabalho, pois eu sempre, todas as noites me cabe trabalhar, quando me esqueci de perguntar algo ao Mestre, e me fui para a igreja. Entrei. O Mestre estava conversando com outro; e, com o afã de voltar ao meu trabalho: Mestre, que, blá, blá, blá... "Ajoelha-te aí!".. Na metade do salão da Igreja Gnóstica ajoelhado, três horas.

Entravam e saíam os Mestres e os demais condiscípulos meus e me olhavam aí como uma estampilha na metade do salão aí.

Depois de três horas foi que me levantou o castigo e disse: "E é para que... você não é mais importante que esse senhor que estava falando comigo, não sei quê....".

Bem, me pegou, porém, que ralhada tão horrível, depois de três horas ajoelhado. Lá nos dão uma disciplina muito rígida. Muito!

P. – E por que não se traz essa disciplina ao físico, Mestre? Por exemplo, se recebemos esses castigos lá, por que não trazemos isso ao físico?

V.M. – Porque, olhe, é que ao se despertar, quando se volta ao corpo, desperta, e com um braço que mova ou se mova, já perdeu a recordação. Temos que despertar; sabe-se que se despertou, abriu os olhos, feche os olhos e trate de recordar, e verá que recorda, sim! Porém, como a gente se move, já perdeu a recordação.

P. – No Centro de Frankfurt, perguntam se este mantram Raom-Gaom, para recordar os sonhos, se isso é recomendável ensiná-lo ou é uma perda de tempo?

V.M. – Olhe, o melhor mantram é o que lhes estava dizendo: Não se mover. Nem uma mão nem nada. Quieto e feche os olhos e trate de recordar e aí se lembra tudo.

P. – Mestre, também com respeito à morte, isto que nos diz o Mestre Samael, de que a luxúria se trabalha toda a vida, associada com outro defeito. Como devemos entendê-lo?

V.M. – Toda a vida, toda a vida. A luxúria são milhares e milhares de demônios.

P. – Como qualquer outro?

V.M. – Sim, o mesmo, igual, ou melhor dito, não há exceção dos nossos defeitos. Todos têm o mesmo alimento, suas ramificações, manifestações diminutas. Por exemplo: Há uma dama aí. Eu lhe pus o meu braço. Que é? Um detalhe, uma manifestação de luxúria aí está. Ah! Dar a mão à dama, apertá-la, é uma manifestação da luxúria. Sim, é que não, não, não, são milhares e milhares de detalhes e em tudo se manifestam.

P. – Que não são somente fatos externos, senão também pensamento ou impulsos ...

V.M. – Não, não, não, não! Lançar um galanteio a uma mulher pela rua, por aí, já isso é um detalhe de luxúria.

P. – Diz-se para uma amiga: "Que linda estás hoje!".

V.M. – Já aí está.

P. – E a gente pensa que isso não é.

V.M. – Não, sim, é!

P. – Ou não se diz nada e se pensa?

V.M. – Porém, pensa, Sim?

P. – Isso é o que o Mestre Samael queria, que a vida fosse edificante e dignificante. Isso é, elevar o...

V.M. – Sim, sim!

P. – Que trabalho é necessário para o traço psicológico?

C. – Ela quer saber o traço psicológico principal, o traço característico que se tem que buscar.

V.M. – Buscá-lo. Bem, com este trabalho já praticamente aí vai. Entra-se como um soldado, enfrentando um grande exército, para se defender. Ao primeiro que assomou, a esse se lhe deu. Sim? Aí se lhe deu!

C. – Deve ser terrível essa batalha!

V.M. – Essa é a Grande Batalha de que fala a Bíblia. Essa é a Grande Batalha! Um contra milhares e tem que se jogar o tudo pelo tudo aí.

P. – E essa solidão que se sente nesse trabalho! Isso, às vezes, pensa-se que se está pondo...

V.M. – Não. E há vezes em que a gente se sente abandonado pelas hierarquias e de todo o mundo; abandonado totalmente. Sente-se e se vê. E se é no interno, é pior lá. Lá, sim, é notório, porque se vai por seu caminho. Nem Mãe Divina, nem hierarquias, nem ser humano nem nada. É totalmente só. Totalmente.

P. – No interno?

V.M. – No interno. Porém, sim, existe alguém... melhor dito, todos têm as vistas postas sobre nós. Todas as hierarquias, porque não é que se esteja abandonado, a gente se sente e se vê abandonado. Porém, mentiras! Abra alguém a boca e peça auxílio, para que veja. Instantaneamente tem a ajuda. Porém, a gente se vê só totalmente.

P. – E como se manifesta isso fisicamente aqui? A vida se torna...

V.M. – Bem, aqui há iniciações, por exemplo, em que se volta todo mundo contra. Para mim até a mulher, os filhos, os gnósticos, todo mundo me voltou as costas.

Eu enfermo numa cama, e sem um centavo com que me curar, com que comprar nem uma pastilha. E eu durei vários dias, meses, melhor dito, nesse estado. E aí é onde a nossa mente nos ataca por todo lado.

Recordo-me que o ego me dizia: "Onde estão as hierarquias de que tanto falas? Onde estão teus amigos, onde estão os gnósticos? Deixa disso!". Sim, assim, porém, claro. Ouve-se tudo.

Você sabe, enfermo, estendido numa cama, sem poder caminhar, sem um centavo, e até a mulher e os filhos voltados contra. Ah! Todo mundo, ninguém me

visitava. Ah!... E aí, para acabar de completar, por exemplo, já se aborreceram muito de me ter aí, e foram e me levaram ao hospital de Ciénaga. Botaram-me aí de caridade e não voltaram para me ver. Ninguém! É duro, é duro, porque então aí o ego aproveita esses momentos para nos querer tirar do ensinamento, fazer-nos ver que as hierarquias, isso é palha, que os gnósticos, que a Gnose, que isso foi inventado por um homem... Enfim, todas essas coisas, porém, uma série de coisas que nos chegam.

P. – Que nos podem tirar?

V.M. – Sim, nos podem tirar.

P. – Mestre, as práticas que temos postas nos grupos, que fazemos em grupo, de morte do ego, como poderíamos então agora fazer para enfocá-las?

V.M. – Bem, podem segui-las, porque o calor do grupo dá força; podem segui-las assim, não? Porque, sempre a união faz a força. Necessita-se dessas reuniões, todas essas coisas, porque têm mais ou menos os mesmos fins. Então, formam uma força que nos serve individualmente a cada um.

P. – Porém, já haveria temas que já se poderia não ensinar?

V.M. – Por exemplo, este tema para mim é básico e fundamental para todos os grupos, todo estudante. O que queira morrer que comece por aí, do contrário não morre nunca. E aí está a prova: Quanta gente de vinte, trinta anos, vivinhos! Por quê? Porque trabalhavam como o havia indicado o Mestre sem se recordar dos detalhes. Não havia quem, em realidade, explicasse os detalhes. O Mestre o explicou, porém, muito diferentes os termos: "Morrer de instante em instante, de momento em momento". Ele o explicou, porém, então não entendíamos.

P. – Fundamentalmente é lançar-se de cheio, dar-se limão a todas as horas, não? Como se diz, ou negar-se a si mesmo em todo momento, não?

V.M. – Olhe, para a gente se negar, necessita-se haver-se conhecido muito bem. Quando se sabe que não se é nada, é uma sombra, é um lixo ante as hierarquias, é quando se desperta e nos cabe entrar nos templos sagrados, o que nos dá remorso, nos dá vergonha de nós mesmos, de ver que, por onde se passa se deixa a mancha. Então, aí a gente se dá conta que não se é nada, porém, nada! Sim? Dá vergonha para nós, como que nos arrependemos de nós mesmos, de ver a situação em que estamos ante as hierarquias.

Então, aí, sim, começa-se verdadeiramente a compreender que não se é nada, e então, a rechaçar todas essas vaidades e todas essas nossas coisas ilusórias, que fazem ilusão em nós.

P. – Porém, muitas pessoas, Mestre, por exemplo, com isto de que nós não somos nada, então formam um problema. Há um problema físico, sim, coisas da vida. Dizem: "Isso não tem importância! Total, não somos nada. Para que nos identificar com essas tolices da vida?".

V.M. – É que se deve atuar de acordo com a dimensão onde nos encontramos, porque aqui temos problemas físicos, resolvê-los fisicamente, claro!

P. – Não deixá-los assim, assim como veio, se vai...

V.M. – Não, não, não, não ! Observem agora, por exemplo, aqui na Colômbia. Eu fiz um curso de diplomacia, muito bem feito, nos mundos internos, e tirei boas qualificações, como diplomata. Utilizei a diplomacia aqui, fisicamente, no Movimento. Que estava acontecendo? O Movimento ia para baixo, todo, porque então se aproveitam disso para fazer maldades e fazer tudo, cada qual o que lhe dá na gana.

Então, agora me coube, e na vez anterior, na outra Assembléia, lhes disse: Vou manejar o Movimento com vara de ferro! Isso deve estar gravado. E comecei a manejar com vara de ferro. Por quê? Porque já estavam abusando demasiado. Então, neste mundo nos cabe desenvolver-nos assim. A diplomacia prejudica. É melhor a verdade duma vez, já!

Foram milhares de estudantes os que se foram aqui, à pique, na Colômbia, porque mandei fazer uma revisão geral e isso ficou em nada. Os que estavam em ordem, ficaram, e os que estavam em sua desordem e queriam fazer da Gnose o que lhes dava na gana, fora com eles! Uma escolha.

Eu lhes falei muita da seleção e ninguém lhe quis dar bolas, não, à seleção. Agora que se fez uma seleção, tirou-se uma quantidade de lixo, e fica o que mais ou menos se vê que possa servir. E assim, assim é.

O Movimento Gnóstico, não se imagine nenhum de vocês, nem se façam ilusões, de que é quantidade, não! Buscamos uma qualidade. Pode ser um, um só, nada mais. Porém, a qualidade é a que vale, não a quantidade.

À quantidade se entrega o conhecimento, como obrigação nossa; porém, o que não aproveitou, não aproveitou. Já!

Como foi agora, dias, por exemplo, tínhamos uma reunião no tribunal. A ordem máxima foi: "O que esteja contra o Espírito Santo, pecando contra o Espírito Santo, e contra o Cristo, ao abismo!".. Ordem da máxima autoridade de lá.

P. – Toda a humanidade ou gnósticos?

V.M. – O que caia, gnóstico ou não gnóstico. Então me pareceu muito dura, pareceu-me demasiado cortante. Então apelei, porque me recordei de que existem pessoas que têm muita boa intenção e estão começando a trabalhar, não? E querem verdadeiramente superar-se.

Então lhes disse eu: Não estou de acordo com essa ordem, porque há pessoas que estão começando agora mesmo um trabalho, que chegaram ao conhecimento e estão começando um trabalho. Então, a essas pessoas não se pode mandá-las ao abismo. Em vez de mandá-las ao abismo, devem ser ajudadas em todo o sentido, para que essas pessoas possam verdadeiramente surgir, ou, senão, não surgiria ninguém!

Aceitaram, aceitaram-me a sugestão que lhes fiz, porque me pareceu muito duro.

P. – Mestre, referente a esta pergunta. Em nosso grupo, na Alemanha, temos uma dama, que é da Fase B Avançada, e ela ficou praticamente bloqueada aí, porque ela diz, ela não faz o segundo fator, porque, de acordo com ela, ela tem que ser um pouquinho melhor, pura, no sentido de mais limpa, para fazer o segundo fator. E eu lhe disse: "Temos que começar a fazer esse segundo fator; porém, conhecendo-nos, estando atentos à manifestação do eu da luxúria".

V.M. – É que, olhe, está perdendo o tempo essa dama aí. No caminho é que se acertam as cargas.

P. – Porém, não lhe entra, Mestre, é que não lhe entra!

V.M. – Bem, já um capricho. Porém, honradamente, está perdendo o tempo. Se alguém começa a se preparar, "até que não esteja preparado, não vou entregar o conhecimento à humanidade", não o entrega nunca. Todos começamos por zero. Temos que começar. O importante é começar já. Todos partimos do zero e estamos no zero, pode-se dizer.

P. – A desculpa dela é que ela diz que não quer ser utilizada, porque se sente como utilizada, que agora somente a utilizam com um só fim, de que seu esposo quer surgir, alçar-se e ela não tem essa chance.

V.M. – Porém, olhe, por que esse complexo das mulheres, bem que nós mesmos temos tido a culpa. Porém, se a mulher tem as mesmas possibilidades do varão, o mesmo, exatamente igual. Até, no caminho iniciático, têm mais preferência as mulheres que nós. Há preferência pela mulher. Então, têm toda a ajuda. E por que então se metem esses caprichos?

Olhemos: Eu sou muito macho, que não sei quê, você que é lunar e que eu, solar! Qual solar? Se eu não fabriquei meus corpos solares, sou lunar, tanto como qualquer velha, como uma mulher, exatamente igual. Então, qual é o positivo e o

negativo? Tanto a mulher é negativa, como nós somos negativos também. É exatamente igual. Então, tirem-se esse complexo da cabeça. Tirem-se isso, porque isso está mal.

De modo que, pois, se a gente não fabricou os corpos solares, somos uma dama nos mundos superiores; somos uma dama que usa até saia.

P. – Porém, as mulheres, no interno, são homens?

V.M. – Porque elas, pelo complexo delas, sempre desejam, no fundo delas, ter sido varões. E, então, lá assumem a figura do varão, com os órgãos e tudo do varão. E nós de dama. Imaginem-se vocês o inverso, lá, namorando-nos vocês a nós (riso), não? De verdade, isso é certo.

P. – Porém, esse complexo vem desde crianças, Mestre.

V.M. – No Movimento Gnóstico temos que tirar esse complexo à dama. As damas têm o mesmo direito que nós, exatamente igual.

P. – Também dizem que a mulher não pode chegar aos últimos graus iniciáticos. Isso não é verdade?

V.M. – Pode liberar-se com o corpo feminino, isso não lhe impede, não tem nada. Então Deus, ou as hierarquias, seriam injustas em fazer deficiente à mulher e a nós não. Então não haveria justiça aí, não? Então temos as mesmas possibilidades, o mesmo. Têm que se tirar esse complexo as damas e nos grupos gnósticos explicar isso, para que se vão tirando esse complexo, porque esse complexo, no fundo, as prejudica. Não?

P. – Sim, é certo, Mestre, porque, por exemplo, a mim me agrada ser clara com... agrada-me dialogar com as damas, com os cavalheiros assim à parte, quando me dou conta que, tam! E um dia me agarrei e me dizia: "Que te acontece, fala-me, sou igual que tu!". Eu me dizia: "A mim me utilizam, eu me sinto utilizada, eu não quero fazer o segundo fator, até que não esteja limpa!".. Outra coisa, as hierarquias não falam de damas. Por que essa discriminação?

V.M. – Vou dizer-lhes por que não se fala das damas. Porque uma dama que fabricou seus corpos solares, passa a ser um Mestre lá. Ponhamos bem cuidado nisso. Lá não se tem conta a parte feminina, senão é a construção de seu próprio templo, porque passam a ser Mestres. Então, a parte feminina lá se perde, não se tem em conta.

P. – E a masculina também?

V.M. – Sim, também. Sim, porque, se você não trabalha, é uma dama lá. Então, tirem-se esses complexos da cabeça. Tirem-se isso, porque as hierarquias não falam das Mestras ou tal coisas, porque lá é o Mestre fulano de tal, o Venerável Mestre fulano de tal. Pode ser o corpo, aqui, de uma dama, não importa. É o trabalho que se olha e se mede. Isso!

P. – Mestre, em conferências públicas, pelo menos na Espanha, já estamos falando sobre a supra-sexualidade e o trabalho com o segundo fator. Ao longo do temário também se fala em alguns temas, até que se chega ao tema 25 da Fase B, parece-me que é no novo temário, dá-se o arcano. Então, a pergunta é: Se não lhe parece que é um pouco tarde, porque a experiência que estamos recolhendo é que com toda esta informação e os livros do Mestre Samael, porque os lêem, claro, pois as pessoas se lançam a fazer as práticas com o segundo fator.

V.M. – Não, isso temos que lhes dar, a orientação, bem, desde o começo, sobre o arcano, para que não cometam erros. Sim?

P. – Então, o senhor não vê mal que se entregue o arcano prontamente, na Fase A inclusive?

V.M. – Na Fase A, porque o casado tem que ter a orientação, e se não se lhe dá a orientação, comete erros.

P. – Concretamente, um casal, por exemplo, nos delineava, haviam lido – estão na Fase A – haviam lido já algum livro do Mestre Samael e estavam escutando como se falava da sexualidade. Então eles diziam: "Já fazer da sexualidade o que fazíamos antes, pois não nos sentimos a gosto, porque vemos que não é correto".. Porém, tampouco sabiam como fazer o novo. Bem, neste caso se lhes deu a prática.

V.M. – Claro!

P. – Porém, existem alguns instrutores muito reacionários para falar em público, em seguida, destes temas. Mais para o final...

V.M. – Não, isso se pode dar menos da metade da Fase A. Entregá-lo, porque isso é uma necessidade.

P. – Sobretudo às pessoas que estão casadas, que já podem começar a praticar?

V.M. – Sim, explica-se aos casados e solteiros, porque essa é uma base e não a podemos calar.

P. – Creio que há uma orientação sua que me parece muito razoável: Que um homem a dê aos homens e uma mulher às mulheres.

V.M. – Sim.

P. – Para que haja mais confiança?

V.M. – Sim, mais confiança, mais confiança, claro! Sim, isso sim, fica bem!

P. – Mestre, já o senhor sabe como somos gulosos. Se o senhor já está cansado...

V.M. – Olhe, eu os convido, se querem, às seis da tarde, porque eu quero aproveitar o tempo ao máximo; pode ser às cinco.

CAPÍTULO III – OS SETE CENTROS

Mestre Rabolú – Passe a foguear os sete centros. Você fala até onde você tenha compreendido e tudo; depois já ampliamos.

É que, olhe, aparentemente esta classe dos centros, parece uma coisa insignificante e é básica e fundamental para nós no trabalho. Isso é básico e fundamental. Agora lhes dou a explicação do porquê.

Sim, isso dos sete centros não lhe puseram muito cuidado, porque assim somos nós, não lhe damos essa importância. Sim, tem importância, porém, é grande, básica para nós. Então pode começar.

(Um estudante passa a expor o tema).

V.M. – Um momentinho! Vou ampliar um pouquinho, com o perdão de vocês, vou ampliar um pouquinho, porque estamos numa escolinha. De modo que, pois, vamos ampliar isto um pouco mais, para benefício de todos.

Bem, como dizia nosso irmão que acaba de nos explicar este tema, temos aqui estes centros, que são os centros inferiores.

Cada centro tem o seu hidrogênio próprio, que em nós está todo trocado ou desequilibrado, pelo motivo de que nós não temos uma ordem dentro de nós mesmos, para poder equilibrar estes centros, para que trabalhe cada um com sua própria energia ou seu próprio hidrogênio.

Então, que acontece? Como estão deslocados estes centros, todos estes centros roubam a energia a este (centro sexual). Quando este se vê roubado, para poder trabalhar, tem que roubar dos outros centros. Então se carrega de hidrogênios mais pesados. Vem o desequilíbrio sexual e vem o desequilíbrio em toda a máquina humana. De modo que, pois, é muito importante ter isso em conta, porque agora lhes vou explicar. Vamos aprofundar um pouco isto.

Então, para que trabalhe cada centro com seu hidrogênio próprio, devemos começar o trabalho psicológico, ou seja, a morte em marcha é muito importante para isso. Por quê? Porque nós, no trabalho da castidade, que é básico e fundamental para nós, começamos com o mercúrio seco, como o Mestre o chama, ou mercúrio negro – digo eu – que vem a ser, em síntese, a mesma coisa; ou seja, está trabalhando mal o centro sexual, porque está carregado de outras energias, de outros hidrogênios mais pesados. Então, não pode produzir a energia de que se necessita para fabricar os corpos solares.

Então, começa-se com o mercúrio negro, através do trabalho psicológico, e lutando com a transmutação; passa essa energia do mercúrio negro, como eu o chamo, ou seco, como diz o Mestre, à cor branca. Ponhamos muito cuidado! Anotem isso, porque isso é importante, porque esse é o trabalho psicológico para nós podermos entrar no esoterismo, na alquimia. De modo que, pois, isto é básico, isto que lhes vou explicar.

Depois de purificações, passar por purificações do mercúrio branco, passa à cor amarela. Amarelo que é o enxofre.. Isso indica que vai equilibrando os centros; a purificação da energia vem pelo equilíbrio dos centros, os quais vai equilibrando. Depois de seguir nosso trabalho, porque cada vez temos que ir intensificando muito mais o trabalho, vem o resultado, o quarto, que é o fogo sagrado, a cor vermelha. É quando se desperta o Kundalini, que é com o qual vamos fabricar nossos corpos solares.

Assim que, vejam, a importância que tem o equilíbrio dos centros inferiores, para nós podermos elaborar, em nosso próprio laboratório, a energia, ou seja, o hidrogênio 12, que é o do sexo, o qual, transmutado, é o SI-12. É o resultado já; quando a energia está transmutada, o resultado é o SI-12, que é o fogo sagrado.

Vejam vocês, este é um tema ao qual não se põe muito cuidado, e é básico e fundamental para nós podermos começar o trabalho da revolução da consciência, equilibrando primeiramente os centros, para poder produzir o hidrogênio SI-12. Do contrário não se o produz. E então, quando vamos fabricar os corpos solares? Quando

vamos despertar o Kundalini? Jamais, se não equilibramos esses centros! Ou seja, que isso é básico para nós.

Podem estar praticando magia sexual. Se não equilibraram os centros, estão trabalhando desequilibradamente, com outros hidrogênios mais pesados que o que corresponde a cada um. Está perdendo seu tempo. Lamentavelmente está perdendo tempo, porque não chegará a despertar o Kundalini, assim, com os centros todos deslocados.

Então, o trabalho psíquico, a morte em marcha, é muito importante para tudo isto: Ir equilibrando cada centro com seu próprio hidrogênio.

Estão entendendo bem a importância que tem esse tema? Porque, sem isso não se pode chegar a nada. Totalmente se está perdendo o tempo. A gente o perde lamentavelmente e crê que vai marchando bem. Não! Mentira! Enquanto não haja equilíbrio destes centros, está-se perdido! Ou seja, que isto é uma base para se começar um trabalho já sério, verdadeiro, porque o sexual está trabalhando mal, e todos estes centros estão trabalhando mal, pelo cruzamento de hidrogênios mais pesados, mais leves. Enfim, está louca a máquina humana! Não pode produzir sua própria energia.

Então, a morte em marcha dá como resultado o equilíbrio destes centros. Esse é o resultado. Ir tirando muitas coisas. Como lhes dizia eu ontem: nós estamos apegados aos brinquedos que nos pôs a natureza.

Que é tudo o que vemos neste mundo? Neste planeta? São brinquedos que nos põe a natureza, porque à natureza não interessa, nem lhe convém, que nós nos liberemos. Então ela nos põe todos os entretenimentos; pôr-nos a comprar uns brinquedos para um menino, para que se esqueça de pedir "água açucarada" ou comida. Igualzinho, exatamente igual. E nós, de bobos, nos entretemos com todos esses brinquedos que a natureza nos põe e esquecemos o trabalho sobre nós mesmos.

Vamos ver, perguntas, para ver se ampliamos mais.

Pergunta – Eu tenho uma pergunta. Este hidrogênio sexual SI-12 é o que vem a produzir, ou conferir, dar à pessoa a potência sexual que se necessita para a magia sexual?

V.M. – Bem, muitos têm a potência sexual, porém, não estão trabalhando com sua própria energia, Não? Que é o hidrogênio 12. Então, estão trabalhando com outros hidrogênios mais pesados. Então vêm as caídas sexuais, poluções e milhares de coisas, porque está desequilibrada a parte sexual. Temos que começar o trabalho psicológico, do contrário não podemos equilibrar os centros.

P. – Ou seja, nós temos o 12 e temos o trabalho da morte em marcha.

V.M. – O 12 é quando já se começa a trabalhar, a equilibrar a parte sexual, e o SI-12 é quando já se transmuta, que é o resultado do fogo. Não podemos confundir o 12 com o SI 12. O 12, a energia sem transmutar; e o SI-12, já transmutada, que é o resultado do fogo.

P. – À medida que se vai trabalhando na morte psicológica dos defeitos, então, cada centro desses vai colhendo seu próprio hidrogênio?

V.M. – Seu próprio hidrogênio, e vem a mudança das cores da energia. De acordo com o trabalho psicológico que faz cada um; então, vai trabalhando mais equilibradamente a parte sexual. O centro sexual então vai começar a trabalhar com seu próprio hidrogênio, então já existe um equilíbrio.

P. – Já não rouba aos outros?

V.M. – Já não rouba nem se deixa roubar, porque tudo está buscando seu equilíbrio, cada qual, cada centro com seu próprio hidrogênio.

P. – Donde surge a energia intelectual?

V.M. – É que, vamos esclarecer essa parte do intelecto. O intelectual gasta suas próprias energias...

P. – De onde tira a energia?

V.M. – Da parte sexual, porque é um ladrão da parte sexual. Então, em discussões, em coisas assim, está malgastando sua própria energia. Entendeu? Então, não vamos dizer que a parte intelectual está gastando energia. Está gastando energia, porém, da parte sexual. Está desequilibrando totalmente.

P. – Quando não há uma grande potência sexual, deve-se ao desequilíbrio também?

V.M. – Neste, pensando em damas, pensando em luxúria e em milhares de coisas, está gastando sua própria energia, e no dia em que lhe toca, já não vai servir para nada. Então vem o desequilíbrio sexual, porque aqui gasta suas energias bobamente, por maus pensamentos luxuriosos, enfim. Então, quando já vai usar verdadeiramente a parte sexual, já não lhe vai servir. Vem por isso.

P. – Mestre, então, a todo pensamento que surja, o melhor é não lhe dar bolas?

V.M. – A morte em marcha! Saber que um pensamento que surgiu morboso, ou o que seja, é um ego. Então, a morte em marcha! Então, o que é o que... Não

assimilou ainda? Ah! Claro, para isso é a morte em marcha. Apelar à Mãe Divina: "Mãe minha, desintegra-me esse defeito!". Esse é um eu, uma ramificação, uma raiz!

P. – Quer dizer, então, se não o faz, está roubando a energia?

V.M. – Claro, se não o faz, está alimentando, está alimentando e está desequilibrando a parte sexual e está alimentando os elementos, dando-lhes mais vida, robustecendo-os mais.

P. – E assim mesmo ocorre em qualquer desses outros centros?

V.M. – Qualquer, qualquer! Por isso não vamos especificar que vamos trabalhar sobre o eu da ira, do orgulho, da luxúria, não. Vamos trabalhar sobre todo elemento psíquico, suas manifestações. Ir-lhe tirando, ir-lhe tirando esse alimento, ao que seja.

P. – Praticamente, Mestre, quando uma pessoa tem verdadeiramente problemas sexuais, ele mesmo se diz: "Sou impotente!". Deve-se a que ele...

V.M. – Malgasta suas próprias energias vagamente, com maus pensamentos luxuriosos, enfim.

P. – Em si ele é são. Somente porque sempre anda identificado com esses maus pensamentos?

V.M. – Claro, claro! Vê uma dama por aí: "Ai que dama tão bonita! Veja que beleza!". Que se está fazendo aí? Malgastando suas próprias energias. Ah! E depois lhe ocorre dizer: "Adeus, meu amor!". Pois aí vai a luxúria metida. Sim? Então o quê? Que é que se está fazendo? Malgastando-se energia tontamente.

Então, já viram vocês como se vai regularizando os centros e como produzir a energia que vai despertar o fogo sagrado. Do contrário, não pode despertar jamais ninguém, enquanto não equilibre isto.

P. – Mestre, também existem outros roubos de energia que ocorrem durante a noite?

V.M. – De que forma?

P. – Bem, pode ser um trabalho de magia negra.

V.M. – O único que eu conheço, por exemplo, de perda de energia, à noite, é quando há uma polução, porque a polução é provocada por nós mesmos – isso eu o escrevo em Ciência Gnóstica – por nós mesmos, por se fazer de tonto: "Ai, que dama tão bonita, que não sei quê...".

No dia se pode dizer sem má intenção, porém, à noite já se apresentam os fatos e vêm as poluções; repercute pelo cordão de prata numa polução aí. Por quê? Pela nossa tolice, sim? Não mais!

P. – Mestre, por que não nos amplia um pouquinho sobre os outros dois centros?

V.M. – Olhe, sobre os outros dois centros não há maior coisa que falar, porque em nós estão desconectados, pelo estado psíquico em que vivemos nós, tão horrível. Quando nós começamos a regenerar estes centros, para que trabalhem cada um com sua própria energia, estamos nos acercando dos centros superiores, para ficar completo o homem.

P. – Mestre, o senhor sabe que a situação energética, por dizê-lo assim, na Europa, é em realidade muito pior que aqui, pela vida muito pouco natural que se vive ali, por tanta química nos alimentos. Isto, dentro de não muito tempo, vai-se tornar ainda muito mais perigoso, porque agora vão desenvolver a genética e essa genética está entrando nos alimentos. É uma distorção dos alimentos que já está entrando na Europa e vai ser em grande escala. Então, vai chegar o momento em que nós vamos nos ver em dificuldade para conseguir alimentar nosso corpo físico.

V.M. – Bem, há uma só fórmula para isso, contra a energia nuclear, contra tudo: Quem vai despertando o fogo sagrado, vai-se classificando. Enquanto não faça isso, está perdido.

P. – Que significa classificar?

V.M. – Porque, observem, as explosões atômicas, você sabe que isso dura repercutindo muito tempo. Não? Quem tenha sua energia, já seu Kundalini desperto, ao inalar a contaminação... a energia que nós produzimos é eletrônica, é mais que a atômica. Então se combatem; vamo-nos isolando desse perigo. Somente o que tenha o fogo sagrado está imune dessas coisas. De resto, não existe fórmula que valha.

Dêem-se conta vocês, que daí parte isto que se falou muito da Arca de Noé, porque se salvaram foram casais. Não se salvou um varão ou uma fêmea, senão casais, porque transmutaram sua energia.

Isso! Arca é arcano. Então, todos os que têm o fogo sagrado, sobreviverão. Os demais sucumbirão. Aí está bem claro isso.

Porque os católicos dizem que a Arca era deles; e os evangélicos, enfim... Não, Arca

(arcano)!... Os casais que transmutaram suas energias foram os que tiveram acesso ao êxodo. Foi um êxodo, ao lugar onde já não há perigo. Porém, sobreviveram unicamente os que haviam praticado o arcano, o resto não.

P. – Mestre, como esse irmão fala da questão do alimento, este sólido que nós comemos para sustentar nossa máquina humana, seria bom, que eles, digamos, também tivessem seus terrenos de cultivo, onde tivessem, digamos, eles mesmos que cultivar seus alimentos?

V.M. – É que, olhe, é muito diferente a Europa de nós aqui. Isso não se pode comparar, porque lá tem que fazer produzir os terrenos à base de químicas, de adubos químicos. Aqui não, a terra dá natural ainda.

Então temos que nos pôr no campo onde está cada qual. Não? Esse é o problema, que lá tem que apelar aos adubos químicos, porque não pode ser de outra maneira, porque a terra já está morta, porque a terra vai morrendo de acordo com a humanidade. Em lugares onde usam mais a química para subsistir, morre mais rápido.

A terra leva uma morte lenta. Conforme nós nos consumimos também lentamente no abismo, a terra vai passando por uma morte também.

P. – Ainda que o senhor nos tenha dito que era conveniente que tivéssemos, os gnósticos, cada qual, oxalá, tivesse uma terrinha para cultivar, e isso, na Europa, poderia ser também uma necessidade, até que vamos, que os grupos se organizem...

V.M. – Teriam que começar vocês por adubar o terreno com adubos naturais.

P. – Seria melhor?

V.M. – Claro, nós o temos feito no solo aqui; aí cultivamos verduras para comer, sem química e sem nada. Vamos adubando o terreno com adubos naturais.

P. – Ir organizando?

V.M. – Ir organizando. Oxalá todo mundo tivesse um terrenozinho onde cultivar.

P. – Porém, vale a pena meter energia nisso, por lá?

V.M. – Vale a pena. Não se sabe quando, a destruição do planeta não se sabe quando vai ser. Pode ser logo, ou pode demorar. Porém, isso antes é gradual; isso não é de hoje para amanhã.

P. – É que, no passo que vamos, esses alimentos que se compra lá, já não têm nutrição.

V.M. – Sim! Não, não, não! A gente se enche, porém, então não se está ingerindo as vitaminas de que necessita o organismo. Não as ingerimos. Aqui, graças a Deus, ainda se consegue natural.

Bem, entenderam a importância deste tema? É básico para nós.

Comentário – Não é um tema qualquer.

V.M. – Nós o lemos no livro do Mestre e não lhe damos a importância que lhe devemos dar. Porque, sem esse trabalho, não podemos chegar a ser alquimistas, não podemos fazer a revolução da consciência. Como? Não se pode. Isso é básico.

P. – Mestre, falando dos três por cento de essência. Uma vez eu disse que temos esses três por cento de essência livre, porém, não está ativa. E alguém me perguntou, como poderia eu demonstrar que, sim, temos esses três por cento? Ele aceitava os noventa e sete por cento encerrados no ego. Porém, dos três por cento dizia: "Necessito provas!"..

V.M. – Que o prove com a meditação e libere os três por cento, se quer comprovação.Que libere objetivamente esses três por cento, porque esse é um Deus em miniatura, porém, poderoso, capaz de tudo, sim!

P. – Ou seja, que, sim, pode-se com este exercício, que, sim, temos esses três por cento?

V.M. – Sim, que essa pessoa use a meditação e que nos conte depois, para ver o que conseguiu com a meditação. Sim, esses três por cento são um Deus dentro de nós, estando conscientes. Para isso é a meditação, para lhe dar consciência e se mova com plena consciência essa partícula divina em seus mundos eletrônicos.

P. – Mestre, é que há pessoas que querem que lhes falemos dessa parte de lá, interna, que é a essência, aqui na parte física. Isso não se pode, sim? Então, por aí, numa ocasião me comentaram de algo, que alguém lhe perguntou que lhe mostrassem Deus. E o senhor, dizem, lhe deu um golpe no estômago e depois disse: "Mostre-me a dor!".. Que é algo que não se pode ver.

V.M. – Sim, uma coisa absurda. Quem viu Deus? É uma força. Agora, Deus, no conceito que temos de Deus, nós personificamos a Deus. E Deus é o conjunto de hierarquias que se unem por meio do verbo para criar mundos, bestas, deuses. Então, não podemos personificar a Deus. Deus quer dizer toda a hierarquia.

P. – Temos uma pergunta com respeito a este tema, que nunca pude responder bem e é que o senhor diz que se entra no mundo causal na meditação, ou nos mundos superiores. Porém, do mundo mental não se diz nada?

V.M. – No mundo mental entramos com o mental. Para isso cada dimensão tem o seu corpo.

P. – Isso não é meditação?

V.M. – Não. Olhe, eu lhe vou dizer o que fiz, para que não se quebrem a cabeça.

Quando eu cheguei ao México, a primeira vez, eu era um tipo que conhecia o astral por todos os rincões, toda parte. Então me diz o Mestre: "Bem, tu já conheces todos os rincões do astral. Não tens nada que aprender aí. Vais, esta noite, passar ao mundo mental, para despertar a consciência a teu corpo mental".

Disse-lhe:

– Dê-me a chave.

Deu-me a chave. Qual é? Como já se sai consciente no astral, então no astral se faz esta operação – já se sabe que se está em corpo astral – então se ordena, porém, com voz militar: "Corpo astral, sai de mim!". E se faz esta operação. Tran! Como que se tira algo de cima.... ficam separados os dois corpos, o astral e o mental, e podem conversar os dois corpos, e se vê a diferença de um corpo para outro.

Então, já em seu corpo mental, passa ao plano mental, conscientemente. Isso não é nenhum trabalho. Sim?

P. – Ou seja, é um desdobramento no astral?

V.M. – No astral, faz-se o desdobramento, sim.

P. – Mestre, perdão, diz-se: "Corpo astral, sai de mim?".

V.M. – Sai de mim! Faz-se assim, como que se tira algo de cima. Tran!

P. – Então se separa a mente do astral?

V.M. – O corpo mental, não a mente, senão seu corpo mental.

P. – Porém, ordena-se ao mental ou ao astral?

V.M. – Ao astral. "Corpo astral, sai de mim!". Tran! E faz-se assim, tran! Forte, a militar, e podem conversar conscientemente os dois corpos.

P. – Temos um erro aí. Por exemplo, primeiro estamos com o corpo físico, e eu digo: "Corpo astral, sai de mim!". Nesse momento não está saindo do corpo físico e entra no mundo astral?

V.M. – Você está confundindo alhos com bugalhos! Sim?

P. – Porém, isso não o podemos fazer se não temos esses corpos?

V.M. – Claro, claro! Não confunda a parte tridimensional com a parte tetradimensional e quinta dimensão. Cada coisa em seu posto, porque aí vêm as confusões.

P. – E pessoas, como nós, que não temos esses corpos, não podemos fazer isso?

V.M. – Não. Temos que fabricar primeiramente o corpo.

P. – Se não, não chegamos a conhecer estas dimensões?

V.M. – Não.

Então, nessa noite o Mestre me deu essa prática, como às sete da noite, e me disse: "Amanhã me entregas a tarefa! Amanhã!"..

Ele não me dava uma prática para que eu, quando pudesse... Não! Senão era: "Amanhã me entregas a tarefa!". E se não a entregava, pobre diabo, porque então vinha uma grande repreensão, sim. Porém, graças a Deus, nunca passei por essas repreensões, porque eu, sim, era pontual nisso..

Então, nessa noite fiz a prática. Desdobrei-me, passei ao plano mental. Então invoquei minha legião no mental. Então estavam passando como bodes, brincando como machos e eu, envaidecido, olhando a grande legião.

Quando me dei conta... pois eu não a estou investigando! Então os fiz regressar e comecei a falar com um por um com eles. Um por um. E o Mestre se estava dando conta e eu não via o Mestre nem a ninguém por aí.

No outro dia me disse o Mestre:

– Que houve? A lição? Disse-lhe:

– Eu a fiz assim e assado. E me disse:

– Porém, estava-lhe passando um detalhe. Disse-lhe:

– Qual, Mestre? (V.M.S.)

– Tu estavas deixando passar tua legião e não estavas investigando um por um, e quando caíste em conta, fizeste-os regressar. É assim ou não é?

– Sim, Mestre, é assim. E eu não via o Mestre, porém ele, sim, estava-me vendo. Então, uma mentira aí não cabe. Sim, é que se diz a verdade, porque se diz.

Então, eu lhes falo de todas estas dimensões, de todas estas coisas, porque as conheço, movo-me, não? E eu já não lhes falo, por exemplo, do que escreveu o Mestre, para ampliar, porque eu tenho o conhecimento, porque eu nunca falo do que fala o Mestre. Amplio, sim, amplio mais, porque eu tenho mais tempo do que ele, para detalhar mais coisas. Em troca ele tinha que escrever assim a vôo de pássaro, em geral, porque não tinha tempo. Não porque não soubesse, senão que o tempo, o fator tempo não o alcançava.

P. – Ou seja, que, se nós nos queremos enfrentar com o ego, isso o podemos fazer, porém, ou seja, eles estão no plano mental, não no plano astral?

V.M. – Não é que se vá enfrentá-los, porque não vamos lá para guerrear com eles, senão se vai para ser de amigo para amigo, para investigar como se alimentam, como os alimentamos;
enfim, tudo, em detalhe.

P. – Porém, no astral também se pode invocar os eus?

V.M. – Não. No mental. No astral vão em um só. Em troca, no mental, sim, pode, porque vem uma multidão de gente, e sabemos que tudo isso somos nós mesmos. Sim?

P. – Não entendi o que o senhor disse do astral. No astral também se vêem muitos eus? Não é um?

V.M. – Porém, saem esporadicamente. No mental é que você pode tirar todo esse grande exército, para dialogar com eles.

P. – Como legião?

V.M. – Isso! E a gente sabe que todos esses elementos que aí existem somos nós mesmos.

P. – No astral não é possível ver que se é uma legião?

V.M. – Não, não! Aí não.

P. – Uma hierarquia nos poderia dar, ajudar-nos numa experiência no mundo mental?

V.M. – Temos que fabricar primeiramente o corpo mental.

P. – Ou seja, praticamente essas pessoas que têm essas experiências, ou o que eles chamam experiências, são projeções do ego?

V.M. – Projeções!

É como alguém, por exemplo, enquanto não tenha fabricado o corpo astral legítimo. O astral se divide em dois: o positivo e o negativo; solar e lunar. Então, o comum das pessoas chega à parte lunar. Não passa à solar. Para passar à solar, tem que ter fabricado seu corpo astral.

P. – Se não, não chega a conhecê-lo?

V.M. – Não, não, não! E assim acontece com o mental também.

P. – Também tem lunar e solar?

V.M. – Claro!

P. – O lunar, sim, podemos conhecê-lo?

V.M. – O lunar, sim. Na parte lunar, porém, não podemos investigar a fundo as coisas aí, porque tudo é ilusório; há muito engano. Em troca, na parte solar já é a realidade.

P. – Voltando ao tema. A prática que se deve ensinar neste tema é a morte em marcha?

V.M. – Aqui a morte em marcha é especial. Assim equilibramos todos esses centros. Então cada centro vai trabalhar com seu próprio hidrogênio e o resultado é que elaboramos o hidrogênio 12. Depois, pela transmutação, converte-se em SI-12, que já é o fogo.

P. – Mestre, quando, em suas saídas astrais, ao retornar ao corpo físico, o senhor se dá conta que penetra outra vez ou não?

V.M. – E quando saio também.

P. – E sempre pela pineal?

V.M. – Sim, por aqui, pela pineal. Aí não existe outra entrada nem saída.

P. – Porque, às vezes, a gente não se dá conta disso, quando eu olho a cama e vejo lá o vulto, o físico; porém, eu não me dou conta por onde saí, senão que ocorreu o fenômeno.

V.M. – Porque lhe falta concentração no que está fazendo. Esse fenômeno é porque não
se está concentrado no que se está fazendo. Quando se está concentrado, sente-se tudo. Tudo, o mínimo no corpo; quando o corpo astral se está desprendendo e quando se sai por essa glândula também. A gente se dá conta do mínimo.

P. – Então os que dizem que se despega pelo cordão?

V.M. – Não, esqueça-se, não, não, não!

P. – Mestre, a prática jinas está sendo cada dia mais necessária?

V.M. – Pois, sim.

P. – Ensiná-la nos grupos?

V.M. – E isso é muito bom, porque se vai com tudo e seu corpo físico.

Sabe que não me agradou muito. Bem, essa é uma exigência também. Inconformidade! O corpo astral é como um relâmpago de rápido e o jinas é muito lento e a gente quer acelerar e não pode, não pode.

Eu o fiz. Porém, não sei... Pratiquei mais com o astral, porque é tão rápido como um
relâmpago. Rápido! Em troca, o jinas, sim, é lento, lento, lento.

P. – Ou seja, Mestre, por exemplo, quando se pede algo, porém, primeiro vai ao Íntimo e se pede ao Pai: "Pede tu, ajuda-me tu nisto, através do Mestre Rabolu ou Samael?".

V.M. – Não, não, não! Peça-o diretamente a ele! Diretamente a ele!

P. – O que seja? O que se queira?

V.M. – Porque nisto você está desconfiando dele.

P. – Ao invocar a outro Mestre?

V.M. – Claro! Para que vá ele e o diga a outro Mestre? Não! Pede-se diretamente a ele. Ele verá que vai fazer, sim! Ele verá! Não devemos duvidar nunca do Íntimo. O Íntimo de todo mundo é um Mestre!

P. – Não se pode estar pedindo a cada momentinho...

V.M. – Quanto mais se peça ao Pai e à Mãe, mais perto os temos nós a eles aí. Nós nos isolamos quando não lhes pedimos nada. Vamos nos isolando deles. Quanto mais pedimos, vamos nos acercando mais. Claro, estar atentos ao Pai e à Mãe.

P. – Porém, dá no mesmo, pedir ao Pai ou à Mãe?

V.M. – É o mesmo. São duas partículas de uma mesma coisa, que é da Mônada. São duas partículas da Mônada. Então, se se pede ao Pai ou quem se pega à Mãe também. Em síntese é um só.

P. – Mestre, por exemplo, quando alguém pede algo, pede algo ao seu Ser interno, o que seja, uma ajuda para o despertar, força para trabalhar na auto-observação. Porém, eu relacionei isso, que muitas vezes fisicamente estamos buscando algo, e vem uma pessoa estranha e diz: "Que procuras? Que queres?....". E não se diz nada a seu Ser interno. Não tem nada que ver isso?

V.M. – Não tem nada que ver. Porém, o que acontece é isso. Se, por exemplo, uma hierarquia viesse nestes momentos e perguntasse a um por um: "Pede-me uma coisa que necessites, o que tu queiras pedir, que te nasça!".. Ela pede. Porém..."Se lhe tivesse pedido outra coisa...". E nenhum de nós sabe o que pedir num momento desses. Entende?

Não nos conformamos com uma coisa só, senão que pedimos, queremos várias coisas ao mesmo tempo. Por isso nos propõe uma hierarquia, para que se peça o que se queira, e não se sabe o que pedir, porque, com uma coisa só não nos vamos conformar.

P. – E quando a gente, por exemplo, em Frankfurt, fazemos a prática dos 27, do 26 para o 27, fazemos uma prática longa, e nesse dia em que vamos ao templo, que estamos reunidos lá, todos temos esse pensamento: Que devemos pedir coisas espirituais; porém, todo mundo diz: "Que coisa eu terei pedido?".

V.M. – O que acontece é isto, que se pode ter a firme intenção de pedir uma coisa espiritual, porém, lá é o ego que pede. Aí está o problema.

P. – Não obstante, o senhor recomenda essa prática da cruz?

V.M. – A cruz. Essa é para fazer uma petição ao tribunal.

P. – Diária, para pedir força, para seguir adiante. Isso é uma petição que, em realidade, se a gente a faz, isso é muito forte?

V.M. – Olhem o que me aconteceu a mim numa cadeia do 27, faz anos isso.

Eu fui com o Mestre Samael à Grande Cadeia que é. Quando, chegando lá, eu tinha um grupo muito bom em São Salvador. Disse-lhe:

– Mestre, eu quero chamar os salvadorenhos, para que assistam. Disse-me:

– Deixa-os, porque eles vêm. Disse-me ele. Eu insisti, de teimosia:

– Não, Mestre, eu quero!... Disse ele:

– Bem, invoca-os!

Chamei-os e chegaram e se forma a Grande Cadeia, imensa.

Veja, nessa noite suei o indizível. Corria-me o suor como água, de ver as tolices que pedia cada um, porque a cada um vão perguntando.

Ouça! Suei. Uns que queriam dinheiro para comprar uma vaca; outros, para um burro; outros, para tombar uma montanha. Enfim, não, não, não! Coisas tão absurdas! Ouça, nós, ante grandes hierarquias e saindo com uma coisa dessas! Isso é vergonhoso! Ouça, eu fazia força! Nessa noite suei.

Então, quando me tocou o meu turno, eu pedi força para continuar trabalhando, lutando. Então voltou e me disse: "Pede algo mais, que te será concedido!".. Eu não pedi nada material, porque eu recorri, quando me tocou pedir, ao Íntimo, para que ele pedisse, não fosse o ego a se meter aí. Então, o Íntimo foi o que pediu. Então, quando voltou outra vez o Logos para repetir que pedisse algo mais, voltei e apelei ao Íntimo!... Silêncio! Eu não necessitava mais, senão isso: Força!

O Mestre, no outro dia, me disse:

– Por que não pediste economicamente?

– Não, Mestre. Eu não sou dos que matam um tigre e ficam com medo da pele, não! Eu nasci pobre e eu não tenho medo da pobreza. Sim?

Lá se fica praticamente cego.

P. – No momento de pedir?

V.M. – Não, na presença do Logos e de todas essas grandes hierarquias, porque a gente não pode olhar nem as sandálias deles. Das sandálias emana luz que nos cega. Por lei temos que fechar os olhos porque não suportamos a luz. Eu me olhava assim, e a luz transpassava. Então, é uma luz que a vista não pode suportar. Não pode. Então, temos que fechar os olhos, queiramos ou não queiramos.

P. – Mais poderosa que a luz do Sol?

V.M. – Não!... Quem sabe quantas vezes, claro! E temos que ver a humildade desses grandes seres, a humildade tão grande. Não a humildade artificial como fazemos nós, porque nós nos fazemos de humildes, para fazê-lo crer aos demais. Não! Aí a humildade natural, que nasce do coração. Isso, sim, é bonito e notório!

Em troca, nós, é "ai, irmãozinho, ai", porém, tudo fingido, sim, enganando a nós mesmos. Isso é enganar-se. Quando se trata de enganar a outro, o enganado somos nós. Não podemos chegar a esses extremos.

P. – Temos uma questão sobre este aspecto, que nosso Ser é um Mestre, nosso Pai interno. Porém, também se diz que o Pai, ou a Mônada, necessitam que nós façamos o trabalho, para ele ser um Mestre.

V.M. – Isso mais adiante o vamos tratar. Vamos tratar muitos temas importantes daqui em diante, para que não cruzemos. Vamos, cada coisa em seu posto. Nas Três Montanhas, vou explicar-lhes bem As Três Montanhas, por separado, para que vocês tenham uma idéia, como é o trabalho e como temos que fazê-lo.

P. – Quero um último esclarecimento. Às vezes, quando se diz Íntimo, não é o Pai-Mãe, ou é o Cristo Íntimo, ou é esse Cristo...

V.M. – Bem, aí é o Cristo Íntimo. Aí é o Cristo Íntimo. O Íntimo é Íntimo, ou seja, uma partícula do Pai, e o Cristo Íntimo é quando já se encarna o Cristo dentro de nós. Observe você a diferença que existe aí.

P. – A essência é uma partícula do Íntimo ou também uma partícula do Ser?

V.M. – Da Mônada, vem do Ser, a essência.

P. – Ou seja, o Íntimo é uma partícula de nós?

V.M. – Divide-se em partículas. Cada partícula cumpre uma função dentro de nós. Isso o vamos explicar bem, para que levem bem concreto tudo.

P. – Com a transmutação se fortalece a essência?

V.M. – A essência e todos os centros e tudo se fortalece com a transmutação. Tudo, porque se sente um corpo com energias, não? Um corpo sem energia não vale nada. Então, todo organismo e toda a parte interna, tudo se nutre da transmutação.

P. – Perdão, uma pergunta, Mestre. Depois da prática do arcano, o Ham-Sah pode ser utilizado para... aí se segue transmutando ou simplesmente...

V.M. – Só com inalação e exalação é suficiente. Depois da desconexão, boca para cima, assim (respirar profundamente), sem necessidade de mais nada.

P. – Correm vozes que, muitos dizem que depois da união sexual, o marido, ou a esposa, tem que se separar e ir fazer a transmutação em outro aposento.

V.M. – Não senhor! Aí mesmo! Aí mesmo se fazem as inalações, para acabar de transmutar essa energia.

P. – Não temos que mudar de lugar, nada disso?

V.M. – Essas são travas que nos pomos. São travas!

P. – O mantram Ham-Sah, para a prática do arcano, tampouco deve ser usado? Ou seja, quando se faz a conexão, fazer o Ham-Sah? Ou somente é a base de inalações?

V.M. – Inalações. É o Kandil-Bandil, ou se faz mentalmente.

P. – O Ham-Sah não serve (para o arcano)?

V.M. – Não, não, isso é para solteiros. Isso o Mestre o deu unicamente para solteiros.

P. – O I.A.O.?

V.M. – O I.A.O. também.

P. – Mestre, por que a gente não experimenta, quando o Mestre fala do êxtase, quando fala do arcano, por que um casal assim não experimenta o êxtase?

V.M. – Por falta de prática. Fazem o trabalho muito animalescamente. Então não se consegue verdadeiramente realizar o êxtase. Isso é tudo. É à base de pura prática.

P. – Mestre, não entendo este assunto. Durante o arcano, durante a prática do arcano, mantralisa-se o I.A.O., para a transmutação das energias sexuais; depois da separação, com a inalação e a exalação, também se pode fazer o HamSah?

V.M. – Com Ham-Sah, respeitando, pois, que esse mantram o ensinou o Mestre unicamente para solteiros.

P. – Bem, então, inalação e exalação. Com isso se segue, ou com Kandil-Bandil se segue a transmutação ou é só para subir a energia?

V.M. – Para subir a energia, para subir a energia. As inalações e exalações são para continuar essa energia que, como digo, está depositada, porque não se alcançou transmuta-la, fazê-la subir; mais ou menos meia hora.

P. – O Kandil-Bandil se pronuncia, vocaliza-se...

V.M. – No momento da conexão pode ser feito mentalmente.

P. – Ou o I.A.O. ou o Kandil-Bandil Rrrrr?

V.M. – É correto, sim, um ou outro. Não, não, não mesclar.

P. – Qual é o objetivo de que se deve imaginar que, quando a energia transmutada chega ao coração, essa energia logo se expande em forma de luz?

V.M. – Em Luz.

P. – Por todo o corpo? É para que o corpo se ilumine ou qual é o objetivo?

V.M. – Não é para o corpo, senão para fora do corpo. É onde o iniciado vai criando a auréola ou a aura, é pelo fogo sagrado.

P. – Isso é o que se chama: "Faze que tua luz brilhe?".

V.M. – Porque isso se converte em amor pela humanidade.

P. – E essa é a auréola que protege?

V.M. – Essa é a auréola que protege o iniciado.

P. – Essa auréola se vai formando à medida que se vai refinando o arcano?

V.M. – Os três fatores. Porque o fator sacrifício pela humanidade faz brilhar essa aura, porque existe o nosso amor pela humanidade. Então, vai-se fazendo mais resplandecente essa aura. Ou seja, os três fatores; não se pode descartar nenhum.

P. – Mestre, quando se está praticando o arcano, pode-se pedir, se se sente uma dor, uma enfermidade, pode-se pedir nesse momento, praticando, pedir à Mãe Divina para que nos ajude para a cura?

V.M. – A cura, sim, senhor! Se não é por carma, a Mãe Divina atua e se fica curado radicalmente, porque ela, com o fogo sagrado, queima as escórias, as larvas e tudo. Porém, quando é por carma, sim, não nos vale nada, porque ela atua de acordo com o carma. Se é carma, não atua.

CAPÍTULO IV – A INICIAÇÃO E AS PROVAS

Nesta noite vamos falar sobre a iniciação e as provas.

Quando se entra no caminho iniciático, e já se está começando a trabalhar, vem-nos uma série de provas terríveis, porque nos têm que provar em todo sentido, para ver se merecemos ou não merecemos seguir escalando.

Essas provas... provam-nos no econômico, provam-nos com a família, provam-nos com a honradez, melhor dito, com tudo. Aí é onde nos tiram a prova de Irene. O Mestre creio que fala dessa prova. A prova de Irene é sobre a luxúria.

Bem, agora lhes vou enumerar umas quantas provas, assim, a vôo de pássaro, porque não podemos esmiuçar todas, porque é uma série de provas e acontecimentos terríveis. E o pior de tudo isto, porque, quando nos vão provar, nem pela nossa mente passa que o corpo astral, nem a Gnose, nem nada, senão, atua-se com a consciência que se tem aqui fisicamente, porque uma prova não no-la vão tirar inconscientemente. Despertam a consciência com que se atua aqui e se acredita que a prova é aqui.

Se se está consciente, perde-se a consciência no astral, do astral, para atuar já como se atua fisicamente. De modo que antes de começar a receber a primeira iniciação, são meses, até anos que nos provam, tirando-nos provas diariamente. Isso

não é... é como uma disciplina, porém terrível, e aí é onde nos vale, para sair bem nessas provas, vale-nos o trabalho psicológico da morte em marcha. Essa é a que nos ajuda a nos defender, para sair bem na provas.

Porque, é que as provas grandes, passa-as qualquer um. Por exemplo, a prova do guardião, passa-a qualquer um. As quatro provas, da terra, fogo, água e ar, passa-as qualquer um. As provas diminutas, pequeninas, que, não, não... essas são as mais perigosas e aí é onde fica a maior parte dos iniciados, nessas provas, porque não se crê que é prova. Ah! Com pegar, encontrar dez centavos... e que valem dez centavos? Perde-se uma prova. Com isso já se perde uma prova.

Provam-nos com a família; sim, que nos provam aí, com esse fator família. Ai, ai, ai! Isso é terrível e são as provas mais dolorosas para nós. As provas com a família.

Vou lhes fazer uma narração a vôo de pássaro. Acontece que uma vez passei por uma prova, pela prova da família. Eu tinha Hugo, que era o filho maior. Tinha como uns seis ou sete anos. Eu estava em Ciénaga, eu regressava para casa, quando lá onde Marcos Hortúa deu a notícia que Hugo havia morrido, que havia morrido o meu filho.

Bem, eu disse: Isto será brincadeira, porém, uma brincadeira muito pesada, dizia eu.

Eu me fui, duvidando em todo o caminho. Quando cheguei a uma parte donde se via para a casa, vejo todo o pátio cheio de gente, de luto, de preto. Cheio.

Então eu disse: Sim, vai ser certo. Vai ser certo!

Bem, pois eu segui. Quando cheguei, ia chegando à casa, saiu minha mulher, chorando e gritando e me contando. Eu não contestei nada e disse: Vou ver para comprovar.

Cheguei. Sim, estavam-no velando numa mesa; velando-o aí. Cheguei e o toquei. Voltei e saí para fora, calado. Eu não disse nada. Então me reclamava a mulher aí, reclamava-me e dizia: "Era certo que eu não queria este filho!”.

Então, voltei-me e lhe disse eu:

– De que filho está me falando você? Disse ela:

– Do que está aí, morto! Disse-lhe:

– Nós fabricamos esse revestimento, que foi o que morreu. O de dentro não morreu; e, ademais, esse que você diz filho, é parte da humanidade, porque nós

somos a grande família. Então, eu não sei de qual filho você me está falando. Esse é filho de Deus, o mesmo que é qualquer ser humano.

Apagou-se aquela fita de luto, de tudo isso. Puras hierarquias me estavam provando aí; puras hierarquias, para ver se eu derramava lágrima ou não. Eu reagi bem, já havia compreendido essa parte. Então, não, não tive nenhum problema.

Porém, observem vocês, como nos provam e se acredita que isso é certo e se acredita que é aqui e agora. Uma prova dura!... Provam-nos a ambição, tudo. Melhor dito, em todo sentido. É uma disciplina rigorosa para se poder entrar no caminho iniciático. Se não, não passa, e por um detalhezinho se pode ficar aí.

Vou-lhes contar um detalhe dessa época em que eu estava na disciplina para entrar no caminho iniciático. Encontrava-me em Barranquilla, no armazém Ley, com outro amigo. Disse-me:

– Acompanha-me que eu vou comprar uma caneta de que necessito.

Eu não ia comprar, senão acompanhá-lo. Meti-me na loja com ele. Chegamos a um compartimento onde vendiam só canetas. Olhou-as. E eu tinha duas canetas em meu bolsinho. Eu peguei essas coisas e colhi uma. Olhei-a assim. Voltei e a pus aí.

E passamos a outro mais, em que vendiam canetas mais finas. Conclusão: Ele comprou lá. Porém, comprando lá, disse-me a senhorita que atendia aí:

– Veja, senhor, ficou-lhe a caneta.

Sabendo eu que não era a minha e uma caneta dessas a peso, quando isso era a peso, uma bagatela aí, desprezível, e digo eu. Fui e recebi a caneta e digo:

– Obrigado, senhorita, veja, assim é que se coloca as canetas! Pondo-a aqui no bolsinho, disse para mim: Já tenho três canetas!

Mais ou menos aos dois metros que já saímos do... que saímos, aos dois metros... Prumm! Uma prova! Aí fiquei no caminho iniciático. Aí fiquei, por uma canetazinha que valia um peso nessa época.

Provas sutis. Então, para isso nos serve a morte em marcha, para sair bem em todas essas provas que nos aplicam. Sem a morte em marcha não se dá um passo, porque a gente põe cuidado nas provas grandes e nas pequenas não. E aí, nas pequenas, é onde fica todo iniciado; nas pequenas, porque não crê que seja prova.

Aí, por exemplo, a mim me chamaram, por exemplo, à Igreja Gnóstica, para me fazer um pagamento por meu trabalho; ir, eu, para a Igreja e encontrar dez

centavos, ver dez centavos, recolher os dez centavos, não há ninguém, recolhê-los... Bem, já perdeu a prova. Por dez centavos! Que valem dez centavos?

E é que nos provam em todo sentido. Não é conto. Então essa disciplina da morte dos detalhes, é muito importante para sair bem nas provas iniciáticas, e foi quando eu comecei esse método da morte, porque eu sempre ficava nos detalhes, esses detalhes, para o caminho iniciático, então eu ficava estancado. Então, eu comecei a me detalhar, porque eu não sabia que era morte, que isso era morrer. Então eu comecei a tirar-me detalhes. Saía bem nas provas lá e estava morrendo ao mesmo tempo.

Observem, com um só trabalho estava fazendo dois: Morrendo e passando as provas iniciáticas. Por isso é que eu tenho muito carinho por esse trabalho. Francamente!

Então, já se dão conta, vocês, da urgência de se traçar sua própria disciplina, ir-se polindo. Os Mestres também o chamam polir. Esse trabalho dos detalhes é o polir. Temos que nos ir polindo pouco a pouco, tirando-nos todos esses resíduos de maldade, do ego, ir tirando. Do contrário nunca se pisará o caminho iniciático. Jamais! Se não se começa por aí.

Isso é importante e básico para qualquer pessoa que queira verdadeiramente escalar a
iniciação. Tem que começar por aí, a se polir.

Essa Primeira Iniciação de Mistérios Maiores; bem, aí se entrou e se ganhou. Começa a Segunda. E a Segunda, para os varões, traz cárcere. Essa iniciação traz cárcere para todo mundo.

O Mestre Samael passou pelo cárcere. Na Segunda ele passou pelo cárcere. Eu não passei, porque a mim me pegou essa iniciação, por lá, no Equador, num povoadozinho, quando fui para abrir, longe de Guayaquil, onde fui para abrir, trabalhando na Obra.

Fui a um povoado em que não havia nada, sem saber como era, para ver como eu levantava um grupo. Lá me pegou esse grau, e por isso escapei do cárcere. Por isso eu escapei! Ou, se não, teria que passar pelo cárcere também; isso cabe aos homens. Às mulheres, às damas não. Existe preferência. Para nós, sim, há cárcere, para as damas não.

Ao Mestre Samael o tiveram preso em Ciénaga. Em Ciénaga o tiveram preso, por haver curado um enfermo, sim, a ele o mantiveram preso e foi quando passou essa Iniciação.

Então, estão entendendo o rigoroso e o delicado que é o caminho iniciático? Não é conto de que tenho tantas iniciações e a gente atuando como qualquer externo, não. Necessita-se de muita disciplina para poder começar o caminho iniciático. Porém, muita, muita. Provam-nos o orgulho. Tudo isso no-lo provam.

Vou-lhes contar como me provaram, uma das tantas vezes, porque não somente uma vez nos provam. Uma mesma prova no-la aplicam em diferentes formas e muitas vezes.

Fizeram-me ver que vivia numa cidade e eu era da alta sociedade. Tinha muito dinheiro. Ia pela rua, quando recebi um cartão convite para um palácio, onde se reunia toda a sociedade. A mim não me agradavam as reuniões essas, porém, disse: Eu, pela parte social, vou ir.

Chego lá, música dançante, bêbados gritavam; bem, uma desordem. Eu me meti, bailava uma que outra peça, tomei três goles de vinho. Não tomei mais e os outros, sim, tomavam e, bêbados, gritavam. Bem, feitos um merengue e eu não.

Pela uma da tarde me deu fome e saí para um terraço. Na frente havia um ranchinho de quatro estacas cravadas, um de palhazinha, assim fina, e dois velhinhos, desses a quem temos que moer a água para que a tomem. Bem, saí eu aí, quando saíram mais dois ou três de dentro. Então os velhinhos me fizeram sinal assim para lá. Uma velhinha e um velhinho. Então eu olhei os outros, para ver se era um dos outros ou não. Então, diziam que, sim, eu. Faziam-me sinais de que sim.

Fui. Parou o baile. Todo mundo saiu para rir, para assobiar e para me fazer sinais, porque eu ia atender os velhinhos.

Observem vocês, eu tinha uma vestimenta novinha, chapéu, sapatos, tudo novo. Bem, cheguei onde estavam os velhinhos. Cheguei e os saudei, para ver. Eu pensava que me iam pedir um favor, alguma coisa. E eles? Não! Convidaram-me para almoçar em prato de madeira, colher de pau, a mesa era o solo... "Ai que pena, que, se os acompanhava no almoço".

V.M. – Como não! Com muito prazer! Eu olhava toda essa sociedade... tão vão aquilo. Eles se riam e não houve mais músicas nem mais baile, todos rindo-se, apontando-me... Bem, zombavam de mim. A mim não me importou nem um pouquinho isso.

Serviu-me o almoço e disse a velhinha:

– Porém, onde o ponho? Não temos uma mesinha! Disse-lhe:

– Não senhora! Cheguei e me sentei nesta posição aqui, assim, assim. Tirei o chapéu e o pus em cima da terra, porque era terra, terra e pus o prato aqui e almocei. Comi um prato e me disse a velhinha:

– Queres mais?

– Como não! Eu como outro pouquinho.

O cozido era de puras ervas, puros vegetais. Nem carne nem nada, senão puros vegetais. Comi outro pouco. Eu me pus a conversar com os velhinhos um tempo. E essa gente lá zombando: Gritavam, assobiavam, de tudo. E eu aí, tranqüilo.

Quando já conversamos meia hora depois do almoço, parei, sacudi o chapéu, sacudi as calças que estavam todas empoeiradas, dei-lhes os agradecimentos e a velhinha me disse:

– Ai, senhor, eu que lhe ia rogar um favor. Disse-lhe:

– Vamos ver, às ordens! E me disse:

– Que o íamos convidar para a ceia, que, se nos acompanhava...

– Claro! Como não! Aqui estou para a ceia. A que horas aqui venho?

Despedi-me e me fui. Caminhei uns três metros, quando aquele baile eram puras hierarquias. O par de velhinhos era um Mestre e uma Mestra, passando-me a prova da vaidade, do meu orgulho. Imaginem! Então, sim, se formou a grande festa, por haver passado essa prova. Aí, sim, já é uma festa de verdade. Fazem-nos uma recepção.

De modo que, o que se vai ganhando, vão nos pagando em graus ou iniciações. É trabalho suadinho! A nós não regalam nem isto!... Nada nos presenteiam. Tudo tem que ser ganho.Como? Transformando-se. Do contrário não pode passar ninguém, não se dá um passo no caminho iniciático.

E, ante as hierarquias, pois, lá valem são os fatos e não as palavras. As boas ou más intenções não as têm em conta, senão fatos.

Como se examina, no tribunal, a uma pessoa, a um casal, ou o que seja ou a quantidade que seja? Por seu trabalho. Que fez você? Então, vem a medida da coluna, da balança e do livro. Três coisas são utilizadas aí para julgar uma pessoa. Então, sim, está-se perdido por todo lado. Fora, já!

Então, são fatos e não palavras. Aqui as boas ou más intenções não se tem em conta. São os fatos, bons ou maus.

Para se chegar a uma iniciação tem que se passar uma série de coisas muito terríveis, muito terríveis! Compreender o processo da morte; que é o que morre, que é que não morre; o processo da família. Qual família? Se ante as hierarquias...

Pergunte você a um Mestre, a qualquer Mestre... "Veja e meu irmão que...". "Qual irmão?". Perguntam-lhe, assombram-se. Dizem: "Qual irmão?". Porque nós somos uma grande família. Isso está reconhecido ante as hierarquias. Não família, núcleos, aí não são a grande família. Todos, toda a humanidade. Então, tudo isto o temos que ir compreendendo muito bem para a iniciação.

Por exemplo. Fazem-nos ver que se morreu no interno, que se está morto. Estão nos velando, está-se num caixão aí. Porém, a gente se vê lá. Não é o esqueleto. Mentiras! Porque, o que está morto lá é um defeito nosso. E choram e padece todo mundo. Choram, desesperam-se... E a gente está feliz, vendo que já vão enterrar esse elemento, um elemento psíquico. Essa é a morte lá. Morre algo inferior, para nascer algo superior dentro de nós.

Todos esses processos, temos que compreendê-los muito bem. Não intelectualmente, porque intelectualmente não nos serve para nada. É compreendê-lo a fundo.

Se me querem fazer alguma pergunta sobre o tema, estamos falando sobre a iniciação, não? Estamos falando da iniciação do fogo, quando já se vai empreender o caminho iniciático.

P. – Mestre, com respeito ao do cárcere, na Segunda Iniciação. Ou seja, o iniciado pode ir na rua, sem que não tenha feito nada, nada mau; pegam-no?

V.M. – Não, o importante disso é que o metem, metem o iniciado sem haver cometido nenhum delito. Por qualquer coisa o metem; porém, tem que passar pelo cárcere. Porque , uma coisa é chegar e roubar uma grande quantidade de dinheiro, ou lograr, e que o metam por um delito desses. Pois, já não se pode dizer que é um grau. Não? Senão, sem cometer erro; caluniam-nos por qualquer coisa e nos metem no cárcere, até que passa o grau, porque um grau desses dura nove dias.

P. – Nove dias se permanece no cárcere?

V.M. – Nove dias. Não? E há vezes que mais. Porém, o processo da iniciação dura nove dias.

P. – Isso quer dizer que passar ao cárcere, se se entra no cárcere sem motivo, quer dizer que se superou a prova ou que se falhou com a prova? Se a alguém o encerram no cárcere, sem haver feito absolutamente nada, e entra no cárcere, isto quer dizer que superou a prova? Que passou a prova?

V.M. – Não, que está passando a prova iniciática. Está passando por ela. Se protesta ou se desespera, perde-a, perde-a!

P. – Tem os que guardar silêncio?

V.M. – Sim, fazer a vontade do Pai! Não nos fica outro caminho aí.

P. – Mestre, a uma pessoa sentimental, custa-lhe muito. Praticamente não pode entrar no caminho da iniciação?

V.M. – Não, não pode, porque, com uma lágrima que assoma, já ficou afastado, até que...

Sabe o que nos dizem os Mestres, quando se perde uma prova lá, a que seja? "Vai à escola para aprender! Não sabes nada!". A escola é aqui, no plano físico. Aqui é a escola onde temos que ir superando todas essas debilidades nossas. Não? É aqui, e somente com os detalhes podemos começar bem o caminho iniciático, sem problemas.

P. – Mestre, quando o senhor nos contou, faz um momento, que, quando esteve no Equador, escapou do cárcere, quer dizer que foi um privilégio?

V.M. – Porque eu estava fora da Colômbia, lá não tinham como me meter no cárcere. Porém, passei ao cárcere e lhes vou contar como:

Um povoadozinho aí, Salitre? Como é que se chama? Está como seis a oito horas de Guayaquil.

P. – Salinas.

V.M. – Salinas! Passa um rio por toda a extremidade do povoadozinho. Bem, eu me fui para lá. Peguei minha maleta e meus livros e me fui, para ver se formava um grupo ou alguma coisa. Lá me pegou esse grau.

Fui buscar um hotel. Não havia.

Bem, fecharam-se todas as portas e economicamente estava eu, porém, mal, mal. Então me apontaram uma casa que havia. Uma casa com paredes de bambu, os quais picam e fazem como uma esteira, uma coisa assim. E o piso era disso e as paredes o mesmo; e o vento passa. direitinho. Por debaixo passava o rio. Sem coberta, sem travesseiro, sem nada.

Eu me estendia nessas esteiras, punha um jornal e o travesseiro era o braço. E um frio!... Que eu parecia morrer de frio. Eu amanhecia e não podia parar de pé, porque me doía, estava encarangado.

Toda noite era assim. Amanhecia, estava rígido, até que me acalentava o sol, no outro dia, era que vinha a me levantar e assim... E comendo por aí banana ou leite, ou alguma coisa assim, porque não tinha com que mandar fazer um almoço.

E assim passei nove dias. Ao nono dia se abriram todas as portas. Já me deixaram um teatro para ditar umas conferências todas as tardes, grátis. O próprio dono do teatro me convidava. Formei um grupo rapidíssimo aí. Porém, depois que passaram os nove dias. Antes dos nove dias, nada. Tudo fechado.

P. – Então, são duas maneiras de passar o cárcere: Ou o cárcere dos policiais, ou o cárcere político, ou o cárcere que o senhor...

V.M. – Ei, não! Passa pelo cárcere! Esse sofrimento meu, desses nove dias lá, foi como um cárcere, praticamente. Porém, não era cárcere, porque eu estava livre! Mmmm!

P. – Quando uma pessoa, por exemplo, passou por ali, antes de estar na Gnose, inclusive, suportando-o bem e tal. Isso já se considera uma prova?

V.M. – Não, porque antes de se passar pelo cárcere, vem uma série de provas terríveis. Por todo lado nos provam.

P. – Ou seja, já se estando na Gnose, chamam-nos, por exemplo, nos ajudam, dizem: "Olhe, neste cárcere existem umas pessoas que querem escutar a Gnose", por exemplo, não? Então nos ajudam, chamam-nos. Não é que ele diga: "Eu vou dar a Gnose e assim passo a prova!".. Não? Isso poderia ser também?

V.M. – Não! É que nos metem, acusando-nos de um delito que não se cometeu. É nos acusando!

P. – Mestre, nesta compreensão de profundidade, não intelectual, da qual o senhor fala, como pode ser conseguida? Através da meditação?

V.M. – Não, isto é através do trabalho com os três fatores; trabalho de três fatores. Assim a gente se vai polindo e vai adquirindo conhecimento. Porque as bases, num momento desses, são o conhecimento que se tem, que se adquiriu por meio da morte, pois se vai liberando consciência; vai-se saindo, através de toda essa série de provas, vai-se saindo bem, porque nos vamos polindo.

P. – Se existe o caso, por exemplo, de algumas pessoas que trabalham de secretário e tal e o chefe lhes diz: "Diga a alguém que não estou", por exemplo. Não? Como fica essa pessoa, quando vai, a quem vem, e lhe diz: "Não está", posto que aí há uma mentira. Verdade?

V.M. – Porém, tem que cumprir ordens, porque senão o despedem e então a papada se embolota.

P. – Porém, Mestre, dizer mentiras, não é por fanatismo, porém, dizer mentiras, não é pecar contra o Pai?

V.M. – Toda mentira é pecar contra o Pai. Porém, ao se começar, pois, nos cabe isto... O caso, por exemplo, da secretária, falemos, ou secretário, pois se está começando o caminho e tem que se mentir enquanto isso. Já mais adiante, é de acordo com a responsabilidade do iniciado, já mais adiante, mentir, é grave. No começo, pode fazê-lo, sim.

P. – Mestre, e por dizer uma mentira, por exemplo, por dizer a verdade pode-se também sofrer um percalço com uma autoridade policial, por exemplo, porque se diz a verdade.

V.M. – Não, e olhe quantos! É que, olhe, de acordo com as circunstâncias, quantas vezes estão buscando um fulano e a gente poderia dizer "homem, não sei!". Pode havê-lo visto e se vai e se diz, "sim, está lá em tal parte" e vão e o matam. Não se carrega culpa aí? É que de acordo com as circunstâncias se deve atuar. Não? Porque assim aconteceu aqui na Colômbia muitas vezes isso. A pessoa, para não mentir, diz, "sim, eu o vi, em tal parte está". Vão e o matam, por conta de quem o divulgou.

P. – Mestre, essas são as que se chamariam mentiras piedosas?

V.M. – Por exemplo, numa coisa dessas tal, o mesmo; diz-se: "Homem, não o vi!".Uma mentira piedosa. De modo que estão vendo vocês que o caminho iniciático é estrito e rigoroso.

Agora, por exemplo, como lhes estou dizendo, começando, passa-se mal cozido, aí se passa cambaleando. Porém, já nas outras iniciações, já tem que ser muito rigoroso. É tudo muito rigoroso.

P. – Mestre, quando o senhor nos dá este relato desta prova pela qual o senhor passou, quando diz que foi convidado pela alta sociedade de gente muito ilustre, quando o chamaram para comer, estes dois Mestres, é nesta existência, no físico, ou é em outra dimensão a história que o senhor nos conta?

V.M. – Não, isso é em outras dimensões. Porém, quando se está passando por uma prova dessas, nos fazem ver que se está em carne e osso aqui. Lá se atua com a mesma consciência com que se atua aqui. De modo que, pois, inconscientes não nos vão aplicar uma prova dessas. Então nos despertam a consciência com que se atua aqui e se crê que é em carne e osso que se está. Se qualquer um nos diz: "Veja, está

em corpo astral!". Não o acreditamos. Cremos que é fisicamente que se está. Atua-se com plena consciência, como se fosse físico.

A gente vem a se dar conta da prova, quando já regressa ao corpo físico, que se despertou. Diz-se: "Vê, aplicaram-me uma prova!". Porém, lá se crê que é em carne e osso que se está.

P. – Mestre, quem aplica essas provas. É o Mestre Samael? É o Mestre Rabolu?

V.M. – As hierarquias todas, todas, todas.

P. – Essas provas também se refletem fisicamente. Verdade, Mestre?

V.M. – Também fisicamente.

P. – Mestre, às vezes acontece que a prova é primeiro astral e depois física?

V.M. – Ou o inverso: Primeiro aqui, depois, lá.

P. – Estão, de certo modo, relacionadas?

V.M. – Sim, porque, se atuamos aqui, se atuamos bem, saímos bem lá. Se atuamos mal aqui, lá se reflete também.

P. – A base é o mundo físico?

V.M. – É a morte, sim, é a morte e muita compreensão. Por isto é que o gnóstico deve ser detalhista; deter-se em qualquer detalhe.

P. – Sim, por isso é que isto que o senhor nos diz dos detalhes e da morte em marcha, não é somente pedir pela eliminação desse defeito, senão também deter-se, às vezes, para fazer uma breve análise?

V.M. – Claro! Sempre nos devemos deter ante um fato, qualquer que seja; olhar o pró e o contra das coisas, o positivo e o negativo, porque tudo se desenvolve pela dualidade. Então, deve-se examinar profundamente o que se vai fazer, que resultados, que repercussão tem contra nós ou a favor. Não atuar assim à deriva por aí, não. Sempre nos devemos deter.

É como um negócio. Um negócio tem sua parte positiva e sua parte negativa. Então, muitas vezes fracassam, porque vêem a parte positiva e não examinam a parte negativa. Então vem o fracasso.

Assim acontece com as provas, com tudo. Sempre nos devemos deter. Sim, o que diz o Mestre é uma tremenda realidade, que a própria natureza é um livro aberto para ser estudado. A formiguinha, o mosquito, a abelha, enfim, todas essas coisas diminutas nos dão ensinamento.

O que acontece é que nós, por nosso orgulho, passamos desapercebidos ante todas essas coisas. Porém, se nos pomos a estudar, encontramos sabedoria em tudo, porque eu o estou fazendo assim, faz muito tempo.

Agrada-me deter-me ante qualquer coisa, para examinar, para ver. Em tudo existe ensinamento. Então, o que acontece é que se caminha e não se olha senão o grande e ao diminuto não lhe pomos cuidado.

P. – Porém, o exame que se tem que fazer. Conseqüência: Pode haver um ato, não é feito intelectualmente, é feito com a consciência?

V.M. – Com a consciência. E, se olhamos, sempre tudo se desenvolve pela dualidade. Sempre existe a dualidade em tudo. Então, olha a parte negativa e a positiva. Que repercussão tem a positiva ao fazer tal coisa. Que repercussão tem a negativa. Não? Se se pode desenvolver contra nós ou não, ou contra outra pessoa. Sim, temos que fazer uma análise muito profunda. Tudo!

P. – Por que esse vício de fazer especulações?

V.M. – Porque, observe você, muitas vezes, como não se distingue, não se faz diferença do bem e do mal. Muitas vezes se faz um mal, crendo que está fazendo um bem. Por isso nos devemos deter, para examinar o que se vai fazer primeiro. Examinar tudo bem.

P. – Mestre, as provas dos elementos da natureza tem uma ordem fixa, ou os Mestres decidem para qual prova está pronto ligeiro o discípulo?

V.M. – Não, eles, de acordo com a preparação que nos vamos dando, do estudo das coisas e a nossa regeneração, vêem quando estamos preparados para aplicar tal ou qual prova. Eles são os que definem.

P. – Antes de entrar na Primeira Montanha, também aparecem grandes demônios para nos deter?

V.M. – Tudo, tudo! É que desde o momento em que se começou o caminho iniciático, já está a loja negra em cima de nós.

P. – Em que consiste esta prova de Irene, da qual o senhor nos fala?

V.M. – A prova de Irene é um salão imensamente grande, onde se entra só.. Por exemplo: Aqui temos uma fileira de camas, porém, imensamente longa. Aqui há outra. Aqui há um corredor estreito, onde existem mulheres belíssimas, desnudas todas, lutando para nos pegar para a fornicação. Porém, temos que ir até a extremidade do salão. Entrar e sair sem sequer nos cruzar um pensamento maligno. Então, na porta, quando já se sai triunfante, é que os Mestres nos recebem, felicitando-nos, porque é uma prova muito dura.

Essas mulheres que estão aí, não são qualquer boba, feia, por aí. São belezas, sim!

P. – Em que parte vem essa prova? Em que iniciação?

V.M. – Essa no-la aplicam muitas vezes, sim, senhor! Na Primeira, na Segunda; porém, vêm muitas vezes essas provas. Muitíssimas! Não é uma vez só. E para a mulher também, é o inverso. Essa prova é a mais braba, ah, a de Irene. Mulheres desnudas totalmente... não, não! É que é a prova difícil!

P. – Mestre, uma coisa é chorar e não passar uma prova. Porém, também existe, por exemplo, o choro, porque a pessoa se dá conta de sua situação interior, e chora porque compreendeu...

V.M. – Quando alguém se vê interiormente como está, pode chorar de tristeza. De tristeza por ver como se está por dentro.

P. – Isso já é outra coisa?

V.M. – Já isso é muito diferente.

P. – Que chama o senhor estudar? Estudar é pegar o texto...

V.M. – Compreender, compreender a fundo.

P. – Mestre, que relação tem, no trabalho esotérico de cada um de nós, que relação tem os dez mandamentos que a Bíblia nos deixou, com o labor (trabalho) esotérico?

V.M. – Com a morte, melhor dito, com os três fatores, vamos cumprindo os dez

mandamentos. Enquanto não se trabalhe com os três fatores, está-se violando os mandamentos. São os três fatores que nos levam ao cumprimento dos mandamentos. Se não se trabalha com esses três fatores, está-se violando os mandamentos inevitavelmente. Porque, quem faz violar os mandamentos? Os nossos eus, essa legião. Se começamos a lhe dar duro, a eliminar essa legião, também começamos a cumprir os mandamentos.

P. – Mestre, é uma coisa muito notória, que, quando nos levantamos da cama, os eus entraram em nós e nós começamos a atuar. Então, começa o dia. Aí, creio eu, que é uma das partes mais difíceis. Como se começa o dia, porque esses eus entram dentro da pessoa e se essa pessoa começa mecanicamente...

V.M. – Não, porém, é que os eus, não é que entrem. Por exemplo, você está fora de seu corpo, na quinta dimensão, que é onde mais nos desenvolvemos. Então, aqui no físico, ficou a parte tridimensional e o corpo vital; e a personalidade fica ambulando. Então esses eus, de que fala você, é quando entra no astral com seu mental e sua legião. Então, não é que vão entrando um a um, senão é que aí vem é o bloco, sim? Sim, em bloco.

É como quando se fala da mente. Eu não sou partidário de falar da mente, porque, a qual mente nos referimos, se temos milhares, milhões de mentes? Cada eu tem sua mente própria, pensa por si mesmo. Então de que mente falamos nós? Hem? Se temos muitíssimas mentes. De instante em instante vai mudando, cada eu pensa de uma maneira, não? Então, não podemos falar de uma mente.

Já, quando se chegou à cristificação, sim, pode-se dar o luxo esse de falar da mente, porque ele já tem uma mente, verdadeiramente uma mente Cristo. Porém, como estamos nós, são milhares de mentes.

P. – Mestre, a gente se pode preparar aqui, fisicamente, com as provas de Irene, já que a mulher e o homem tem essas provas? Tanto o homem como a mulher estão expostos fisicamente, já seja pela olhada ou por...

V.M. – Não, não, é que o perigo está aqui, por isso o chamam os Mestres, ao planeta, aqui, a escola, onde temos que aprender tudo, e superar tudo. Por isso se diz: A escola é aqui onde estamos, rodeados de perigo por todo lado.

P. – Mestre, esta prática da morte em marcha também se pode mecanizar. Como podemos fazer para fazê-la conscientemente, para que não se mecanize?

V.M. – Em momentos em que se manifestou um detalhe desses, por diminuto que seja, apela-se à Mãe Divina. Sem se estar manifestando, para que se vai apelar à Mãe Divina, se não se está manifestando nenhum nesses momentos? É com uma manifestação, para não mecanizar, ou, se não, torna-se uma mecânica.

P. – Porém, ainda que não se sinta nada, ou seja, vê-se que está saindo a ira e se pede à Mãe Divina, ainda que não tenha sentido o mínimo...

V.M. – Sim, porém, já esse princípio de ira, porque lhe fizeram, ou porque viu, ou porque olhou, já existe uma forma de apelar à Mãe Divina, porque já existe um

princípio de manifestação; porém, sem haver manifestação, para quê? Assim não se mecaniza.

P. – Mestre, vou dar-lhe um exemplo: Uma mulher casada e um senhor casado, que vão ao aposento de um hotel, dormem juntos, cada um em sua cama. Um numa cama, a pequena em outra cama. Segundo o senhor, isto é uma prova de Irene, uma recorrência cármica, ou é adultério?

V.M. – Isso é qualificado mais de adultério.

P. – Ainda que não se veja nada, porém, o fato de que as duas pessoas venham e durmam no mesmo aposento?

V.M. – Já há adultério, porque, se não se adultera de fatos, adultera-se com a mente.

P. – De que modo se pode atuar?

V.M. – Melhor, nesses casos, separação de peças. É o melhor. Dormir separadamente em dois aposentos diferentes.

P. – Perdão, ou seja, que não se apresente a situação que ela está dizendo, ou seja, que não se apresente esse caso?

P. – Não, se a situação já se apresentou. Um pessoa que viu uma coisa assim, como deve atuar, de repente, numa situação deste tipo?

V.M. – Se a mim me acontecesse um caso desses, eu me separaria, iria a outro aposento. Iria a outro aposento, porque com candeia não se pode brincar, porque se queima. Queima se! E isto é brincar com candeia.

P. – Desculpe que insista, Mestre. Ponhamos o exemplo: Se eu vejo esta situação com as pessoas que referi anteriormente, de frente com a lei, diante da própria sociedade, isto é um encobrimento. Segundo o senhor, é melhor denunciá-lo, avisar os respectivos marido e mulher, ou é melhor ficar calado?

V.M. – Melhor é avisar. Por exemplo: sua senhora dormiu com um fulano de tal, que é casado, em tal parte, e vice-versa, para que se acabe a situação de uma vez. Porque, se não, fica sendo cúmplice. Se se cala é cúmplice e o cúmplice paga também.

P. – E se são gnósticos, tem que se denunciá-los às autoridades superiores, não?

V.M. – Claro! Denunciá-los no grupo ao qual pertencem estas pessoas. Aí mesmo denunciá-los ante a Junta. Aí mesmo se os denuncia e a Junta está no dever de expulsar imediatamente a essas pessoas. Expulsá-las do Movimento.

P. – Ainda que nesta situação não se tenha visto nada, além de...

V.M. – Não Importa! Não importa! Porém, só o fato de dormirem duas pessoas casadas diferentemente, já esse é um delito que é contra o Movimento, contra tudo; contra a moral e contra tudo.

P. – Ainda que haja duas camas separadas?

V.M. – Não importa! Não importa! Aí mesmo, para as Juntas do Centro, divulga-se duma vez, e, se nos cabe, já sustentá-lo: "Sim, eu o vi!". Seja que tenha acontecido ou não tenha acontecido nada. Essas coisas não podem ser deixadas quietas, porque vêm os escândalos contra o Movimento Gnóstico. Tudo contra o Movimento.

P. – Isto incluiria também a duas pessoas solteiras, ainda que não estejam casadas, porém, que não tenham nada que ver, não são casadas?

V.M. – Sim, também, a mesma coisa.

P. – Que prova pode ser chamada esta?

V.M. – Não, essa não é prova. Isso já é abuso. Isso não é uma prova. Isso é brincar com candeia, e o que brinca com candeia, se queima. Isso é real.

P. – No caso: Vivem juntos, num apartamento, um homem e uma moça não casada, todos solteiros, uns na Gnose, outros não. Como se atua neste caso?

V.M. – Hem? Vivendo na mesma casa?

P. – São muitos jovens, por falta de moradia. Às vezes vivem juntos, e depois de estar assim vivendo quatro ou cinco num apartamento, chega, um deles, à Gnose. Essa é a situação.

V.M. – Ah! Não, isso não! Não se deve permitir essas pessoas no Movimento. Não se deve permitir. Esse é um delito de escândalo.

P. – Ainda que, para dormir, pois, tenham seu aposento separado?

V.M. – Não importa.

P. – No caso, Mestre, em que por qualquer coisa da Gnose, ou de um Mestre, o que seja, pois impõe-se um labor que se vê, pois, como muito grande, como uma montanha muito grande que a gente, pois, não se vê com forças, porém, acaba para adiante, porque vê que é um dever, porque lho puseram aí adiante, não? Não obstante, ele não se vê com forças; ou seja, não é que não avance, porém diz: "Bem, eu, para frente, porque sei que isso é algo, digamos..." é uma coisa superada, ou é uma coisa que não se superou?

V.M. – Olhe, a nós nos provam. Essa é uma virtude de obediência. Por exemplo, a você lhe mandam fazer uma coisa que você vê impossível. Vê-se incapaz, porque você não tem força suficiente para fazê-la. Porém, você faz o dever e arranca, e põe, de sua parte, tudo o que você pode. Essa é uma prova de obediência. Porque, a nós nos mandam fazer coisas, no interno, os Mestres, que nem mil homens poderiam fazer, e o mandam a um só. Se se discute, "veja que eu não posso, que não sei quê...", já perdeu a prova.

O que se tem que fazer é ir e fazer a tentativa, pôr de nossa parte tudo o que seja. Quando já pomos da nossa parte, então vem a ajuda que as hierarquias nos dão. Porém, se não se põe da nossa parte, não nos ajudam. E então se perde a prova.

Era isso o que você queria saber? É a prova da obediência, digamos.

P. – Mestre, eu tenho uma pergunta, com respeito às marcas da besta, que todo ser humano aparentemente tem na fronte. Seriam os cornos? E se supõe que também haja marcas nas mãos e também existe uma caudazinha, não? Eu quero saber, no caminho iniciático, isso se
vai apagando ou é uma luta, ou de que forma essa marca desaparece?

V.M. – Quando se começa o caminho da morte, ou seja, o dos três fatores, pode ter havido chifres, apagam-se.

P. – E quem os apaga?

V.M. – Nós mesmos vamos apagando. Com a mudança que damos em nossos atos, nós mesmos os temos que apagar.

P. – Deixa de ser bestial. Isso é a besta?

V.M. – Sim, sim! Vai-se mudando seu modo de atuar, então desaparecem.

P. – E em que consiste a marca na mão?

V.M. – A mesma coisa. Tudo isso muda com os três fatores.

P. – Mestre, continuando com isto da obediência, porém, já em algo mais diário. Por exemplo, em muitos grupos houve problemas porque os encarregados nesse momento, Junta de Instrutores, Junta Coordenadora, pois, decidem tal coisa, não? Que lhes é atribuída pelos Regulamentos. Porém, existe alguém que está contra, vê de outra maneira, que pode ser boa também; porém, o vê contra o que diz a Junta Coordenadora. Muitas vezes, essa questão da obediência.... poderia ampliar um pouco mais, porque é muito importante?

V.M. – Bem, nestes casos, por exemplo, a pessoa que vê que as Juntas estão atuando mal, e que dá uma fórmula, então o que dá a fórmula, ou outra coisa, deve limitar-se a dizer o que viu, que é a verdade, e deixar que já os demais definam. Porém, não um só se pegar e ir contra as duas Juntas. Senão, dá-se sua opinião, e pronto! Dá a fórmula para não cometer erro, porém, deve calar em seguida, não seguir. Sim?

P. – Mestre, voltando de novo ao caso do adultério. Supondo que haja passado um ano que essa pessoa haja visto essas outras pessoas e agora ela acusa essas pessoas. Faz bem ou fica melhor calado?

V.M. – De todas as maneiras está servindo de cúmplice. De todas as maneiras. Pode passar um ano, dois anos, é cúmplice.

P. – No caso, por exemplo, que numa mesma casa vivam dois casais, por exemplo. Isto seria bem visto ou não?

V.M. – Não; isso, sim, já muda em cem por cento, já.

P. – No caso, por exemplo, de que nos aplicam uma prova, por exemplo, pois, que a
gente se vê sem nada, ou se vê sem ajuda, sem auxílio, e, num momento determinado, por exemplo, pois, se desespera, não? Porém, um pouco depois, não? Antes se dá conta de que não pode sucumbir ante isso, que pode vir muitas vezes, que pode; e então se arrepende e luta e, digamos, que supera aquilo, ainda que primeiramente se tenha deprimido um pouco. Isso se considera um fracasso nessa prova ou, como depois se arrependeu e pôs toda força que pôde...

V.M. – Quis fraquejar, porém, triunfou com o super-esforço. Então, o super-esforço é o que pesa aí. Esse é o que vale. A fraqueza que teve aí, a debilidade, pois, foi superada com o nosso super-esforço. Então se impôs, saiu bem.

P. – No Movimento Gnóstico os casais, supõe-se que não tenham cometido adultério, porém, estão juntos. Porém, devem estar casados todos pela lei física, aqui?

V.M. – Bem, vou lhes dizer isto: As cerimônias daqui, do mundo, do planeta, as cerimônias físicas, ante a Grande Lei não valem ou ante as hierarquias não valem. Aí valem são os casais que aprendem a manejar, a manipular suas próprias energias, a transmutá-las. Isso é o que vale ali, não a cerimônia aqui.

Aqui, preencher os requisitos com as leis daqui, para a papelada e coisas assim, porque, ante as hierarquias, o requisito é que sejam um casal casto. Por isso a medida da cana no tribunal.

Mede-se a cana. Quando não há transmutação, diz-se: "Cana seca", ou "árvore seca". Diz-se-lhe: "Cana seca", ou "árvore seca, fora!".

P. – Nesse momento de fazer essa medida, isso inclui duas pessoas. O senhor diz: "Fora!". Isso é, que se lhes dá uma oportunidade a mais para fazer essa medida?

V.M. – Quando se diz "fora", é fora, porém, para o abismo! Então, passam a um recinto, a um compartimento lá, onde se juntam cem, duzentos, trezentos demônios, e, para o abismo! Daí saem para o abismo. Já estão julgados.

P. – Porém, não são julgados por casais? De todas as maneiras é individual?

V.M. – De todas as maneiras. Se você se apresentou lá, você tem que dar a medida. Seu par se apresentará amanhã ou depois.

Então, sim. Então, quando já se chega a um julgamento desses, já a coisa nos é posta: Se não se apresenta obra, fora!

Fora é: Passa a um compartimento lá, onde se vão metendo cem, duzentos, trezentos demônios, e daí, ao abismo! Daí não o soltam mais! Daí não o soltam mais, porque está sendo julgada a humanidade pela segunda vez, pode-se dizer.

P. – E a pessoa solteira, como fica ali? Porque essa pessoa luta, quiçá, por conseguir um par, e por algum lado não o consegue. Sempre vai ser julgada?

V.M. – A esses se lhes dá a oportunidade para que consigam um par. A ninguém se vai julgar, sem lhe haver dado a oportunidade. A todo mundo tem que ser dada a oportunidade. A todo mundo.

P. – Eu queria fazer uma última pergunta e é sobre a obediência. Verdade? O senhor, por exemplo, está nos entregando, agora, um campo de batalha muito importante para revalorizar todo o trabalho que estamos realizando. Então, nos grupos, por exemplo, existem uns costumes, uns vícios,

umas coisas. Quando há uma mudança, isso sempre supõe um esforço da nossa parte?

V.M. – Cada um fazer um super-esforço, porque chegamos à conclusão de que o esforço não vale. O super-esforço de que fala o Mestre, esse, sim, é o que se impõe ante tudo. Super-esforço!

P. – O senhor nos poderia ampliar um pouco mais sobre a obediência?

V.M. – Olhe, nós, nós... Vou-lhes dizer umas quantas coisas assim, sobre...

Acontece que no interno nos mandam fazer coisas impossíveis de serem feitas. Como lhes disse eu, que nem mil pessoas são capazes, e o Mestre o ordena: "Bem, fulano, vai fazer tal coisa!". Sabe-se que não se pode. Não? Porém, em vez de discutir com o Mestre, saia, calado, vá, faça o que lhe mandaram; faça o esforço até onde puder. Daí, o demais, fica por conta das hierarquias ou de quem no-lo mandou.

Então, sempre, nunca se está só. Então a obediência é uma arma poderosa para sair bem ante as hierarquias. A obediência! O desobediente cai.

O desobediente cai inevitavelmente e roda, porque cada vez que se vai mal no caminho, está se falhando.

Sempre, nos mundos internos, nos fazem ver por onde estamos falhando e nos mostram o caminho que devemos seguir. Se não obedecemos, caímos. Se obedecemos, evitamos de rodar.

Então, a obediência é o principal que nos provam os Mestres. O obediente nunca cai,
porque sempre lhe assinalam o perigo.

P. – Mestre, por exemplo, os pares, não, casais, muitas vezes o marido se impõe fisicamente no que a mulher quer fazer e lhe sai com o conto: "Tu tens que obedecer, porque é uma prova!"..

V.M. – Bem, falando esotericamente, falando esotericamente, os casais têm esse livre arbítrio, porque a gente se traça sua disciplina; não se pode implantar-lhe a nossa disciplina, porque a mulher não sabe que disciplina nos estamos implantando e como é nosso modo de pensar. Então, no-la implantamos; servimos de espelho à mulher, se ela quer; e, se não, é lá com ela.

Pode-se dar-lhe um conselho, não? Se não o aceitou, é lá com ela. Porque, olhe, ao Pai não se chega por casais. Chega-se sozinho. Ao Pai se chega sozinho. Por seus méritos é que se chega ao Pai.

Então, adquiramos méritos, é o que cabe a nós. Adquirir os méritos, porque, acompanhados não vamos chegar lá.

P. – Sobre o assunto da morte, não? A lei, em que sentido diz que julga o indivíduo? No aspecto físico, no aspecto etérico e no aspecto astral? Com base em que coisa nos julgam?

V.M. – Nos fatos. Eles não se baseiam senão nos fatos, bons ou maus.

P. – É no físico? No etérico?

V.M. – O mesmo, porque é que aqui é a escola e aqui é a base donde repercute para outras dimensões superiores. Se andamos mal aqui, andamos mal em todas as partes. Se melhoramos aqui, vamos melhorando lá também, isso é lógico. Por isso é que a escola é aqui. Porém, a nós nos julgam é pelos fatos, bons ou maus. Pelas boas ou más intenções, isso não o têm em conta lá. São fatos!

P. – Quando temos um casal recém casado. Ela ou ele, sonham que lhe entregam uma faca, por exemplo, não? Assim, normal. Encontra-se numa reunião e lhe entregam uma faca. Porém, essa pessoa rechaça esse objeto nesse momento, traz essa recordação ao físico. Significa que era que lhe davam o símbolo da espada, ou a ele, ou...

V.M. – O símbolo do assassinato, porque com essa faca podem assassinar o Cristo interno. O símbolo do assassinato. Não é espada, senão o símbolo do assassinato do Cristo interno.

P. – Porque, falando com ela, me dizia: "Rechacei essa faca e sempre estou com a idéia de que perdi minha espada, que não..."..

V.M. – Isso não é espada, porque o símbolo da faca é assassinar. Sim? Aí, esse símbolo, cuidado! Ia assassinar o Cristo Íntimo dela, que é muito diferente da espada. Aí lhes estão demonstrando que podia, com essa faca, assassinar o Cristo interno dela. Sim? Com quê? Já com a fornicação.

P. – E se, depois de um tempo, essa pessoa, fisicamente encontra uma faca na cama onde dorme, por exemplo?

V.M. – Seja que a encontre fisicamente ou não a encontre, o símbolo que mostraram é o assassinato que se pode realizar com um ato de fornicação dentro de si. Isso é daí. A hierarquia nos qualifica de assassino. Com um ato de fornicação se é um assassino ante eles, porque se está assassinando a si mesmo.

CAPÍTULO V – A PRIMEIRA MONTANHA

Observem: Eu, o que estou fazendo agora, é esclarecendo e ampliando os ensinamentos que nos foram deixados pelo Mestre Samael, para benefício de todo o estudantado gnóstico, porque, em realidade, o Mestre nos intoxicou com tanto ensinamento, que a maior parte das pessoas ou, estudantes, não sabem por onde começar. Não? Foi porque ele nos deu demasiado.

Então ficam muitas pessoas que não sabem por onde começar. Então, isso que lhes ensinei à noite, essa explicação que lhes dei sobre os centros, sobre o equilíbrio dos centros e as mudanças da energia, é o CAMINHO DA PORTA DE ENTRADA PARA A INICIAÇÃO. Ponham-lhe bem cuidado. Isso o podem ensinar tal como vai, com plena e completa segurança de que não vai falhar. É o único caminho que existe para começar o caminho iniciático.

De modo que, pois, eu lhes vou indicando o caminho por onde começar, e seu final. O final é a verdade, é a liberação.

Quando o Absoluto nos traga é o final do princípio, porque o Absoluto não é a máxima sabedoria. É a primeira escala da sabedoria. O que chega ao Absoluto é livre de ficar aí ou de seguir estudando, porque a sabedoria não tem fim, é infinita. Porém, existe a liberdade de que, o que queira chegar ao Absoluto, pois fica aí, se quer. Porque, isso, sim, já é livre iniciativa do iniciado. Não intervém ninguém aí sobre a nossa vontade.

Porém, observem que a sabedoria é tão imensa que o Absoluto é a primeira escala da Grande Sabedoria. A gente é um estudante de primário ainda aí, em comparação com a Grande Sabedoria.

De modo que já lhes pus o princípio para entrar no caminho iniciático. Então, esta tarde vamos falar, porque estou separando o que são as três Montanhas, porque o Mestre nos falou em geral das três Montanhas, porque ele não tinha tempo de se pôr a separá-lo para nós, porque, em geral, deixou o ensinamento, falou das três Montanhas.

Eu estou separando Montanha por Montanha, com suas explicações, para que cada qual vá assimilando bem, e saiba cada um o que tem que fazer dentro de si

mesmo. Então, esse é meu maior anelo, é entregar-lhes, ir lhes esmiuçando o caminho, para que aquele que queira arrancar de verdade, em sério, faça-o e saiba que passos tem que dar.

Então, vamos descrever a Primeira Montanha.

Aqui temos os quatro corpos lunares, ou de pecado, como os chamamos. São os corpos lunares: físico, vital, astral e mental.

Esta é a essência que levamos dentro de nós, que se chama Budhata, chama-se alma, porém, a realidade é que é uma essência, uma partícula do Real Ser. Nós começamos quando já se aprende a equilibrar os centros, ou se equilibrou os centros, e se começa a produzir suas próprias energias, cada centro a trabalhar com suas próprias energias. Vem o resultado do hidrogênio SI-12, que é o resultado: o fogo sagrado, que é ele que nos permite ir fabricando, subindo a cobra ígnea do corpo físico, do vital, astral, mental e causal.

Quando se chega a fabricar esses cinco corpos, já se é um Homem autêntico. Ante as hierarquias se é um Homem autêntico; não se é um Mestre, se é um Homem autêntico.

Estes são os corpos solares. Vamos fazer uma diferença dos corpos existenciais do Ser, ou corpos de ouro, e os corpos de fogo. Estes são os corpos de fogo, os primeiros que o iniciado tem que fazer.

Quando se fabrica estes corpos, a gente é Homem autêntico. Então é quando se vem a escolher o caminho, já seja o caminho direto ou o espiral, donde já se abrem os caminhos que o iniciado escolhe.

Estes caminhos – falou-se muito – que se escolhe na Quinta Iniciação, porque na Quarta não, senão na Quinta, é com plena e completa consciência. Porque se pode chegar, adormecida a consciência, a fabricar os quatro corpos, porém, já o quinto não. Não se pode fabricá-lo inconscientemente. Aí desperta consciência ou não segue. Até aí se chega.

Porque se pode fabricar esses quatro corpos de fogo inconscientemente, porém, já para a Quinta tem que despertar consciência, porque o caminho, já quando se vai escolher o caminho na Quinta, que é de Maiores, tem que se fazê-lo com plena consciência, por nossa própria vontade, conscientemente, porque aí ninguém lhe vai dizer: "Meta-se você por aqui!".

Lá, sim, aparecem muitos, muitas hierarquias do nirvana, para nos mostrar o caminho amplo, caminho cheio de flores, de música, de perfumes, para mostrá-lo, para que a gente não se meta pelo caminho direto, e, sim, escolha o espiral. Isso é o

que o Mestre chama "os bonzos", não sei quê, o Mestre os cita aí, numa obra... Fazem as vezes de um demônio.

Bem, aí se escolhe o caminho, já com plena e completa consciência. Então já se vem a fabricar o corpo causal, para encarnar o que se chama Atman, Budhi e Manas, que eu chamo as três forças primárias. Atman, Budhi e Manas, é vontade divina, consciência divina e espírito divino. São as três forças primárias que o iniciado encarna, pois aí já é um iniciado de Mistérios Maiores, nada mais. Porém, é um iniciado.

Aí já se ficou um iniciado completo com todos os seus corpos; porém, não quer dizer que este homem chegou à liberação, ou a um grande conhecimento, não. É um iniciado, nada mais. Iniciado quer dizer: Alguém que inicia o trabalho seriamente.

Bem, aqui é onde o Mestre disse, e eu estou completamente seguro, porque isso o comprovei, de que Deus mesmo tem que morrer. Tudo isto que se fabricou aqui, nesta Primeira Montanha, que se relaciona com as iniciações do fogo, tudo isto tem que morrer, para se poder entrar na Segunda Montanha – que já são as iniciações de ouro – onde começam a morrer estes corpos e a nascer os de ouro, porque os de fogo tem que passar pela morte.

Por que tem que passar pela morte? Porque estes corpos não estão preparados para receber a voltagem de energia do Cristo. Estes corpos se queimariam imediatamente ao se encarnar o Cristo neles. Ficariam fundidos. Então, para isso são os corpos de ouro, ou corpos existenciais do Ser.

Temos aqui a Primeira Montanha. Relaciona-se com as iniciações do fogo. Na Segunda Montanha se faz este mesmo trabalho, porém, já de uma forma muito mais exigente, porque aqui se passa "mal cozido", ou seja, morre em parte, porém, não é um regime exigente; isso se passa "mal cozido".

A Segunda Montanha, que é a das iniciações de ouro, essa, sim, é muito exigente, porque aí, sim, tudo nos muda cem por cento. Aqui, se alguém quer começar esta Segunda Montanha, a lei lhe exige morte de instante em instante, momento em momento. Se não se morre, não se dá um passo. Não se pode ascender se não é com base nos três fatores definitivamente. Porém, primeiramente a morte a exigem de nós.

De modo que aqui vão morrendo os de fogo, e vão nascendo os corpos de ouro, que são os que estão preparados para a voltagem de energia do Cristo. Porque, quando o Cristo toma seus veículos, a verdade é que o calor é tão intenso, tão forte, que se cairia morto.

Se não, vejamos, o Íntimo, Atman, quando toma posse de seus veículos, sente-se um calor que chega a queimar. Sente-se que até a roupa quer pegar fogo, a cabeça,

tudo. Agora, que diremos com o Cristo, que é o máximo? Então, por isso temos que fabricar os corpos de ouro, para poder encarnar o menino de ouro, que é o Cristo.

Bem, porém, falemos um pouquinho. Façam-me umas perguntas sobre que requisitos existem nesta Primeira Montanha, para se poder ascender. Façam-me perguntas sobre isto, porque isto é muito importante que cada Montanha vá com suas explicações.

P. – O trabalho no arcano, também aí na Primeira, é necessário?

Mestre Rabolú – Três fatores! Sem os três fatores não há nada! Três fatores! Porém, não como se faz na Colômbia, de falar de boca, senão fatos, e não palavras.

P. – Na Primeira Montanha, não sendo o Cristo o que toma posse dos corpos, então, quem é?

V.M. – O Íntimo. Não podemos confundir uma coisa com a outra. O Íntimo é uma partícula do Real Ser. O Cristo é a força criadora, a força cósmica que toma posse dentro de nós.

P. – Poderia falar, na Primeira Montanha, detalhar um pouco sobre as provas, sobre o terreno probatório que se tem que enfrentar aqui no mundo físico?

V.M. – Aqui nos provam de todas as formas. Porém, primeiramente, para alguém se poder meter na iniciação, vêm as provas do guardião que se tem que passar para definir, se se está preparado ou se não se está preparado, porque o que foge ante as provas do guardião, não serve para iniciado, porque fica escravo do eu. Então, isso é básico e fundamental, essa prova do guardião, para se definir, se se está preparado ou se não se está preparado.

As quatro provas: terra, fogo, água e ar, essas as vivemos, no-las vão aplicando de momento em momento, porque nessas provas, das quatro provas, sabem as hierarquias como se anda espiritualmente; se se está praticando ou se não se está praticando. De modo que, pois, com essas provas vai se dando a nota.

P. – Ou seja, que isso se vai traduzindo aqui na parte física, todas essas provas?

V.M. – Sim, tudo, tudo. A do guardião se passa no astral. Porém, aqui, fisicamente, se se foge lá ante o guardião, aqui se sai do Movimento, inevitavelmente.

P. – Porém, em realidade, são três guardiões, porque um é astral, outro é mental, e depois o causal?

V.M. – Sim, porém, primeiramente nos aplicam o astral. Primeiramente é.

P. – Porém, vêm outras duas?

V.M. – Sim, claro! Porém, isso a seu devido tempo, à medida que se vai escalando as dimensões; então vêm as outras provas. Estou falando é da entrada para o caminho iniciático.

P. – Ainda isso não é em realidade a Primeira Montanha, ou já se está dentro dela?

V.M. – É a Primeira Montanha, sim. Antes de entrar na Primeira Montanha nos aplicam a prova do guardião, as quatro provas para nós, para ver se estamos preparados ou se não estamos preparados.

P. – Essas provas, como o disse o Mestre Samael, não é que as peça o estudante, senão que lhe são postas todas, internamente?

V.M. – Tudo, tudo, porém, acredita-se que é aqui, fisicamente. Uma prova dessas não a aplicam... a ninguém a aplicam adormecido; senão, despertam-lhe a consciência, tal como se é aqui, para lhe aplicar uma prova. Acredita-se que é fisicamente, e... mentiras! É no astral, porém, com a mesma consciência com que se atua aqui.

P. – Por exemplo, na prova do ar, em que diz o Mestre que a gente se vê lançado ao ar, ao abismo, e se nos dá medo?

V.M. – Se grita, já a perdeu. Se grita, já a perdeu!

P. – Como se prepara essas qualidades para não ter medo?

V.M. – Olhe, isto, a preparação, é isso que eu lhes dei à noite, os detalhes. Começando-se por aí, vai-se bem, sai-se bem nas provas.

P. – Porém, não é recomendável pedir essas provas?

V.M. – Não. Quando o discípulo está preparado, as hierarquias lhe lançam as provas, sem necessidade de pedi-las.

Observem, quando o Mestre me foi submeter à prova do guardião, estávamos começando. Eu, como nunca me tive pelo melhor, senão pelo pior, porque conhecemos nossa vida e tudo, então disse ao Mestre:

– A mim não me aplique. Deixa que me prepare melhor! Disse-lhe:

– Bem, para ti não a aplico. E fui o primeiro a quem a aplicou.

Quando me vi, eu fui com o monstro num campo aberto, os dois sozinhos, o monstro e eu, porque aí não se via mais nada. Quando eu fui para me enfrentar com essa besta tão horrível, eu me lancei contra ela, disse:

– Ele ou eu! Ele me come ou eu o como! E quando ele viu que me lancei com essa resolução terrível, saiu correndo. Então eu saí atrás e disse:

– Para onde vai que eu não o alcance?

Quando eu já ia longe, chamou-me a atenção o Mestre e me disse:

– Deixa-o, porque já o derrotaste!

E, nessa noite, todos os demais que perderam essa prova, todos se foram do Movimento. Não existe um desses.

P. – Mestre, quem é o que aplica as provas?

V.M. – Os próprios Mestres, os próprios Mestres. Porém, ocultam-se quando nos vão submeter a uma prova. Ocultam-se e a gente se vê sozinho.

P. – Tenho entendido que esse guardião é um aspecto do próprio Lúcifer e que não pode ser destruído.

V.M. – Não, não pode ser destruído, não.

P. – Mestre, quantas vezes nos lançam a prova do guardião?

V.M. – Uma vez. Se a perdemos, até três vezes nos podem aplicar a prova do guardião no astral. Se a perdemos na primeira vez, pode-se perdê-la na segunda e na terceira. Porém, não obstante, eles preenchem esses requisitos de aplicá-la as três vezes. Na terceira vez, sim, já fica pronto.

P. – Esse monstro sempre é o mesmo para todos, ou pode ser um burro, um cavalo?

V.M. – Não, não, não! Um monstro com a fisionomia humana, porém, monstruoso, horrível!

P. – Porém, para todo mundo é o mesmo?

V.M. – Para todo mundo. A gente pensa que com o olhar, não mais, nos vai devorar. Vemo-nos como um mosquito ante ele. Sim?

P. – Mestre, trazemos a recordação dessa experiência?

V.M. – Sim, como não? Fazem-nos passar a recordação. A das quatro provas, também nos fazem passar a recordação.

P. – Mestre, haveria um aspecto também físico dessas provas, um aspecto de superar no físico?

V.M. – Com os detalhes, morrendo-se, começa a perder força o monstro. Então, vamos adquirindo muito mais força e mais consciência, então nos permite derrotá-lo e sair bem. Vejamos: Mais perguntas sobre isso, que, se querem, podemos ampliá-lo bastante, para que não nos vá ficar mocho.

P. – Eu teria uma pergunta, é: Além do corpo causal, temos que fabricar o Búdhico e o corpo Átmico?

V.M. – Atman, Budhi e Manas: espírito, alma divina e alma humana, que formam as três forças primárias, como eu as chamo.

P. – São sete corpos, porém, são oito iniciações. Então essa oitava iniciação, em que consiste?

V.M. – É um descanso. Quando já o iniciado passa a uma câmara secreta, a uma capela, onde passa a repousar, porque se termina cansado, esgotado pelo trabalho que se acabou de realizar. Então nos dão umas férias, numa capela redonda, onde se entra para repousar totalmente, para desfrutar de suas faculdades, de seus poderes também.

P. – Existem aspectos nos quais costumamos falhar bastante. Por exemplo, costumamos impor nossa vontade aos outros de forma muito sutil ou de alguma maneira: não cumprir compromissos que temos com outros companheiros, ou com o que seja. Roubamos coisas pequeninas. De que maneira isso nos pode prejudicar, digamos, nesse avanço?

V.M. – Esses são os detalhes, porque aí se está nutrindo o ego; com essas falhas está-se nutrindo o ego. Então, são falhas que temos que corrigir diretamente, corrigir, porque nos prejudicam.

Ou seja, que, por um detalhe desses que você me comenta, pode-se ficar estancado e pode-se não entrar no caminho iniciático. Aí se pode ficar até que se corrija. Então, o melhor é começar uma disciplina, traçar-se uma disciplina diária, de instante em instante, sobre todos esses detalhes, para poder sair bem nas provas, e ao mesmo tempo se vai morrendo.

P. – Todas as dificuldades que se passa, são provas? Ou também existem outras que...

V.M. – Existem coisas que provocamos por nosso mal atuar, por nossos maus pensamentos os provocamos. Então se diz: "Ai, estão me castigando!". Não, provocou-se um castigo.

Quando é prova? É quando não existe um delito nosso e nos mandam uma prova, um momento doloroso ou de angústia, qualquer coisa. Essa, sim, pode ser uma prova. Porém, quando se provoca, já não se pode dizer que é prova.

P. – É questão de terminologias. Porém, para estar seguro: Atman é o mesmo que o Íntimo?

V.M. – Atman é o Íntimo.

P. – Mestre, se alguém se sente tentado, por dizer, por exemplo, a roubar. Neste momento de tentação, ele tem que pedir à sua Mãe, não? Para destruir este defeito de ladrão que tem?

V.M. – Essa é a morte, aplicar a morte em marcha. Por exemplo, a mim me... "veja, esqueceu isto; homem, vou roubá-lo, não me estão vendo..." isso é roubar, porque isso, ante as hierarquias é roubo. Ante as hierarquias, ou a Grande Lei, não é o valor, senão o defeito o que nos castigam. Então se diz: "Vê, por uma coisa dessas pode-se perder uma iniciação, um grau. Por uma coisa dessas!".

Eu, por isso, comecei a morte em marcha, ou seja, os detalhes – como falo eu – desde que comecei a Gnose, porque eu perdia. Olhe, muitas vezes me chamavam para receber uma iniciação ou um grau, na Igreja Gnóstica. Eu ia. Punham-me qualquer detalhezinho e aí eu ficava. Então, ganhava era uma grande repreensão. Diziam-me: "Íamos pagar-lhe isto, porém o perdeu por tal coisa", por detalhes mínimos.

Então eu comecei a dar nesses detalhes, porque era para sair bem nas provas e acontece que estava saindo bem nas provas, ou saí, e estava morrendo ao mesmo tempo.

Então, isso é importantíssimo, a cada instante estar alerta sobre si, para se dar conta de todos esses detalhezinhos mínimos. Um centavo que se pegue, um centavo que não é nosso, isso é roubo ante a lei. A gente é um ladrão, e aqui não vale um centavo, nada. Porém, aí não é a quantia, senão o defeito.

P. – No momento da tentação tem que se pedir à sua Mãe: "Mãe minha, eu te suplico que destruas...".

V.M. – Desde o momento em que nos deu por pegar qualquer coisa, bem, o mais pequeno, que se vá, tenta e tem a idéia de agarrar ou fazer qualquer coisa: "Mãe minha, tira este defeito e desintegra-o!". Assim: "Desintegra-o!".

P. – Ou seja, que todo pensamento sutil que nos vá aparecendo, esse é um detalhe?

V.M. – Um detalhe que temos que passar duma vez para pedir à Mãe Divina a desintegração. Todas essas coisas diminutas, que se pensa que não é nada, sim, é, porque é alimento do ego, é o alimento do ego.

O que eu lhes dizia ontem, o ego é como uma árvore que tem sua raiz principal, tem raízes grossas que o ajudam a se sustentar dos ventos, e tudo isso para mantê-la ereta; porém, a isto se agregam todas essas raizinhas diminutas que toda árvore, toda planta tem.

Toda árvore, toda, tem essas raízes diminutas, que é donde ela extrai da terra a seiva para alimentar o tronco. Se nós começamos a tirar a essa árvore todas essas raizinhas pequenas, que é com que se alimenta a árvore, a árvore tem que morrer. Morre, porque não tem como se alimentar.

Esse é o nosso ego; esses são os detalhes de que lhes falo. Assim é que se começa a morrer.

Por isso lhes digo: Não existe outro caminho para a morte, se não é esse, porque nos lançamos... Por exemplo, este é um eu da ira – vamos supor – tem suas diferentes ramificações de alimentação, muitos detalhes para ele se alimentar. Então, isso era o que se havia entendido do Mestre, que tinha que entender, compreender o defeito e todas essas coisas.

Porém, quem vai compreender um defeito-mãe, do qual dependem quantidades de detalhes? Quem vai entender estes detalhes? Não, fica-se à deriva aí; não se sabe o que fazer, porque não se pode entrar pela morte assim.

Então, por isso, se vai aos detalhes para tirar o alimento ao tronco para que a árvore morra. Do contrário não se pode chegar à morte.

Digo-o, porque eu estou nestes detalhes desde que comecei a Gnose. Esse foi meu método de morte e a consciência que hoje tenho, devo-a a esse trabalho dos detalhes. Então, para mim não é uma teoria, senão um fato. Um fato que estou provando com fatos que, sim, resgatei consciência e a consciência que resgatei é pela eliminação de todos esses detalhes. Eliminei-os, por isso resgatei consciência.

Então, vai-se resgatando essa consciência que volta ao seu ponto de partida e isso nos permite, como bastão, para nos impulsionar.

P. – Mestre, até quanto por cento de consciência poderíamos chegar a ter, trabalhando com a morte em marcha?

V.M. – Para desintegrar totalmente o... Bem, o eu... Temos várias etapas.

Aqui, nesta Primeira Montanha, fazemos um processo de morte, suponhamos, muito subjetivo, rápido. Já nesta Segunda Montanha, sim, cabe-nos meter com todos esses detalhes para morrer, porque temos que resgatar os cem por cento de consciência.

Nós subimos esta Segunda Montanha. Encarnamos Pai, Filho e Espírito Santo dentro de nós, que já se é uma hierarquia. Não obstante, temos um problema aí, que é o eu-causa. Isso é o que lhes poderia explicar amanhã à noite, para que não confundamos uma coisa com a outra. Amanhã à noite poderíamos dar-lhes a explicação completa disso, porém, quero que terminemos isto da Primeira Montanha, para não confundir, senão separado, para que cada qual saiba o que é o que tem que fazer e como vai ascender.

P. – Ou seja, que a Primeira Montanha a poderíamos passar trabalhando na morte do ego somente com a parte dos detalhes, sem necessidade de chegar à meditação da morte do ego?

V.M. – Não, da meditação eu descobri isto, que, para a morte do ego em si, em sua totalidade, temos que trabalhar é o eu-causa.

Olhemos os passarinhos. Por diminuto que seja um passarinho – um beija-flor é um animal muito diminuto – tem o eu-causa aí.. Todo animal diminuto tem o eu-causa aí. Então, na involução ou na evolução mecânica, morre em bruto o ego. Porém, o eu-causa, se não morre, então volta outra vez na nova vida, para voltar a reviver e a fazer os mesmos fatos pelo eu-causa.

Então, o eu-causa, sim, temos que resgatar pelo menos os oitenta por cento de consciência para podermos enfrentar o eu-causa, porque é uma depuração da consciência. Depurar a consciência muito minuciosamente, porque a consciência está alterada, por isso não temos os cem por cento de consciência, porque está alterada pelo eu-consciência. Então, ao realizar a depuração da consciência, que é coisa muito diminuta, de muita paciência e muito diminuto, volta a se normalizar a consciência. Então voltamos a adquirir os cem por cento de consciência.

P. – Mestre, antes das provas, o iniciado tem que ter despertado o fogo, ou primeiro lhe lançam as provas e depois tem que despertar o fogo?

V.M. – Bem, as provas no-las podem lançar sem haver despertado o fogo nem nada. Não, não há necessidade de despertar o fogo para as provas, porque essas provas não no-las aplicam uma vez, senão muitíssimas vezes, muitíssimas vezes.

P. – Tenho entendido que esta Primeira Montanha em realidade se inicia no momento em que se desperta o fogo sagrado.

V.M. – Quando já se entra pelo caminho iniciático é quando se despertou o fogo sagrado. Do contrário não.

P. – Aí começa a Primeira Montanha?

V.M. – Aí começa.

P. – E também tenho entendido que nesse momento se sobe; porém, em realidade, está-se baixando também.

V.M. – Não, é que não se pode ascender, se não se desce. Temos primeiro que descer.

P. – Para estudar o ego?

V.M. – Claro! Não vão fazer como me aconteceu a mim, porque eu baixava, porém, em tom de guerra. Eu entrava no abismo, em vez de me pôr a investigar, eu chegava era para atacar todos os diabos. Era um espadachim lá. Então, que ia investigar?

Até que me chamaram a atenção, porque eu deixava de investigar, era um fator, e outro, a agressividade. Aí me classificaram de agressivo, porque não se deve atacar, esperar que nos ataquem.

P. – Este trabalho nos mundos infernos, nós não seríamos capazes de fazer; ou seja, a pessoa que desperta o fogo, essa é a que tem a capacidade de baixar?

V.M. – Sim, já quando se desperta o fogo sagrado, já tem que se baixar, porque aí começa a investigação das raízes do ego, as quais estão metidas no abismo. Isso se diz, em outros termos: "Os estábulos, limpar os estábulos".

P. – Seria necessário saber, quando se desperta o fogo por algo e, se é necessário, como se precaver disso?

V.M. – Olhe, eu comecei primeiramente o trabalho com os detalhes, igual como o da transmutação. Porém, como não tinha a prática da transmutação, caía a todo pouco. Então, eu, esse assunto dos detalhes, era diário.

Quando eu despertei o fogo sagrado, eu o despertei já duma forma muito consciente, porque me recordo muito bem, quando me foi entregue a primeira espadazinha. Uma espadazinha assim de tamanho, cabo branco.

Essa no-la entregam num templo. É uma espada assim, cabo branco, porque até a recebi – eu me recordo tanto – a recebi como de má vontade e disse: Isto para que pode servir, sim? Sim! Eu pensei e a recebi por educação; porém, eu não sabia o poder que tinha. Quando já me coube utilizá-la, foi que me dei conta do poder que tinha a espadazinha, pequenina assim.

De modo que, pois, veja, eu, em todo o processo iniciático, o Mestre não teve que me
dizer: "Você vai a tal grau ou tal coisa", não.

Eu, minhas vértebras que ia escalando, eu levava minha contabilidade, tudo, em que vértebra ia o fogo sagrado, tudo. Que câmara me correspondia, porque, segundo a vértebra, existem câmaras nos templos sagrados que vão numeradas de acordo com as trinta e três vértebras. Lá as câmaras vão numeradas e eu sabia que câmara me cabia, que número era onde ia o fogo, tudo, tudo. E meu processo iniciático foi todo completamente consciente. E essa consciência a devo ao trabalho com os detalhes. Com os detalhes!

Como era tão conscientemente, eu levei meu trabalho, que íamos, no México, por uma rua com o Mestre, e me disse:

– Falta-te uma! Falávamos assim: Falta-te uma! Disse-lhe:

– Não, já a passei! Então se voltou e me disse:

– Não, eu te tenho anotado num caderno. Disse-lhe:

– Não, já a passei! Então me disse:

– Não, Joaco, estás equivocado! E lhe disse:

– Pode ser que esteja equivocado. Porém, estou certo que já a passei e que escolhi meu caminho também. Disse-lhe: Bem, Mestre, o senhor é meu Mestre e eu sou seu discípulo. Não vamos discutir, porém, eu lhe provo isto com fatos.

Bem, ficamos assim e já não discutimos mais. Fomos e fizemos as diligências que tínhamos que fazer e fomos para casa. Chegamos em casa e duma vez se atirou na cama, para investigar, para ver se era certo ou se não era certo.

Claro, aos dez minutos se levantou, abraçou-me e me disse:

– Ganhaste-me! Disse-lhe:

– Mestre, sim, eu a passei consciente. Então me disse:

– Sabe por que me ganhou? Porque eu não estava presente aí. E lhe disse:

– Isso eu notei nessa noite, que em todos os graus e iniciações que recebi, o senhor estava presente e nessa noite não esteve. E foi na noite em que eu escolhi meu caminho, o direto.

Então tudo isso foi conscientemente que o fiz. Tudo, tudo. Eu não levo à deriva nada. E essa consciência eu a devo ao meu trabalho psicológico que fiz com os detalhes. Eu não fiz mais trabalho, senão trabalhar com estes detalhes, a desintegração dos detalhes. Então vai aumentando a nossa porcentagem de consciência, então nos permite mover-nos em outras dimensões conscientemente.

P. – Eu lhe quero perguntar: Em que coisas consistem as iniciações dos mistérios menores?

V.M. – Dos mistérios menores? Anteriormente havia mistérios menores. Agora já nem os Maiores praticamente não são comentados muito, porque, por exemplo, alguém que tenha fabricado os quatro corpos solares, não é nem Mestre ainda, não é qualificado de Mestre. Então, as menores não se tem em conta; como nada, como nada. Um iniciado de menores é como nada. Isso não se tem em conta. Ante as hierarquias não vale cêntimos.

P. – Que eram os mistérios menores e em que consistiam?

V.M. – Consistiam em que se ia recebendo grauzinhos; porém, uns grauzinhos, antes, falemos assim, subjetivos, porque não de fatos: não lhe exigiam uma perfeição nem nada, senão como uma constância de alguém aí, porém, não mais. Isso não tinha pagamentos, porque a nós, por cada iniciação, toda classe de esforços que se faz, nos vão pagando. Nisso não nos pagam nada, porque nada se ganha. Não se está fazendo nenhum esforço, nada. Isso não é nada, melhor dito. As menores não são nada.

P. – O Mestre Samael dizia que em cada cânon da coluna, quando sobe o fogo, há lutas. Que são essas lutas?

V.M. – Não me diga isso! Porque a mim me tocou viajar da Sierra (Santa Marta), a Barranquilla, sem dinheiro, com uma pobreza muito grande, porque alguém que já desperta, o que despertou o fogo sagrado, mantenha-se duro, porque vem a loja negra em grande quantidade. Magas negras para nos atacar, para nos tirar a vértebra que se tenha ganho. Então, são as grandes batalhas.

Como, nessa época, eu me via como um magarefe de gado, todo ensangüentado. Então me impressionou tanto aquilo, que me fui para onde o Mestre estava, para lhe perguntar se eu me tinha convertido num assassino, ou o quê. Então me disse:

– Para isso é a espadazinha. Defenda-te, porque, se não, roubam-te o fogo e vais ficar pior, em trevas. Para isso é a espada, para se defender.

P. – Tudo isso era interno?

V.M. – Sim, porém, a gente se vê como magarefe, manchado de sangue, as mãos untadas de sangue e dando espadadas por todo lado, porque nos atacam de verdade, de verdade. Não é conto. Saindo-se do corpo, já estão aí. Já estão aí as magas negras.

A mim me cabia viajar para a Bolívia, porém, demorava por aí como uns três ou quatro
meses para a viagem. Uma noite chegou uma maga negra, uma moça jovem, como de 16, 17 anos, bem dotada, para disputar comigo, para me tombar sexualmente. Então eu lhe ordenei ir ao seu corpo físico. Foi. Então eu fui atrás. Disse: Vou ver donde é esta.

Chegamos à Bolívia. Cheguei, vi a casa, o número da casa, olhei a moça, bem, bem -
porque, como eu tinha que fazer esse giro – para tê-la bem reconhecida, para quando eu fosse, não me fosse encontrar, ou se me encontrasse, eu já sabia o que fazer. Pois, sim, aos precisos três ou quatro meses, viajei à Bolívia... Exatamente a moça! Exatamente!... Chorava!

Hospedaram-me numa casa de campo e ela soube onde eu estava hospedado. Das seis da manhã estava aí no portão e me chegava até as dez, onze, do dia. Eu aí encerrado, para não brincar com candeia aí. Até que ela se aborrecia e se ia.

Então eu, quando via que ela ia, porque eu a via pelo buraco de uma janela, quando via que se ia, era que eu saía. E assim eu me mantinha no dia, jogando daqui e dali, escondendo-me da moça.

Se eu ia dar uma conferência, estava aos meus pés aí, ao pé do auditório onde eu estava e, isso, ela não punha cuidado na conferência, senão olhando a mim.

Não lhe digo que isso foi um problema gravíssimo, grave, grave. Então, mandam-nos magas negras de todas as partes, de todas as partes, para ver como nos roubam o fogo que se ganhou.

P. – Nesse, então, estava nesse trabalho da Primeira Montanha?

V.M. – Sim, não, subindo a do corpo físico e não somente no físico, senão no interno também. Os ataques são terríveis.

P. – Essas provas das magas negras são conseqüência, porque em outras existências nós também prejudicamos a essas pessoas?

V.M. – Não, essas provas é que são duas forças em ação: a positiva e a negativa; a Loja Branca e a loja negra. A loja negra se lança para nos tirar do sendeiro, porque sabem que somos um inimigo para eles; então se valem dessas entidades para nos obrigar a baixar.

P. – Mestre, a maga negra é consciente do que está fazendo ou é somente um instrumento da loja negra?

V.M. – Existem umas que vão com plena consciência; outras são instrumentos.

P. – O iniciado que encarna o Íntimo na Primeira Montanha, esse Íntimo, por dizer assim, sofre uma transformação também, pelo resultado da transmutação?

V.M. – Pelo resultado da transmutação não. Quando se chega e fabrica os corpos, que já terminou sua Primeira Montanha, por isso se diz: "Deus mesmo tem que morrer". O Mestre, creio que o disse também. Deus mesmo tem que morrer, porque ele tem que passar por uma morte mística, uma transformação, para poder encarnar a segunda tríada, ou seja: Pai, Filho e Espírito Santo.

P. – Mestre, roubar o fogo, significa caída sexual? Quando ele diz: A maga negra chega para roubar o fogo?

V.M. – Sim, sim, é uma caída sexual; já seja com sua companheira, com a maga negra que lhe mandaram, ou uma polução. Desde que haja saída de energia, é uma caída sexual.

P. – E também uma polução no astral?

V.M. – Sim, no astral. E repercute no físico como polução e é uma caída, porque há saída de energia.

P. – Com isso perde o trabalho?

V.M. – Pode baixar, baixar um pouco, sim.

P. – Mestre, neste trabalho com os detalhes, quando se roubou consciência e já tem mais consciência livre, porém, não medita. Que acontece aí? Por exemplo, está-se trabalhando com os detalhes e a morte em marcha, está-se roubando consciência, porém, não medita. Que acontece aí?

V.M. – A meditação. A meditação praticamente é para despertar a consciência à essência, à alma. Porém, para meditar nos detalhes ou na morte que está fazendo, praticamente eu o vejo um trabalho quase inútil, porque esse trabalho o temos que fazer aqui, no eu-causa, conscientemente. Esse é um trabalho que se tem que fazer consciente lá, ou o eu-causa não pode morrer, não morre.

P. – Quando o Mestre explica que com os detalhes ia ganhando consciência, que esse foi o maior trabalho seu e esse lhe servia para entrar nos mundos internos, ou seja, que o trabalho se completava era nos mundos internos, o trabalho sobre o ego?

V.M. – Não. Estamos falando, aqui, da parte tridimensional, como se deve começar seu trabalho. Já a quinta dimensão, deixemo-la para quando já comecemos com este outro trabalho. Agora estamos fazendo um trabalho tridimensional, pondo as bases.

Olhe, para se edificar, fazer um edifício ou uma casa, temos que pôr as bases. Estas são as bases que estamos pondo. Entendido? Para que não confundamos a explicação com outras coisas, porque então vamos acabar em nada. Então, eu quero que tudo fique bem claro. Estamos pondo as bases ao estudante, do que tem que fazer, para se impulsionar para cima. A
consciência, pois, nos permite o desdobramento e a investigação em outras dimensões.

P. – O principiante que desperta o fogo, é necessário que tenha a assistência de um Mestre particular, como o senhor teve do Mestre Samael, ou com a assistência lá de seu próprio Ser e das hierarquias, em geral?

V.M. – Quando se desperta o fogo, já nos dão via livre; ou seja, é como quando você tem um filho. Enquanto esteja engatinhando, está começando a caminhar, dá-lhe a mão: "Veja, meu filho, aqui há perigo, não fique por aqui". Já aprendeu a caminhar, você o deixa, sim? Isso fazem as hierarquias conosco.

Já quando despertamos o fogo sagrado, aprendemos a nos mover em outras dimensões, conscientes, já nos soltam. Aí veremos se nos deixamos rodar ou o quê. Já sabemos o que é bom e o que é mau. Então já os Mestres nos soltam. Já nos dizem: "És livre! Livre és!".. Porque aí se verá se seguimos ou se já nos atiramos de cabeça ao abismo.

P. – Porém, é conveniente, neste momento, escolher um Guru, por exemplo, eleger um Guru que nos guie?

V.M. – O Guru sempre é necessário. Por exemplo, o meu Guru foi o Mestre Samael, ou é, porque esse nunca o deixa de ser. Porém, no começo, pois, nós o necessitamos urgentemente; já depois que se vai começando a caminhar e a investigar por si mesmo, pois, então se deixa de molestar seu Guru e se começa a se desenvolver.

Isso é o que busca todo Mestre, é que o estudante comece a se desenvolver por si mesmo, a adquirir as suas responsabilidades, porque aí significa o peso da cruz que se carrega sobre seus ombros, ou o drama do Gólgota. É a responsabilidade que se vai adquirindo ante as hierarquias e ante a humanidade.

P. – Tenho uma pergunta a respeito do Movimento, que é parte da consciência também, que está relacionada com a vontade. Tenho uma conferência que menciona o movimento do movimento, com a qual a pessoa sente o impulso que a move até o Absoluto.

V.M. – Sim, a consciência é a que nos impulsiona para seguir o caminho, para nos mover, para não ficarmos estáticos, porque tudo o que fica estático deixa de ser movimento. Então, o Movimento Gnóstico, por isso vemos que entram quantidades de pessoas e saem quantidades também, porque é movimento. Nada pode ficar estático.

P. – Como conseguir aumentar esse Movimento – bem, a resposta será os detalhes – porém, o importante é que muitas vezes a gente não se move e se devia ter movido.

V.M. – Nós devemos cumprir – cada um tem um dever com a humanidade e conosco mesmos – temos que cumprir com esse dever. O que estou fazendo eu, porque esta humanidade se chama a "colheita perdida". Porém, não obstante, eu tenho que me mover, porque, nesse movimento, nesse esforço que estou fazendo, está a minha liberação. Se não me movo, não me libero. Ou seja, contra o impossível, fazer o possível.

P. – Mestre, isso, às vezes, está relacionado também com o movimento do próprio corpo físico e o corpo físico, às vezes, não dá.

V.M. – Por isso. Sentemo-nos por aí. Vão-se atrofiando os músculos, os tendões, e já quando se vai fazer alguma coisa, não dá.. Assim também acontece com a parte espiritual. Descuidemo-nos um tempo para que vejamos que já nos colhe a preguiça e já quando se queira, já não responde. Sim? Tudo necessita de um movimento.

P. – Então, praticamente, o Ser tem que nos dar o impulso interior também?

V.M. – É que, por exemplo, a Mônada impulsiona o Íntimo; o Íntimo, à essência, à Mãe Divina; todas são partículas da Mônada, do Real Ser, porque um impulsiona a um e outro, a outro. Porém, como existe esse livre arbítrio nas hierarquias, então existe gente à qual não interessa o espiritual, o que nós dizemos, magos negros. Esse é um mago negro. Um tipo que se entrega ao mal e não lhe agrada o espiritual. É pelo livre arbítrio que à Mônada não interessa a maestria. Então, não impulsiona suas partículas, então não lhe chama a atenção o espiritual. Nós os chamamos magos negros.

Em síntese, tudo volta ao Absoluto, consciente ou inconsciente. Tudo volta ao seio do

Absoluto. De modo que, se nós estamos aqui, agora, e temos esse interesse, sentimos dentro de nós esse interesse de nos liberar, é porque interessa à nossa Mônada. Se não lhe interessasse, não estaríamos aqui. Estaríamos lá, numa cantina, tomando trago e fazendo malfeitorias.

P. – Mestre, em que parte da iniciação o iniciado, ou o estudante, passa por esse processo do cárcere?

V.M. – Na segunda de Maiores, quando se está recebendo a iniciação do corpo vital, passa-se pelo cárcere. O varão, a mulher não. As damas têm essa preferência.

P. – Se existe um Kundalini do corpo físico, por que os médicos não encontraram isso? Porque se entende que o vital é da quarta e o corpo físico seria da terceira.

V.M. – Da terceira. Porque, é que os olhos tridimensionais não servem para ver o tetradimensional. Agora, isso é algo mais que tetradimensional, porque é eletrônico. Então os olhos físicos são para ver o tridimensional, nada mais. Por isso não o descobrirão.

P. – Mestre, quem não trabalhou suficientemente com o eu do medo, pode enfrentar a prova do guardião do umbral?

V.M. – Olhe, o melhor que se pode fazer é começar com os detalhes e a transmutação. Quando se carrega o corpo físico de energias, acaba-se o medo, porque isso é, antes de mais nada, falta de energia. O corpo está débil e lhe dá medo de tudo. Então, quando o corpo se carrega de energia, acabou-se o medo já. É o melhor.

P. – Mestre, o senhor falava que a nossa Mônada dá o impulso à essência, à Mãe, ao Pai; porém, existem casos, por exemplo, que uma pessoa está no Movimento, porém, não obstante, ela é passiva totalmente para trabalhar sobre

si mesma. Porém, não obstante, ela se dá conta que é passiva totalmente, porém, quer que outros trabalhem e não percam o tempo como ela, e dá, como seja, a difusão. Isso é incongruente aí?

V.M. – Isso é falta de força do Mestre interno dessa pessoa. Falta de força, força para impulsionar sua essência.

P. – Como se adquire essa força?

V.M. – Existem Mestres, por exemplo, Mestres que pertencem à medicina, ao amor, que se levantam em outra temperatura, que não dão a medida da força suficiente para impulsionar seus veículos.

P. – Porém, então, praticamente se perde o tempo.

V.M. – Eles, ao final das contas, quando despertam, dão-se conta do erro e então se podem corrigir.

P. – Mestre, trabalhando com os detalhes, esta prática da morte do ego que nos explicaram com a compreensão, o julgamento e a eliminação, pedindo à Mãe Divina, já não é necessária?

V.M. – Não, porque a Mãe Divina... com o conjunto de egos, não estamos tirando a árvore, senão, tirando-lhe sua alimentação, então não há necessidade de ajuizar nem nada. Senão, pede-se instantaneamente. Manifestou-se uma partícula dessas: "Mãe minha, tira-me esse defeito e desintegra-o, já!". A maior parte desses elementos sucumbe no instante, porque são débeis, são diminutos. A Mãe Divina tem força suficiente para desintegrá-los. Então, não há necessidade de mais nada.

P. – Tem que se pedir verbalmente ou também se pode mentalmente?

V.M. – Mentalmente. Se há mais gente por aí, externa, pois mentalmente se pede, porém, com força. Temos que saber pedir. Pedir "a militar", com força. Não chegar, "ai, tenha a bondade, Mãe minha, e não sei quê...". Não: "Mãe minha, tira-me este defeito, desintegra-o!". Assim.

P. – Porém, no coração?

V.M. – Sim, claro! Porque uma petição serve de acordo com o verbo. O verbo é criador.

P. – Quando alguém se identifica, pode fazer este trabalho, ou seja, de compreensão, julgamento e eliminação?

V.M. – Veja, com esta prática não há necessidade de nada disso. Tal como lhes estou indicando, faça-o! Assim o tenho feito eu, desde que comecei.

P. – Porém, se a gente se identifica, por exemplo, deu-nos ira e nos identificamos, qualquer coisa...

V.M. – Temos que olhar o detalhe. Por que foi que lhe deu ira? No momento em que você sentiu esse impulso, aí mesmo deve apelar à Mãe Divina. Aí se corta a ação. Não se chega aos extremos.

P. – O senhor agorinha mencionou o terceiro fator. Permita-me fazer-lhe uma pergunta a mais sobre isso? Nós estamos dando o conhecimento à humanidade. Porém, no fundo, também estamos aumentando o castigo da humanidade. É amor? Porém, agora a gente vai consciente ao abismo e antes íamos inconscientes.

V.M. – Não o entendo bem. Vejamos, explique-me.

P. – O Mestre disse, no Matrimônio Perfeito, que toda a humanidade vai para o abismo.

V.M. – Sim, foi julgada: Ao abismo!

P. – E nós, ao estarmos dando o conhecimento à humanidade, estamos como que aumentando esse castigo.

V.M. – Não!!! Sabe o que estamos fazendo nós, nestes momentos? Do afogado, o chapéu, para ver o que podemos resgatar. Isso é o que estamos fazendo. Para ver o que podemos resgatar.

P. – Ou seja, a resposta a essa pergunta, é que já está perdida?

V.M. – Já está perdida. Estamos lutando para resgatar, para ver o que podemos recolher.

P. – Não é que estejamos afundando?

V.M. – Não, não, não!!! Está afundada! Estamos é lutando para resgatar algo. Sim?

P. – É uma pergunta que fazem muito.

V.M. – Não, não. Estamos é lutando, é nadando contra a corrente, falemos assim. Do afogado, o chapéu! Ainda que seja o chapéu que nos fique. Sim?

Isso aconteceu em dias passados ou em meses passados. Estávamos no tribunal, no trabalho, porque é trabalho contínuo, e um juiz assomou, em forma de uma terrazona, e então nos chamou, ao restante dos juízes.

Paramos para ver. E quando vimos... Eu via a Terra, porque se via a Terra toda, um grande cemitério cheio de cruzes, assim de grandes, negras. Porém, isso era só uma sementeira de cruzes.

Bem, eu, como estou acostumado a ver isso, a mim não... Disse: Porém, se eu já estou acostumado a ver isto, e eu não vejo nada de raro... Pensei eu para mim.

Eu me via agachado, entre as cruzes, como quem está buscando algo, algo diminuto que se perdeu. Agachado. Eu me via lá, entre o lodaçal, num lodaçal escuro, negro, feio.

Bem, eu não vi nada de raro para tanto alarme, se é que isto é velho para mim, de ver isto assim. Quando, nesses momentos, depois de ver o planeta todo num só cemitério, vai aparecendo a humanidade. Isso foi um garrotaço psicológico para mim.

Porém, ui! Não, não! Eu não o quero recordar!!! A humanidade foi entrando: Caveiras, esqueletos, puros esqueletos, caminhando sem direção, sonâmbulos, como uns borrachos amanhecidos por aí, pela rua. Diz que alguns rindo-se; porém, esqueletos, esqueletos todos! Aí não havia uma pessoa humana, melhor dito.

Bem. A mim me foi a moral ao solo. Eu não sei nem onde fiquei, desmoralizado totalmente. Então lhes disse eu:

– Bem, se isto vai acabar amanhã, acabemos hoje. Já! Disse-lhes, porque eu vi que já estava perdido tudo. Tudo perdido! Então me disse:

– De todas essas sementezinhas – um me contestou – de todas essas sementes que estás transplantando, pondo-as em partes visíveis, para vigiar, pode germinar alguma. Ponha-lhe muito cuidado! Pode germinar uma, e com esta tu entras no reino dos céus!

Observem vocês. Uma resposta completamente sábia. Então, que estou fazendo eu? Esse esforço que faço é por minha liberação. Se eu não faço esforços, não surgirá nenhum. Então, se não surge essa pessoa, como vou entrar no reino dos céus? Como chego à liberação? Como posso ganhar o Absoluto? Não posso! Porque eu tenho que deixar alguém no caminho. Então, isso é o que estamos fazendo agora, para ver o que podemos resgatar. Ainda que seja um!

Imaginem vocês como nós nos vemos lá. Terrível, desmoralizador para nós. Horrível! A gente se desmoraliza. Eu vivi uns quantos dias desmoralizado francamente, que já, não me dava vontade para nada. Disse:

– Bem, já esta faina, que se acabe! Já! A moral me foi abaixo. Sim, é que se fica assim: "mãos para cima", hem? A mim nunca, em todo o trajeto do caminho que percorri, não se me havia baixado tanto a moral como nesse dia, porque eu fiquei foi em zero! Em zero!!!

E a prova está que antes de desencarnar o Mestre, estava eu trabalhando na Ilha do Êxodo, que fica pelo sul. Eu estava aí, quando chegou o Mestre. Então, depois que nos saudamos, fez com as mãos assim, e disse:

– Pega e enterra estas sementezinhas.

Umas quatro ou cinco sementes. Semeei-as. Começaram a germinar, para ver se uma dessas dá um fruto. Para ver. E essa é a mesma resposta que me deu o juiz da lei nessa noite. Para ver se alguma dessas podia dar um fruto. Dessas sementes, quer dizer.

Por isso é que eu não me faço ilusões do Movimento Gnóstico, um gigante. Não, homem! Um que surja de toda a humanidade, com esse me dou por bem servido. Com um! Porque, até agora não há nada. Até agora não há nada!

Esperamos para ver, e por isso se implantam disciplinas, para ver, obrigando as pessoas, quase que a obrigá-las para que trabalhem, para ver. Porque eu, tudo o que faço é revolucionário, para convidar as pessoas a que trabalhem. Obrigá-las, quase, a que tenham que trabalhar, para ver se algum dá fruto.

P. – Mestre, tenho entendido que a difusão tem também outro aspecto, que é fazer cumprir a lei. Ou seja, que a cada ser humano vá chegando o conhecimento.

V.M. – Sim, e se está espalhando por todas as partes do mundo, do planeta, o conhecimento, para ver se em tudo isso, alguém o colhe de verdade. É que falta, por exemplo, olhem, eu lhes digo isto com sinceridade: Resolva-se alguém a jogar a última carta, o tudo pelo tudo, e surge. Qualquer um pode surgir. Porém, isso sim, decisivamente se lançar ao campo de batalha, fazer a revolução da consciência. Para isto não metam o fator tempo. O tempo não conta aqui.

P. – Mestre, existem muitas pessoas que em realidade se querem meter pelo caminho da revolução; porém, no momento, não têm essa força.

V.M. – Olhem, o que estou fazendo eu agora, com todas essas explicações que começo a dar, já detalhando mais o caminho, é porque muita gente, como lhes dizia eu, agora a pouco, não sabe por onde começar, o que fazer. Então eu estou mostrando diretamente por onde devem entrar e o que deve fazer cada pessoa, para que aquele que se resolva, se meta duma vez. Duma vez, e não percam o tempo.

P. – Mestre, isso dá pé para que o senhor, por exemplo, agorinha, faça uma reestruturação do temário, já que existem algumas conferências, por exemplo, a da morte do eu, em que não temos que explicar, compreensão, análise, julgamento. Então, o senhor vai fazer isso?

V.M. – Sim, porque se pode aplicar é isto e nada mais, porque é que, olhe, quantos anos vêm, e isto é demonstrável, quantos anos vêm gente de vinte e trinta anos de estar na Gnose, trabalhando, compreendendo o ego e não começaram a morte. Então, prova-se que este sistema não o entenderam. Então, vamos provar este sistema, para que vejam vocês o resultado. Este sistema é praticamente mais revolucionário... isto! Mais efetivo!

P. – Ou seja, simplificar-se-ia o temário?

V.M. – Claro, claro! Simplifica-se.

P. – Porém, não mais curto, porque isso tende a ser...

V.M. – Não, não, não! Mais curto não. Pode-se ampliá-lo. Pode-se isto, mudar alguns temas que não estão... porque a mim me agrada a revolução. O que seja revolução, aí vou eu. Existem temas que não são revolucionários. Tiram-se daí, porque me agrada é a revolução; e se triunfa é pela revolução. Se não se é revolucionário, nunca se triunfa.

P. – Mestre, o das representações da mente, digamos, aqui todos vamos levar uma imagem de cada um dos que estamos aqui presentes, porque também por aí nos pôs "a corda ao pescoço" o Mestre Samael. Fora, pois, dessa questão do ego, e agora...

V.M. – Agora estão os detalhes. Essas representações se combatem é combatendo os detalhes.

P. – Ou seja, pois, que temos que eliminá-los todos lá, ou pedir à Mãe Divina que elimine todas essas fotos mentais de cada um de nós?

V.M. – Então se vai é à raiz; à raiz, donde dependem todas essas coisas.

P. – Mestre, agora que o senhor nos falava dos detalhes, cada vez que se aplica a morte em marcha, libera-se uma porcentagem de consciência. Essa quantidade de consciência que se liberou com a aplicação da morte em marcha, nos leva a... Esse é um processo interno, assim como assim, ou que temos que fazer algum outro trabalho para que nos ajudem?

V.M. – Olhe, vou explicar-lhes mais objetivamente isto. Aqui temos a essência, não? Porque não lhe podemos dizer alma. Diz-se-lhe Budhata ou essência, porque não é alma, em realidade não.

Quando nós começamos a morrer, a nos tirar todos estes detalhes, essa essência se vai fortalecendo cada vez mais, até se converter numa alma. Essa alma é praticamente inconsciente, se a deixamos assim. Então, que se faz? Recorrer à meditação para despertar a consciência à alma. Então essa alma segue sendo consciente. Isto se diz Turiya.

Quando alguém desperta a consciência à alma, dizem nos mundos já eletrônicos, mundo causal: "Que se faça um Turiya!". Há uma grande festa das hierarquias; música, uma alegria, porque se chegou consciente com essa essência lá. Já essa essência lá é um Deus, consciente, capaz de investigar tudo o que queira, sem barreiras de nenhuma espécie. Então se apela à meditação, para despertar a consciência à essa alma.

P. – Mestre, o trabalho da morte em marcha dá igual resultado num solteiro que num casado?

V.M. – Igual. Claro que o casado que está transmutando sua energia tem muito mais força. Porém, em si, o solteiro também pode começar a morte, sim, porque o solteiro tem sua mãe individual.

P. – Mestre, o senhor nos explicava o seguinte: Assim como o trabalho da morte variou - agora vamos trabalhar com a morte com os detalhes – também nos explicava o senhor que na morte do eu no arcano já não ia ser dessa forma como se vinha fazendo antes, senão que se transmutava, nada mais, para dar força à Mãe Divina.

V.M. – É que da transmutação vem a força, não somente para a Mãe Divina, senão para nós. Até o verbo pega força. Não? Porque, já praticamente na morte, pois, a Mãe Divina é mais que suficiente para desintegrar todos esses detalhes. Tem força até de sobra, porque é raro o detalhe que agüente dois trabalhos. Não?

Então, vai morrendo, então, não há necessidade de arcano. Se já quando existe um detalhe que se repita, não? Que se lhe aplica a morte em marcha e volta e se repita mais adiante, então se pode apelar ao arcano para desintegrá-lo, tal como o indica o Mestre.

Porém, quando já se fez um trabalho e volta a surgir outra vez o mesmo detalhe, então é porque é muito forte. Então se apela ao arcano para a desintegração.

P. – Porém, existem eus muito fortes, por exemplo, o da ira, que nos podem sacudir.

V.M. – É que, olhe, a ira, vamos a um exemplo: Eu digo uma palavra ferina que incomodou a você. Tem um princípio. Foi por uma frase minha, ou uma ação minha que você se desgostou. Se você está alerta em si mesmo, quando você sente este desgosto, apele duma vez à Mãe Divina aí. Então não há nenhum problema.

P. – O problema é não fazê-lo?

V.M. – Não fazê-lo, é claro. Se nesses momentos em que disse essa frase ou fui e fiz algo que não agradou a você, que se vê a ira, aí mesmo apelar à Mãe Divina, instantaneamente, já. Evita-se o problema com os demais, e tudo, e vai morrendo.

P. – Para isso necessita-se estar sempre alerta.

V.M. – É que para poder trabalhar com estes detalhes, tem que se estar alerta em si mesmo, a nós não fica tempo de estar olhando o que o outro está fazendo. Se estamos aqui nesta reunião, como pode haver milhares numa reunião destas, nós não nos devemos identificar com as pessoas, senão sempre estar pondo cuidado em si mesmo, para ver que agregado está se manifestando nesses momentos. Não se descuidar de si; do contrário, perde-se o tempo.

P. – Mestre, com esta prática da morte, o que liberamos é essência. À essa essência, depois, temos que despertar-lhe a consciência?

V.M. – A consciência, com a meditação.

P. – Isto, na verdade não o entendo bem, o do despertar a consciência à essência.

V.M. – É que esta essência ou alma é inconsciente. Então, o único meio para que ela desperte consciência é a meditação.

P. – A que meditação se refere? À meditação no vazio ou...

V.M. – Sim, quando se fala de meditação, é não pensar nem no bem nem no mal. Mente em branco. Então, isso nos dá a oportunidade de nos dirigirmos aos mundos eletrônicos com nossa essência, nada mais, nossa alma, e lá nos mover com plena vontade, sem necessidade de dizer ao Mestre: "Veja, investigue-me tal coisa". Ou lhe pede permissão. Não. Ir para fazê-lo com plena consciência. Isso se chama Turiya.

Por isso, quando se consegue, nessas primeiras vezes, por exemplo, fazer isso, lá gritam em coro as hierarquias: "Que se faça um Turiya!".. Turiya quer dizer consciência contínua. Porque, não é porque se conseguiu a meditação uma vez, uma só vez, e se moveu com plena consciência no mundo causal, vai seguir, não. Tem que

se tornar um prático até continuar com a consciência contínua a toda hora. Isso é Turiya, consciência contínua.

P. – Mestre, a experiência pela qual passa a essência nesse momento em que se está nessa meditação, é diferente para cada essência?

V.M. – Não. O mesmo, o mesmo. Todos vamos ao mesmo ponto de partida, que é a sexta dimensão, para nos mover e para investigar o que nos pareça lá.

P. – Isso, a isso me refiro; a que, o que vai fazer cada essência é diferente...

V.M. – Diferente, porque é de acordo com a revolução da consciência de cada um. Entende?

P. – Parece-me que o Mestre Samael havia dito que para dar a consciência à essência, é o fogo sagrado que dá esse choque à essência, para convertê-la em consciência.

V.M. – Não. É com a meditação. Com o fogo sagrado fabricamos todos os corpos solares e existenciais do Ser. Porém, a consciência, sim, temos que dá-la por meio da meditação, para que a essência desperte consciência. Se não, segue dormindo.

P. – Mestre, conforme vai subindo o fogo, por exemplo, pela parte astral, vai-se fabricando o corpo astral?

V.M. – Olhe, nós gastamos uma grande quantidade de energia da que produz o organismo, o corpo físico, na sustentação da parte física e, como nós estamos trabalhando com estes resíduos, aqui nos vai ficando um excedente. Não? Um excedente que o corpo físico não gasta. E esse excedente é o que vamos transmutar para fabricar os outros corpos internos.

Por isso é que é necessária a morte, para que vá havendo um excedente; porque, se não existe excedente, com que material vamos fabricar os corpos internos? Então, a morte é básica e fundamental para o trabalho.

P. – A pergunta concreta era: Desperta o fogo; sobe pela parte astral. Então, o corpo astral é fabricado quando o fogo já subiu?

V.M. – Quando a Serpente Ígnea culminou seu percurso, então já fabricou o corpo astral, já goza dum corpo astral solar, um autêntico corpo, porque o comum e corrente, ao que se diz astral, é corpo de desejos, um corpo lunar. Porém, já quando a Serpente Ígnea sobe pela medula espinhal do corpo astral, já fabricou o corpo astral solar, e já se é um Homem autêntico.

Diz-se Homem autêntico por este motivo. Nós, aqui, somos machistas. Dizemos que a mulher é lunar e nós somos solares. É falso. Isso é uma mentira. Tão lunar é a mulher, como lunares somos nós; tão negativa é a mulher, como negativos somos nós, enquanto não se tenha feito seu trabalho. Já se deixa de ser lunar, quando se fabricou seus corpos solares, como a mulher também deixa de ser lunar, quando fabrica seus corpos solares. Então já passa a ser um Mestre autêntico nos mundos internos. Não importa seu corpo feminino que tenha, porque o trabalho interno é o que conta aí.

Por isso é que nós, se não temos fabricado estes corpos solares, depois da morte assumimos a figura, sim, os mesmos órgãos e tudo, de uma dama. Lá somos femininos. Por quê? Porque somos lunares. Então, lá somos damas, e isto é até vergonhoso para nós, tão machistas que somos aqui, para vir a ser uma dama lá.

E as damas, o contrário. Vem a ser varões. Então, elas namoram a nós. Não? É certo, sem dúvida nenhuma, porque lá ressalta é o trabalho. Sim, uma dama pode fabricar seus corpos solares; lá é um Venerável Mestre, e já é um Mestre! Por isso da mulher não se fala nada e as mulheres têm seu rancor por isso, porque de damas não se diz nada, porque, quando fabricam os corpos solares são Mestres. Então se fala do Mestre, não importa o corpo feminino que tenha.

Esse erro o tiveram os próprios apóstolos. Os apóstolos tiveram esse mesmo erro com a mulher. Igual. O machismo! E uma vez propuseram a Jesus que tirasse a Maria, tirasse a mulher dentre eles, porque a mulher era negativa, e não, e não tinha acesso a nada a mulher, segundo eles. Então lhes contestou ele: "Deixai a Maria, deixai a mulher aí, porque eu farei dela um varão". O que lhes estou explicando agora. "Eu farei dela um varão".. Claro, fabricou seus corpos solares, um varão, um Mestre.

P. – Mestre, agora que estamos falando dos corpos, qual é a nutrição do corpo físico e do corpo vital, visto que o hidrogênio 24 nutre o corpo astral, o hidrogênio 12 alimenta o corpo mental, o hidrogênio 6 nutre o corpo causal. Qual é o hidrogênio, qual é o alimento que nutre o corpo físico e o corpo vital?

V.M. – O corpo vital se nutre da parte vital dos alimentos. Por exemplo, você chega e faz uma iguaria que um familiar seu, que desencarnou, gostava. Um manjar de tal ou qual coisa. Você o faz. Ele chega e come a parte etérica. O alimento em si, tridimensional, fica aí e ele come a parte etérica. Então, alimenta-se da parte etérica. De modo que assim se alimentam os corpos. Nós nos alimentamos da parte tridimensional, da parte pesada, tosca, dura, isso.

P. – Porém, o que a senhora quer saber é a qualidade de hidrogênio. Será 48?

V.M. – 48, sim. O do físico sim.

P. – E o vital também?

V.M. – Sim, porque inclui os dois. A parte tridimensional e a parte tetradimensional se confundem; então, vem a se alimentar com o mesmo. Um (físico) se alimenta com a parte tridimensional, com a parte tosca; e o outro (corpo vital), com a parte vital da mesma comida.

P. – Quando se trabalha com um detalhe, e não se deixa, pois, que nos roube a energia, essa energia também vai servindo de alimento a esses corpos, físico, astral, mental?

V.M. – Segundo o corpo que se está fabricando, o corpo que se esteja fabricando, a este serve, porque esse é o excedente para podermos fabricar nossos corpos internos. É o excedente, porque se necessita economizar essa energia com a morte.

P. – Porém, talvez eu não compreenda bem o espanhol nessas palavras. O senhor disse: "Jogar tudo!". Que é isso?

V.M. – Jogar tudo. Jogar a vida, jogar o que nos cabe, a riqueza, o que seja.

P. – Dar tudo?

V.M. – Tudo!!! Pois, observem vocês:

Eu comecei o caminho, comum e corrente, como qualquer pessoa; e chegou o momento em que eu, se me tocasse abandonar a mulher ou, melhor dito, se a mulher não me tivesse seguido a mim em minha decisão, deixo-a! Porque, eu ia para onde ia.

Reparti os bens, e eu não deixei nem $100 para mim. Tinha dois carros, tinha duas propriedades. Eu o reparti com os filhos. Eu não deixei nenhuma moeda, senão, a maleta com a roupa, nada mais. Nem casa, nem nada me ficou. E disse à mulher: Segue-me, ou não me segue, porque vou fazer minha revolução. Vou para o que vou. Para o que vem, vou para fazê-lo, já! Se você me segue, bem. E se não, até logo! Por quê? Isso é jogar o tudo pelo tudo... Uma revolução assim, já! Sem medo da vida, nem do que dirão, nem de nada!

P. – Mestre, porém, quando o senhor, digamos, se foi, saiu do país para entregar o conhecimento, o senhor, para todas as partes levava a sua senhora, ou o quê?

Mestre Rabolú – Não. Na primeira vez demorei dois anos fora do país. Dois anos. Sabe com quanto eu saí dessa vez? Com doze pesos colombianos para um giro internacional.

Tenhamos muito cuidado: Necessita-se ser ousado para fazer uma coisa dessas. Não tinha nem maleta para colocar a roupa. Num saco, desses de farinha, de trapo, nisso lancei uns quatro trapos e saí e internacionalmente. Diziam-me: "Louco!".. E digam o que seja! Eu vou para onde vou, já! E fui, e vim, e o quê? E aqui estou! Morri de fome? Não! Isso é ser um revolucionário! Isso é o que nós necessitamos fazer! Jogar o tudo pelo tudo! Já!!!

P. – Nesses anos no exterior, o senhor não pôde trabalhar no arcano?

V.M. – Não.

P. – E esse trabalho então?

V.M. – Aí ficou estancado, enquanto isso.

P. – Porém, ao regressar o retomou?

V.M. – Claro! Recupera-se.

Sim, eu me joguei assim, o tudo pelo tudo, não deixei 100 pesos no meu bolsinho para mim, não. Eu repartia com a família e já, pronto! Ou seja, rompi cadeias. E se a mulher não me segue, pois, também, bem. Vamo-nos! E se você me segue, vamos; e se não, fique, já! Essa é uma revolução de fatos. Duma vez, sem medo e sem nada!

P. – Neste caso, por exemplo, há muitas pessoas que exigem da mulher, porque simplesmente ela trabalha, e ele não quer que ela trabalhe. Porém, ela trabalha para ajudar, para a difusão, para ter um meio de transporte, por exemplo. E dizem: "Ou deixas o trabalho ou se acaba tudo!". Para mim isso é injusto, porque o trabalho é para ajudar na difusão.

V.M. – Porém, olhe, o que eu lhes disse aqui, aos da Junta, qualquer bem, qualquer coisa, nós viemos para romper cadeias, não para nos atar mais!...

Essas são as coisas do ego. Isso o que você me diz é o próprio ego, atuando com certo disfarce. Se essa senhora se lança ao campo de batalha com o marido, para acompanhá-lo.... ”E vamos!”. Não vão morrer de fome e não estão presos às coisas do mundo, aos brinquedos que a própria natureza nos põe. São brinquedos, entretenimentos, para que não se faça a revolução da consciência.

P. – O Mestre Samael nos diz, precisamente a respeito, que, no dia em que se compreenda que tudo isso é ilusório, passageiro, pode-se realmente...

V.M. – Não. Sim, é que tudo é ilusório. Sim, tudo, tudo na vida. Aqui não existe nada real. O único real aqui, neste mundo tridimensional, é o que estejamos realizando dentro de nós, aproveitando esse tempo, para construir nosso próprio templo. Isso é o único real. O demais é fantasia, ilusões. É mentira, melhor dito!

Eu o compreendi muito. Graças ao céu, eu não me sinto atado ao mundo. Não, não me sinto. Não tenho ambições de dinheiro, de coisas, de objetos do mundo, porque tudo é ilusório.

Eu, para qualquer objeto bonito me dizem: "Veja, que beleza!". Homem! Não se pode dizer, ao que é bonito, dizer feio, porque seria contraditório. Porém, busca-se a verdade nesse objeto: Onde está? Onde está a realidade disso? Não existe. Então, tudo é um vazio.

Então, são bobagens, porque as coisas do mundo são uma bobagem. É a própria natureza que nos põe todos esses entretenimentos, para nos entreter, para que não nos liberemos. Isso é tudo!

P. – Eliminando os detalhes, a essência, pois os três por cento, mais ou menos, aumentam. Até quanto podem aumentar?

V.M. – Podem aumentar os 50, os 60, os 70%, segundo a nossa morte.

P. – À pura base da morte em marcha?

V.M. – Vai aumentando e aumentando.

P. – Até que porcentagem?

V.M. – Não, não tem limite.

P. – À base da pura morte em marcha?

V.M. – Sim, da pura morte em marcha.

P. – Os 50%?

V.M. – Mais, muito mais.

Quando se está falando de consciência é porque essa consciência nos serve para nos movermos em outras dimensões conscientemente. Do contrário não se falaria de consciência ou não seria consciência. Não?

P. – Mestre, quando se come o alimento, não? Se nos alimentamos para que o corpo vital se nutra suficientemente, temos que comer alimentos naturais e com muita vitalidade, vivos, não? Assim a parte etérica nutre mais a parte...

V.M. – Sim, fortalece-se a parte etérica; e, ao fortalecer a parte etérica, então, fortalece a parte tridimensional, porque a parte etérica se fortalece no momento em que se dorme. Ela trabalha sobre o corpo físico, reparando-o. Então, sim, o corpo vital é forte, pois repara muito bem o corpo físico. A qualidade do alimento influi muito. Influi e muito!

P. – Então, depois desta revolução, na questão da morte do ego, é também ainda necessária a compreensão do ego, quando se faz a morte do ego no arcano?

V.M. – Bem, no arcano, por exemplo, vai-se trabalhar sobre um elemento, uma manifestação ou um detalhe que já se trabalhou uma ou duas vezes, e não morreu. Volta a se manifestar. Então, sim, já o levamos à parte sexual para trabalhá-lo e pedir à Mãe Divina a desintegração, porque resistiu a um ou dois trabalhos e não morreu. Então se apela no arcano, para apelar à Mãe Divina para a desintegração. Porém, muito raramente, porque eu, francamente, vou-lhes dizer que na quantidade de detalhes que pude desintegrar, não tive necessidade de apelar à Mãe Divina, senão somente: Mãe Minha... melhor dito, ao arcano. Retifico, ao arcano... senão só com a petição da morte em marcha eu consegui ir triunfando e não tive essa resistência de elementos psíquicos que não querem morrer, não.

P. – Mestre, porém, isso se deve, possivelmente, a que o senhor trazia um trabalho feito de uma existência anterior?

V.M. – Não, não, não! Estamos falando daqui e de agora! Daqui e de agora!

P. – É melhor concentrar-se no arcano para o nascer?

V.M. – Então, esse trabalho que aplicamos aqui no arcano, nos fica para o nascer. Então, esse tempo não o aplicamos aqui. Senão, aplicamo-lo em nossa criação. Sim?

CAPÍTULO VI – A SEGUNDA MONTANHA

Na Primeira Montanha são os mistérios do fogo, são os que selecionam, onde se cria os corpos solares, que são diferentes dos corpos de ouro. Não podemos confundir uma coisa com a outra.

Os corpos existenciais do Ser, também se chamam os corpos de ouro. Existenciais, se diz, porque são os únicos que suportam a voltagem de energia do Cristo.

Os corpos de fogo se fundiriam ao tomar posse deles o Cristo. Então, aos corpos de ouro chama-se-os corpos existenciais do Ser, porque são os que verdadeiramente suportam a voltagem de energia do Cristo.

E aqui, nesta Montanha, é onde nasce o Cristo, porque existe uma – não sei se será uma má interpretação – que diz que é o Cristo Íntimo.. O Íntimo, se diz, é na Primeira Montanha. Ao Mestre interno se chama Íntimo. Não? Já o Cristo é muito, muito diferente.

Então, vamos. O processo da Primeira Montanha é exatamente igual ao da Segunda, porque, para começar a Segunda, têm que ir morrendo os corpos de fogo. Por isso se diz: "Deus mesmo tem que morrer!".. Porque estes têm que morrer, para se poder fabricar os de ouro. Do contrário não se poderia começar a Segunda Montanha, se não se começa a morte aqui, a desintegração destes corpos de fogo, para que sejam substituídos pelos de ouro.

Nesta Segunda Montanha, o trabalho é muito mais exigente, porque aqui verdadeiramente está o caminho que nos foi deixado pelo Cristo, ou Jesus, quando nos deixou o ensinamento do caminho do Gólgota. É aqui onde vamos para viver todo o processo de Jesus, ou o Cristo. Os mesmos passos, os mesmos padecimentos, as mesmas coisas. Sente, o que esteja por esta Montanha, o que sucedeu ao Cristo, igual.

Os estigmas, os recebemos aí nessa Segunda Montanha. Sente-se a dor, porque nos dói o coração, e se sente correr o sangue quente. Olha-se, e o jorro de sangue. Isso! Parece que foi fisicamente aquilo!

Os cravos... quando nos cravam na cruz, a dor é imensa. Uma dor que se pensa que já se vai morrer, porque a dor a sentimos no coração. De modo que todos os passos que foram dados por Jesus, cabem a nós. Claro, vivemo-los em outras dimensões. Porém, com uma consciência que se crê que é fisicamente que está acontecendo este caso.

As caídas com a cruz também nos acontecem, porque vem um esgotamento e fica o iniciado sem forças. O peso da cruz é muito grande. Então, faltam-nos as forças. Cai-se com a cruz, e, ao cair, não se pode soltar a cruz. O que solta a cruz, até aí chegou.

Temos que nos levantar com a cruz em cima. Tenham muito cuidado, porque isto é o mais terrível para nós aí, porque não se pode soltar a cruz. Temos que nos

levantar com ela, onde já as forças nos esgotam, porque já se pensa para dar um passinho. Pensa-se, porque... é que não se tem forças.

Então, aí é onde nos vemos sozinhos. Totalmente sós, abandonados até das hierarquias, de tudo. Porém, mentira! Não estamos abandonados. O Pai e a Mãe estão prontos para nos prestar uma ajuda que a gente lhes peça, e toda a hierarquia. Estamos sob a observação de toda a hierarquia, mas, a gente não vê ninguém.

De modo que, observem vocês, que nunca estamos abandonados. Estamos no caminho e nos vemos sozinhos. E passam anos e anos e a gente sozinho, sem ver ser humano... Porém, as hierarquias estão todas com a vista posta em nós, para ver. Se pedimos uma ajuda, imediatamente a temos. Isso não se faz esperar, senão é em seguida que temos a ajuda, porque nós, regularmente, sempre pedimos força aí, coragem para seguir adiante com essa pesada cruz.

Então, de modo que, pois, na Segunda Montanha o trabalho é demasiado exigente, porque temos que nos enfrentar com um trabalho muito sério, de fatos, e não de palavras.

Aqui, nesta Montanha, já nos superamos bastante, já se caminhou bastante, fabricando seus corpos de ouro. Então é quando aparece o Cristo. O Cristo não é uma aparição subjetiva, senão objetiva. A gente vê, eu vi isso, senti, melhor dito.

Era a uma da manhã, quando cantou um galo. Coisa que eu, havia muitíssimos anos, que eu não ouvia cantar um galo, nem via uma pessoa. Cantou o galo. Eu me surpreendi, parei, detive-me para ver. Olhei o relógio: uma da manhã. Nesses momentos apareceu o Cristo Íntimo, ou individual, porém, é um menino vivo, uma beleza incomparável ! Vivo, vivo, vivo!

Então, quando já ele se incorpora em nós, então se fica rei da natureza. Todo o planeta ou os planetas os podemos manejar, como um menino manejar um boliche ou jogar um boliche; assim, igualzinho, porque já se tem o poder de Cristo encarnado dentro de si.

Vocês não se imaginam nunca, jamais, como nos sentimos, dono e senhor da natureza e de tudo, do cosmos, para formar parte do cosmos, porque se é uma força universal. Esse Cristo Íntimo, individual, que se encarna em nós, une-se com a força universal, e então tem todas as faculdades e poderes. Isso acontece na Segunda Montanha.

Nesta Primeira não se encarna senão as três forças primárias, que são Atman, Budhi e Manas. Aqui são Pai, Filho e Espírito Santo. Quando se termina esse percurso de fabricar seus corpos de ouro, encarna-se Pai, Filho e Espírito Santo, que são diferentes de Atman, Budhi e Manas.

Aqui as provas e tudo é mais rigoroso. A morte mística é uma coisa que no-la exigem de minuto a minuto, porque não se pode dar um só passo por este caminho, se não se vai com base na morte.

Se queremos parar para descansar, está a lei em cima de nós: "Circule!".. É o primeiro que nos dizem: "Circule!". Não se pode ficar quieto nem para descansar sequer, porque não há descanso; senão é lançar-se para adiante, ao macho, jogando-se a vida ou o que nos caiba, porque aí temos que jogar o tudo pelo tudo, para poder ascender nessa Montanha. Essa Montanha é muito rigorosa. Aí nos provam de todas as formas, em todo sentido. Não nos deixam um só detalhe que não no-lo provem.

De modo que, pois, aí temos que, para poder progredir, morrer. A morte mística é indispensável; do contrário não se dá um passo aí. Ou seja: Três fatores definitivamente, de fatos e não de palavras.

Pois bem, já fabricamos os corpos de ouro; encarnou-se a tríada superior, ou seja, Pai, Filho e Espírito Santo. Ainda não se tem direito de entrar no Absoluto, porque essa tríada é mecânica ante o Absoluto, porque, nesta tríada está o raio da criação dividido em três leis. Então, é mecânico. Lá, no Absoluto, não se entra como trindade nem como dualidade, senão como unidade – tenhamos muito cuidado – entra-se é como unidade.

Ponhamos aqui o Absoluto. Denomina-se como um zero grande, ou um círculo, porque ele está fora de leis, porque ele é a grande lei, onde rege tudo; nasce e morre e tudo volta para lá.

Por exemplo, às Mônadas, às quais não interessa a maestria, depois dos três mil ciclos, volta a tragá-las o Absoluto, para voltar ao Absoluto.

Que voltam sem consciência é outra coisa. Não vão gozar da felicidade absoluta, porque não têm consciência. Porém, tudo volta outra vez para lá, para seu ponto de partida, que é o Absoluto. De lá saímos, para lá voltamos, conscientes ou inconscientes.

Vocês me dirão: "Ah! Porém, para que vamos fazer a revolução da consciência, se sempre voltamos para lá, ao mesmo ponto de partida?". Porém, é que é muito diferente ingressar no Absoluto, regressar ao Absoluto, com os cem por cento de consciência, para gozar verdadeiramente da felicidade absoluta, do que chegar inconsciente, porque não se vai gozar da felicidade absoluta. Porque, essa é a grande vantagem que tem o que chega à liberação, porque vai gozar da felicidade absoluta e formar parte do Absoluto, da Grande Consciência, porque o Absoluto se chama: "Grande Consciência". Então, sim, existe uma diferença em cem por cento, do que se libera, do que não se libera.

Como fica uma Mônada à qual não interessou a maestria? Volta a seu ponto de partida. Lá fica, ante os liberados, ou ante a Consciência Absoluta, como uma formiguinha, olhando-nos igual. Não está gozando. Serve lá para dar os recados, porém, não mais. É inconsciente totalmente. Então, não goza da felicidade absoluta.

Bem, já encarnamos esta tríada superior: Pai, Filho e Espírito Santo. Aqui um iniciado tem que realizar o trabalho. O iniciado que chega aí, tem que realizar um trabalho já muito minucioso, que é a depuração da consciência, porque aqui nascemos.

Quando nos dividimos em três leis, fizemos a vida mecânica. Então nos afastamos do Pai, e por essa mecanicidade se foi formando o eu-causa. Por esse isolamento do Pai. Então já não se faz a vontade do Pai, senão, começa-se a atuar já mecanicamente, para fazer a nossa vontade, não a do Pai.

Então formamos o eu-causa. Aí é criado o eu-causa, pelo isolamento do Pai. Então, terminado, já limpou a consciência, voltou a normalizar a consciência, a ter cem por cento de consciência, porque a única forma de adquirir os cem por cento de consciência, é eliminando o eu-causa, que é a "causa causorum" de nós havermos perdido a consciência, porque ficou alterada por esse eu-causa.

Então, aqui, ao iniciado cabe começar a limpar a consciência, que são esses resíduos – falemos assim – o eu-causa são coisas diminutas, para detalhar, para ir fazendo uma depuração, pouco a pouco, com muita paciência, para poder deixar a consciência normal, que não fique alterada em nenhuma parte.

Então vem a Terceira Montanha. Aí é onde vem a Terceira Montanha, que são as iniciações de luz. Ponhamos muito cuidado, que há de fogo, há as iniciações de ouro e vêm as de luz, que são a última Montanha.

CAPÍTULO VII – A TERCEIRA MONTANHA

Na Terceira Montanha vem então a acontecer isto: Morrem estas três forças. Morrem. Por isso se diz: “Deus mesmo tem que morrer", porque este é um Deus, capaz de criar por meio do verbo e, não obstante, tem que passar pela morte.

A morte é uma transformação, uma unificação destas três forças em uma, que é o símbolo dos astecas, quando a águia traga a serpente: da dualidade à unidade, porque, ao Absoluto tem que se entrar como unidade, não como trindade nem como dualidade, senão como unidade.

Esta última Montanha são as iniciações de luz – ponhamos muito cuidado – que são muito diferentes das de fogo e das de ouro, porque vem a unificação de tudo isto, do raio da criação numa só, numa só força. Então, não há divisão do raio da criação. Então vem a unidade, a luz, a sabedoria, e tudo chega aí.

Isto o fiz, de separar as três Montanhas, para facilitar ao estudante, para que veja o que é que lhe cabe fazer, como está trabalhando e o que é que lhe cabe realizar. Para isso é que fiz essa separação, porque o Mestre falou em geral das três Montanhas. Não? Eu estou fazendo esta separação para facilitar o trabalho individual de cada estudante que se resolva verdadeiramente a se meter pela revolução da consciência, saiba que tem que ir em ordem. Primeiro as de fogo; depois, as de ouro e, por último, as de luz.

Agora, se me querem fazer perguntas sobre estas Montanhas, bem podem fazê-las, todas as que sejam. Suplico-lhes que não saiam do tema, senão, que todas as perguntas que sejam feitas, façam-nas sobre o tema que estamos tratando esta noite, para que fique tudo claro.

CAPÍTULO VIII – PERGUNTAS SOBRE AS TRÊS MONTANHAS

Pergunta – Mestre, quando o senhor fala de carregar a cruz, a cruz se entende como o sexo ou como o trabalho individual?

Mestre Rabolú – A cruz pesa é pela responsabilidade do iniciado. É toda a responsabilidade que tem sobre seus ombros. Essa é a cruz. Recordo quando me coube, iniciando os mistérios do fogo, carregar a cruz. Na Igreja Gnóstica me puseram a cruz, para que a carregasse. O Mestre nos dizia que a cruz pesava muitíssimo. O Mestre nos dizia isso em conferências. Nessa noite me põem a cruz... porque, na Igreja, uma fileira de Mestres e outros por aqui e a gente com a cruz pelo centro, até chegar ao altar.

Puseram-me a cruz e era como ter lançado... o quê? Não, nada, um trapinho ao ombro. Porém, então pensei eu: Por que a nossa mente é assim negativa? E eu pensei: Se isto é o que pesa a cruz, que venham cruzes! Porém, pensei dentro de mim, não o disse. Respondeu-me um Mestre, adiante: "Hoje não te pesa, amanhã te pesará!"

Claro, era a responsabilidade nessa época que eu tinha, não era nada. Então, não pesava a cruz. Hoje desejo que venha um que me ajude a carregar a cruz, porque a cruz é demasiadamente pesada. É a nossa responsabilidade, no que se ensina, em tudo. Essa é uma responsabilidade grandíssima. Então a cruz pesa é pela responsabilidade que se vai adquirindo. Um compromisso com a humanidade e com as hierarquias. Isso é sério! Bem, vamos ver, outra pergunta.

P. – Mestre, as iniciações venustas são as iniciações de luz?

V.M. – É que, olhe, vou dizer-lhe isto: Aqui passamos uma iniciação venusta; porém, falemos, como muito subjetiva. Aqui é muito mais objetivo. Já aqui são as iniciações de verdade, verdade, venustas, e o último já é a luz. A iniciação venusta já é a última, a própria. Porém, temos que passar por três etapas.

P. – Ou seja, existe a parte de iniciações venustas na Primeira Montanha?

V.M. – Aqui se passa na sexta dimensão. Quando se chega a fabricar seu corpo causal, acontece essa iniciação. Porém, então não é tão poderosa como a última. Não é tão poderosa como a última.

Sim, recebe-se muita informação, muita luz, tudo. Porém, então nunca se pode comparar com a daqui ou com a última, que já é a legítima.

É que nos vão deixando ver a luz aos pouquinhos. Para isso são as iniciações; para ver como, ao receber um grau ou uma faculdade, alguma coisa, como atuamos. Se atuamos mal, pois, podemos perder tudo, se nos envaidecemos.

Comentário – Entendíamos que na Segunda Montanha o iniciado está, além disso, trabalhando nos infernos dos planetas...

V.M. – É que, olhe, desde aqui se começa a baixar, desde a Primeira Montanha. Aqui, para dar um passo para cima, tem que baixar primeiro, ou, se não, não pode ascender. Tem que baixar primeiro aos infernos, para depois poder subir. Essa é uma lei.

P. – Da Terra e de outros planetas também?

V.M. – Todos os diferentes planetas, aos infernos de cada planeta.

P. – Então, temos eus em outros planetas?

V.M. – Nós temos raízes do ego em todos esses infernos atômicos de outros planetas. Temos raízes e temos que ir, não para cortá-las duma vez, senão para investigar por nós mesmos as coisas, para poder ir despegando e ter acesso para ascender uma dimensão a mais ou mais dimensões. Do contrário não podemos ascender.

Não vão fazer como fazia eu, quando me cabia, na Primeira Montanha, baixar aos infernos. Eu baixava com a espada na mão, como um galo de rinha, buscando briga, tirando esses pobres diabos correndo e não investigava. Até que os Mestres me chamaram a atenção, porque, por um lado era agressividade minha e, por outro lado, perdia a oportunidade de investigar. Então, lá temos que nos fazer amigo, iguais aos diabos para poder investigar ou, se não, não nos deixam. Não vê, esse é o problema.

P. – Mestre, por que, quando, nestas épocas das festas do Cristo, Semana Santa, no Natal, nos pomos de festa, vamos abaixo?

V.M. – Veja, os diabos festejam a Semana Santa como um triunfo deles, porque morreu o Cristo. Não? Se nós nos metemos também nesse mesmo plano, estamos festejando a morte do Cristo. Então, nós nunca devemos estar em pândegas, nessas coisas. Deve haver recolhimento, silêncio, meditação em sua casa, sem escândalo nenhum, para não se imitar aos diabos ou cair no próprio plano de um demônio.

P. – Isso é só na Semana Santa ou também no Natal?

V.M. – Porque foi a morte e ressurreição do Cristo. Quando morreu, toda a loja negra soltou o grito de felicidade, porque foi um triunfo para eles, porque

acreditavam que ficava aí, que já se havia acabado essa contraparte deles. Então, aí foi o triunfo dele, do Cristo. Aí foi o triunfo dele, porque, como se diz esotericamente – pergunta-se por um Mestre ou por um iniciado – dizem-nos: "Tragou-o a terra!". Respondem-nos: "A esse, tragou-o a terra!". Passou pela morte e ressurreição do processo do Cristo. Morre para nascer de verdade. Ou dizem também, contestam-nos: "Tragou-o o Absoluto!".. Porque, esotericamente se fala assim: Tragou ou vomitou.

Então, quando alguém se libera, perguntam: "E fulano? O Mestre fulano?". Tragou-o o Absoluto. Já se sabe que se liberou, já chegou à liberação.

P. – Mestre, regressando às iniciações venustas. Na Terceira Montanha são sete iniciações de luz?

V.M. – São sete iniciações de fogo, sete de ouro e sete de luz.

P. – O Mestre Samael nos falou das serpentes de luz. Temos que levantar também sete serpentes?

V.M. – As serpentes de luz vêm a ser as da Terceira Montanha. Já que essa é a luz de verdade. Aqui, as serpentes de ouro, ou as da luz, também se diz; porém, uma luz menos visível que as serpentes de luz. Quando alguém pega a Terceira Montanha, tudo se torna luz. É um iluminado.

P. – Na Primeira Montanha, temos que levantar sete serpentes?

V.M. – Todas. Aí não existe exceção nenhuma.

P. – Sempre mediante a magia sexual?

V.M. – Aqui em cima, sim, se necessita, porque em todas as dimensões se pratica. Porém, depende do corpo que se esteja fabricando, vai-se praticando na dimensão que corresponde ao corpo que se está fabricando. Porém, sempre a magia sexual aqui é um fato que temos que fazer.

Até as portas do Absoluto necessita-se desse fator nascer, porque é o que produz a energia para poder cristalizar os corpos internos. Se não existe essa fonte de energia aqui, como se poderia fabricar os corpos solares ou existenciais do Ser? Não se poderia, não haveria matéria prima. Então, necessita-se da transmutação até as portas do Absoluto. Quando se entrou no Absoluto já fica proibida terminantemente.

Bem, façam mais perguntas sobre o tema, porque se não me dá raiva... (risos).

P. – É uma pergunta que é sobre o final da Primeira e da Segunda. Isso de pedir o elixir?

V.M. – O elixir da longa vida se consegue aqui.

P. – Pode explicar por que uns Mestres o pedem e outros não?

V.M. – Bem, uns o pedem e outros não o pedem por este motivo: Porque muitas vezes o corpo físico já está desgastado, demasiado; então, esse Mestre, como o corpo lhe estorva, o corpo não responde às inquietudes do Mestre, então prefere não pedir o elixir da longa vida, para mudar de corpo. Não? Isso é tudo.

P. – Neste processo das Montanhas, o iniciado tem que cozinhar uma ânfora. Poderia o senhor nos dizer exatamente o que é essa ânfora e como se relaciona com as iniciações? De cozinhar uma ânfora na qual o Cristo verte essa comida da imortalidade.

V.M. – Olhe, isso tem diferentes nomes esotericamente. Essa ânfora é a sublimação, a sutilização da própria energia, para poder criar, refinar essa energia até convertê-la numa luz muito mais poderosa; ou seja, temos que tirar, como dizem os Mestres, “tirar e retirar". Não? Refinar mais as energias. Em outros termos se diz: "Temperar mais a espada, temperar mais a espada".. Então, é questão de terminologia. Porém, em síntese, é isso.

P. – Mestre, na Primeira Montanha se cria o corpo astral, mental, causal. Na Segunda Montanha também são criados estes corpos?

V.M. – Porém, já de ouro.

P. – E na Terceira Montanha?

V.M. – Já estes corpos morrem, para que nasçam os de luz.

P. – Ou seja, porém, também astral, mental, causal, já...

V.M. – Tudo, porém, então se vai resumindo. Sim? Resume-se muito o trabalho aí.

P. – Mestre, esse trabalho que nos diz o senhor na Segunda Montanha, de trabalhar com os eus-causa na depuração da consciência, é o próprio trabalho com os detalhes, aqui no físico?

V.M. – Esses detalhes que eu estou ensinando a vocês, servem como disciplina para se poder esmiuçar a consciência e acabar com o eu-causa. Porque já se está disciplinado aqui com os detalhes, porque o eu-causa são detalhes diminutos, coisas que ainda nós nem entendemos. Então, se nós temos essa disciplina aqui, para acabar

com os eus, essa disciplina nos serve lá para acabar com os eus-causa, porque já se está educado para esse trabalho.

P. – Porém, esse trabalho é o final da Segunda Montanha?

V.M. – O final da Segunda e o princípio da Terceira.

P. – Mestre, as Mônadas que ingressam no Absoluto sem auto-realização, têm outra oportunidade?

V.M. – Não. Ficam relegadas para sempre. Nunca mais se lhes dará a oportunidade. Deram-lhes o tempo suficiente para que fizessem seu trabalho e não o fizeram, por preguiça. Como existe esse livre arbítrio, ninguém as pode obrigar. Então, não lhes interessou? Não lhes interessou! Ninguém as vai obrigar. Então, perdem essa oportunidade, e perdida para sempre. E, nesse caso, se lhes dessem outra oportunidade, fariam o mesmo, voltam a repetir o mesmo. Então, para quê?

P. – Que diferença há entre Atman, Budhi e Manas e Pai, Filho e Espírito Santo?

V.M. – Atman, Budhi e Manas são fragmentos da Mônada. Porém, aqui estão, poderíamos dizer, em embrião. Esses fragmentos aqui já crescem mais, e são os mesmos. Aqui já estão desenvolvidos e aqui são um fragmento, nada mais.

P. – Na Primeira Montanha se chamam Atman, Budhi e Manas; na Segunda se chamam Pai, Filho e Espírito Santo. E na Terceira, como se chamam?

V.M. – Na Terceira já chega é a unidade. Já a unidade. Já aí não existem mais tríadas, senão, temos que reduzir a tríada à unidade.

P. – Mestre, fala-se da fabricação dos corpos astral, mental e causal. E, também, por que não do Búdhico e Átmico?

V.M. – Atman é o espírito divino, aquela chispa que levamos dentro de nós, está feita, não temos que fazê-la; e à consciência tampouco nada temos que fazer. Não vê? O que temos que fabricar é o causal para dar lugar às outras duas forças, para que se posicione o Íntimo com sua alma divina e sua alma humana.

P. – O Cristo nasce quando já estão feitos os corpos de ouro. Ou seja, nasce como um menino?

V.M. – Ele nasce como um meninozinho e o colhe a lei dos sete. Ele nasce como um bebê, pequenino, e, então, desde esse momento colhe-o a lei dos sete. A cada sete anos se vai manifestando com mais força, com mais sabedoria. A lei dos

sete não pode ser descartada aí. A lei dos sete opera. Cada sete anos vai-se manifestando, até que chega a idade dos quarenta e dois anos, já adulto, já se manifesta em todo seu esplendor, porque ele continua crescendo como qualquer menino, dentro de nós, de acordo com o trabalho com os três fatores.

P. – Qual é o pagamento que dão ao iniciado, na Segunda Montanha, por todo esse sacrifício que faz, por todo esse trabalho que vai fazendo, na criação de cada um dos corpos? Qual é o pagamento que lhe dão?

V.M. – Não o poderíamos definir porque são muitíssimos pagamentos, poderes, faculdades, sabedoria, de tudo. Então se converte num Deus, capaz de criar por meio do Verbo. Então não poderíamos especificar qual é o pagamento, porque são muitíssimos pagamentos.

P. – Mestre, antigamente as pessoas pediam o advento do Cristo. Como se deve entender esse costume dos povos antigos? Temos que fazê-lo?

V.M. – Bem, isso é questão já religiosa. Todas as religiões criam na psique das pessoas essa crença, que não é mais que uma crença vaga. Isso é vago, porque o Cristo nasce de acordo com os três fatores. Se não se está trabalhando com os três fatores, para que pôr-se a perder o tempo? Para crer que o Cristo se vai encarnar em nós?

Agora, vou-lhes dizer isto: Que nenhum Mestre da Loja Branca, incluindo o Cristo, incluindo o Espírito Santo, se manifesta através de um veículo alheio. Eles têm seus próprios veículos para se manifestar. Então, um diabo, sim, pode assaltar um templo alheio. Um diabo, sim, o faz, e isso o vemos a toda hora. Porém, um Mestre da Loja Branca, nunca, jamais vai assaltar, tomar de ninguém um corpo físico para se manifestar.

O Espírito Santo dá a mensagem sem necessidade de se incorporar em nenhum veículo. Dá a mensagem. Às vezes aparece em forma de pomba branca, com a cabeça preta, figura de ancião.

Faz uns seis, oito meses, um ano, não sei, estava eu uma noite aqui deitado, quando eu via que baixava a pomba do Espírito Santo – eu a conheci – revoou por cima. Então eu entendi que era uma mensagem; e voltou e subiu em forma de funil. Rum! Como fazendo um caracol. Rum! Logo eu entendi que era uma mensagem para mim. Saí de meu corpo, fui... Sim, senhor, estava-me esperando aí o Espírito Santo para me entregar sabedoria, porque ele é um sábio completo. Um sábio!

Então, eles se manifestam assim, nessa forma; porém, não vão tomar um corpo físico para se apoderar dele. Não! Isso é um assalto a um templo alheio. Isso não o faz nenhuma hierarquia.

P. – Mestre, essa pomba era física?

V.M. – É vista fisicamente, porém com o sexto sentido, ou seja, o sentido espacial. É visto como se fosse físico.

P. – Mestre, o senhor nos disse que o Cristo nasce como um bebê. Gostaria de saber se desde o momento em que nasce já tem toda essa sabedoria, ou à medida que vai crescendo...

V.M. – Por isso o colhe a lei dos sete. Cada sete anos vai se manifestando com todo seu esplendor, até que chega à idade dos quarenta e dois anos, quando é um adulto completo. Por isso o colhe a lei dos sete.

P. – Mestre, na Terceira Montanha é recolher todas as partes da Mônada. Aqui também recolhem Lúcifer? Recolhem-no também?

V.M. – Aqui se vai reduzindo. Por exemplo: Esse trabalho daqui, estas três forças primárias, como eu as chamo, porque o Mestre não chama primário a isto, eu digo primárias, porque é a Primeira Montanha, onde se encarna três forças primárias e aqui já se cristalizam as três forças superiores, o Pai, Filho e Espírito Santo, e aqui se reduzem à unidade. Assim é que a Mônada vai recolhendo suas diferentes partes, até chegar à unidade.

P. – E aí vai. Recolhe também a...

V.M. – Tudo, tudo! Ela se multiplica, se divide na baixada, e ao começarmos a ascender, vai recolhendo suas partículas, até que chega à unidade conscientemente.

Já, por exemplo, qual foi a finalidade de o Absoluto emanar essa criação, por exemplo, das nossas Mônadas? A finalidade de baixar... vai-se dividindo por partículas. Cada partícula cumpre uma missão dentro de nós, ao baixar. Para quê? Para adquirir experiência, porque essa Mônada sai inconsciente daqui. Então, baixa. É uma experiência. Ao chegar aqui, às quarenta e oito leis, volta a ascender, se fazemos a revolução da consciência. Porém, então, já esta consciência de baixada e de subida a leva dentro de si a Mônada.

Então é a Grande Consciência, para poder fazer parte da Grande Consciência. Do contrário seria inconsciente. Então nós baixamos e ficamos acomodados aqui embaixo. Não queremos ascender e nos acomodamos foi aqui embaixo, no mal. O mal nos pareceu melhor.

P. – E o que determina, Mestre, que uma Mônada – sabemos que existe o livre arbítrio – porém, o que determina que uma Mônada busque a maestria e outras não, quando a origem é a mesma?

V.M. – A origem é a mesma; porém você sabe que... Você tem vários filhos, manda-os ao colégio, todos. A uns lhes interessa chegar a adquirir um grau. A outros não lhes interessa e voltam tão brutos como você os mandou. Voltam tão brutos e ignorantes. Assim acontece com isto, exatamente igual. Ninguém pode obrigar a estas Mônadas que façam a revolução da consciência. Ninguém! Porque ninguém... isso é intocável! Então as deixam a seu livre arbítrio. Então, não lhes interessa, não lhes interessa.

P. – Qual é a diferença entre a Mônada e o Pai? Porque se diz que nosso Pai interno é um Mestre.

V.M. – Um Mestre, é o Íntimo, Atman.

P. – Então, como se explica que a Mônada não tenha maestria?

V.M. – A Mônada tem maestria.

P. – No caso das que não lhes interessa?

V.M. – Ah, não! Elas, como não gozam nem de consciência... então elas baixam para fazer uma consciência, e como não lhes interessou, que consciência vão adquirir?

P. – Poderíamos dizer que existem Íntimos que são Mestres e outros Íntimos que não são Mestres?

V.M. – Todo Íntimo é um Mestre. Todo Íntimo, sem exceção. Não? Falta-lhes é fazer consciência. Essa é a diferença que existe. As Mônadas, umas adquirem a maestria, ou seja, liberaram-se; outras não. Ambas são Mônadas, porém, em troca, a diferença está na consciência.

P. – Uns Mestres com consciência e outros Mestres sem consciência?

V.M. – Inconscientes. Essa é a divisão ou a diferença que existe. É a consciência.

P. – Mestre, eu escutei uma vez, diz-se que uma essência quer trabalhar e a Mônada não colabora. As hierarquias obrigam a Mônada?

V.M. – A essência, quando não quer trabalhar, é porque à Mônada não interessa a maestria. Então, uma essência sozinha não pode trabalhar, tem que ter a influência da Mônada, porque a Mônada é a que impulsiona as suas diferentes partículas para nos lançar à revolução da consciência. Se à Mônada não interessa, às outras partículas não lhes interessa nada. Isso é o que dizemos nós: "Que mago negro

esse, que não sei quê..".. Não, essas são Mônadas às quais não lhes interessa a maestria e pronto!

P. – Seria correto, ou necessário, pedir constantemente, ou diariamente ao Íntimo que impulsionasse a essência?

V.M. – Os que estamos aqui, é porque à mônada interessa a maestria. Se não lhes interessasse a maestria, não estaríamos aqui reunidos, tratando isto espiritualmente. À Mônada interessa a maestria e por isso estão aqui.

De modo que, pois, não há necessidade, senão de pedir à Mãe e ao Pai força. Força, porque, observem vocês, nunca se deve pedir coisas que não se ganhou da hierarquia. Pede-se forças, e tendo força, consegue-se tudo o que se necessita. Pedir força! Isso!... O Mestre Samael, uma noite, estando eu no México, fomos à Grande Cadeia, ante o Logos do Sistema Solar. Quando me tocou pedir, eu não me pus a me identificar com a mente, porque sei que a mente é o ego e iria pedir coisas absurdas. Então, eu me dirigi ao Pai, ao Íntimo, para que ele pedisse. Então pediu força. Força foi o que ele pediu. E então o Logos me repete: "Pede algo mais, que te será concedido!". Voltei e apelei ao meu Pai. Não, silêncio. O que se necessita é de força. Isso é o que se necessita para caminhar. É força! É o único que necessitamos nós. Tendo-se força, tem-se tudo.

No outro dia me disse o Mestre, de manhã. Disse-me:

– Por que não pediste uma ajuda econômica, para que não sofras tanto em tua missão? Disse-lhe:

– Veja, eu não sou dos que mato um tigre e fico com medo da pele. Eu nasci pobre e não tenho medo da pobreza.

A pobreza, cumprindo-se uma missão com maiores sacrifícios, maiores méritos. E ascende-se é pelos méritos do coração. Então, quanto mais sacrifícios, melhor para nós. Não? Porque se vai adquirindo maiores méritos.

P. – Mestre, ainda que nossas Mônadas, sim, tenham essa inquietude que seja pela maestria, nossas essências, sim, podem desobedecer?

V.M. – Ela impulsiona e por isso é que vocês lutam por aqui, por ali, porque a essência está lutando para impulsionar a vocês. É que a Mônada impulsiona a essência e a essência então nos vai pedindo trabalho; aquilo que nós chamamos como essa sensação de buscar algo superior, é a essência. Então, a essência é a que está obedecendo. Nós temos que obedecer é a essa inquietude da essência. E obedecer a ela.

P. – Mestre, além da força, necessita-se também sabedoria?

V.M. – Tendo-se força, adquire-se sabedoria, porque, com esforços se chega à sabedoria. A sabedoria, temos que escalá-la com muitos sacrifícios. E, tendo-se força, pois, escala-se, sim!

P. – É o meio para chegar à sabedoria, a força?

V.M. – A força, claro! Tendo-se a coragem suficiente, joga-se o que seja e se chega à sabedoria. Do contrário não se chega, porque qualquer pagamento que nos vá fazer a hierarquia, necessita-se de grandes sacrifícios e para esses sacrifícios temos que ter força. Então, a força é a base para nós.

P. – Há vezes que se sente que não se sente o impulso da essência e a gente se desespera...

V.M. – Olhe, em nós existem os dias e as noites cósmicas. Conforme há dias e noites cósmicas, dentro de nós também passamos por isso. Quando temos esses decaimentos, que não se sente nenhuma... porque se está numa noite, está se passando por uma noite. Então, aí é onde temos que apelar ao que diz o Mestre, ao super-esforço, porque, para provocar um novo amanhecer dentro de nós, necessita-se praticar.

O que é que nos dá preguiça, sono, bem, milhares de dificuldades?.... Porque se está passando por uma noite, porque existe esse decaimento em nós, que nem se ouve, nem se vê, nem se entende. É por isso, porque se está passando por uma noite. Então, temos que apelar ao super-esforço de que fala o Mestre, para poder superar e provocar um novo amanhecer dentro de nós, porque então, já vem a lucidez, o ânimo.

P. – Porém, o que se poderia fazer para não entrar numa noite?

V.M. – Olhe, para não entrar numa noite dessas, necessita-se ser uma pessoa prática. Prática! Deixar a teoria duma vez: Vou praticar hoje isto, amanhã vou praticar isto... Sempre buscando que se sustenha esse dia dentro de nós e não deixar entrar uma noite.

Eu, por exemplo, eu não tenho essas noites, graças a Deus! Passei por umas noites terríveis que nem experiências, bem... nem se ouve, nem se vê, nem se entende. Eu sei o que é uma noite dessas! E quando um estudante se retira da Gnose, é porque está numa noite, está passando por uma noite, e com a noite aí se vai, porque já vê a Gnose como qualquer religião por aí, qualquer coisa inventada.

Então, esse amanhecer temos que mantê-lo sempre dentro de nós e somente se o sustenta

com a prática.

P. – Mestre, para fazer esse trabalho requerem-se os méritos do coração. Em que consistem esses méritos?

V.M. – Olhe, existem muitíssimos méritos. Tudo o que se consegue com esforço, porque tudo nos custa, porém, muitíssimos esforços. Aí vai havendo méritos. E um mérito do coração muito importante, que devemos ter em conta sempre, é que o amor é um mérito. O amor se alimenta com amor. Nós temos uma partícula de amor. Porém, nós servimos à Obra, à humanidade, com amor. Vai crescendo essa partícula de amor dentro de nós. Então esse é um mérito... e poucos o têm!

P. – Mestre, qual é a diferença entre o Íntimo, que temos no coração, e o átomo que temos aqui na raiz do nariz. Também é um átomo do Pai?

V.M. – Sim, sim, também um átomo do Pai. É que o Pai tem diferentes partículas dentro de nós. Vejamos, a essência, o Íntimo, todas essas são partículas do Pai, porque cada uma cumpre sua missão dentro de nós.

P. – E qual é a missão deste átomo?

V.M. – Esse átomo, pois, a missão é manter-se em contato direto com o Pai; por meio da intuição se sustenta essa comunicação com o Pai.

P. – Mestre, Atman, Budhi e Manas são desdobramentos correspondentes ao Pai, Filho e Espírito Santo. Atman corresponde ao Pai. O Filho corresponde ao Manas ou corresponde ao Búdhico?

V.M. – Todos estes pertencem ao Pai. São partículas que se dividem para nos prestar a ajuda necessária. Não? Porém, todas pertencem ao Pai. Todas, sem exceção nenhuma.

P. – Quando um Mestre se libera e entra no Absoluto, isso serve, diríamos, como alimento ao Absoluto?

V.M. – O Absoluto é a Grande Consciência, a Grande Lei, porque, então, daí depende a lei e depende tudo. Então se vai formar parte do Absoluto, dessa Grande Consciência, porque essa Grande Consciência necessita de seu alimento. Então é outra consciência. Para isso nós nos viemos liberar, para adquirir essa consciência, para formar parte e alimentar esta Grande Consciência, porque tudo necessita de um alimento.

P. – Mestre, é verdade que do Absoluto seguem outros mundos?

V.M. – O Absoluto é a primeira escala da sabedoria. É a primeira, porque a sabedoria é infinita. Daí para cima, que imaginação ou que entendimento poderíamos nós ter para alcançar imaginar que sabedoria haverá daí para cima? Se não

compreendemos nem sequer aqui o Absoluto, muito menos daí para cima. Porém, essa é a primeira escala da sabedoria.

Quantos iniciados terão chegado à liberação e terão continuado estudando! Jesus seguiu estudando e muitos o estão fazendo daí para cima. Não ficaram aí, senão, seguiram estudando. O que estudam? Que vamos nós entender, hem?!?

P. – Mestre, eu entendi o companheiro. Ou seja, assim como existe o planeta Terra, Marte, Mercúrio, Júpiter, qualquer planeta, o Absoluto é um planeta que está situado em algum lugar?

V.M. – O Absoluto não é um planeta. Não podemos confundi-lo com planetas, posto que dele nascem os planetas.

P. – Aquelas essências que não se liberaram e que foram ao Absoluto sem ter a maestria e aqueles Mestres que, sim, se liberaram, como vêem essas essências? Digamos, como filhos pródigos que não fizeram nada?

V.M. – Como ter você, por aí, como que lhe digo, um bobinho em sua casa, um filho seu, um bobinho que não serve para nada. Assim fica uma Mônada dessas ante as outras. Um bobinho aí, um resíduo.

P. – Mestre, o Absoluto e o Sol Espiritual são a mesma coisa?

V.M. – O Sol Absoluto.

P. – Diz-se que existe um Sol físico e um Sol espiritual, que é o conjunto de todos...

V.M. – Chama-se Sol Absoluto. Bem, não nos afastemos tanto das telhas para cima; vamos ver o que é que temos que fazer nós aqui. Pisemos aqui no planeta em que estamos e o que temos que fazer para ir subindo, porque nada fazemos em saber o que existe no Absoluto e essas coisas. E nós, o quê? Onde estamos? Vamos ver o trabalho que nós temos que realizar para chegar ao Absoluto, não o que existe no Absoluto. Senão, o que é que temos que fazer aqui e agora.

P. – Qual é o problema maior para começar a iniciação...

V.M. – Isto que eu lhes indiquei ontem são as portas para entrar no caminho iniciático; o trabalho psíquico, esse é tal como lhes estou ensinando, porque se equilibra os centros. Cada centro começa a trabalhar com sua própria energia e o resultado é a mudança da energia, das cores, para chegar ao vermelho. E então se começa o caminho iniciático duma vez. Esses são os passos que temos que seguir. Não existe outro caminho.

P. – Na cruz... isso o que o senhor nos comentou que se sente até o sangue correr...

V.M. – Quando se chega à crucificação, a dor é exata ao físico, seja quando nos estão cravando na cruz, sente-se a dor. Até o coração nos dói e sentimos correr o sangue e vemos correr o sangue como se fosse fisicamente.

P. – Mestre, tem-se entendido que se deve apelar sempre a seu Pai interno...

V.M. – Quando se apela ao Pai ou à Mãe, está se apelando a um só, porque o Pai e a Mãe são, em síntese... dependem de nosso Pai. Então, se você pede à Mãe, maravilhoso! E se pede ao Pai, o mesmo. Está se dirigindo, de todas as maneiras, a essas partículas divinas dentro de nós.

P. – Não obstante, no terreno da morte, é à Mãe a quem temos que pedir?

V.M. – Porque a missão dela é essa. O Pai nos dá a força e a Mãe é a sabedoria. Ela vai trabalhando em nós com sabedoria.

P. – Mestre, eu creio que uma das coisas que mais nos tranca em tudo isto é a fascinação com o mundo exterior, que, por exemplo, vemos duma forma muito extrema. Por exemplo, na Alemanha, tudo isto que nos chega através dos olhos e quase resulta...

V.M. – Sim, mecaniza-se tudo, até o nosso próprio trabalho. Tudo se mecaniza.

P. – Extremadamente mecânico e muito fascinante. E é uma luta terrível contra os sentidos, que se apegam a tudo que se vê.

V.M. – Bem, eu lhes vou dar uma fórmula como eu atuo nesse campo. Por exemplo: Este gravador é um artefato de ouro, que é o máximo para nós. Não? De ouro! Dizem-me: "Olha, Joaquín, que beleza!".. Homem, eu não lhe posso dizer que é feio. Não? "Homem, sim, é bonito!". Porém, eu me vou para a síntese disso. Onde está a verdade desse gravador? Não existe. É um metal que está sujeito ao tempo. Então, fazemos essa análise e não nos identificamos com nada.

Veja o que fez o Mestre Samael comigo, no México, numa das viagens que fiz. Disse-me:

– Hoje vamos passear. Disse-me em casa: Vamos caminhar. Disse-lhe:

– Bem, vamos!

Desde que saímos de casa, ele me foi fascinando. Fascinando-me:

– Olha, que beleza! Quando, na Colômbia, viste isto? Que não sei quê...

– Sim, Mestre! Sim, Mestre! Eu não lhe dizia mais.

Chegamos à Torre Latina, e me diz:

– Vamos subir pela escada, piso por piso. – São quarenta e sete pisos, parece-me, por aí

– Bem em cada piso, pois, existem belezas daqui do mundo.

– Olha, que beleza!... Até vergonha me dava, porque as pessoas se voltavam para olhar – com esses gritos – porque a ele não lhe importava o "o que dirão" nem nada.

– Olha, que beleza, Joaco! Que não sei quê!... Eu lhe dizia:

– Sim, Mestre! Sim, Mestre!

E lança-se, e suba, e suba até que já subimos ao alto, ao último piso; já passamos para um terraço, donde se divisava a cidade. Eu não discutia, porque, quando ele me dizia "que beleza", eu não discutia e lhe dizia: Sim, Mestre! Sim, Mestre! Porém, assim.

Quando chegamos lá, me disse:

– Dá-me teu conceito desta grande torre, deste grande edifício. Onde a viu você na Colômbia? Que não sei quê! Nem em sonhos! Não sei quê... Lançou-me uma peroração primeiro. Dá-me teu conceito!!! Disse-lhe:

– Veja, Mestre, a torre é bonita, porque não se pode dizer que é feia. Porém, diga-me: Onde está a verdade desta torre? Mostre-ma! Se agora mesmo temos uma torre bonita, dentro de minutos pode estar por terra este trabalho. Que se fez da torre? Onde está a verdade da torre? Mostre-ma!

Então me abraçou, porque durou o dia todo, lutando para me fascinar e não pôde, porque eu examino o objeto que estou vendo como é. Sim, como é. Não vou à aparência, senão, buscar a objetividade dessa...

Tudo o que vemos aqui é passageiro. São brinquedos que a natureza nos põe, para nos entreter, para que não nos liberemos; porém, tudo está sujeito ao tempo, formou-se dentro do tempo. Este quadro de giz, vamos supor, muito bonito. Desde o momento que se fez este quadro de giz, está sujeito ao tempo e o tempo o acaba,

porque está sujeito ao tempo. Tudo o que está sujeito ao tempo não é a verdade. É o que está mais além do tempo, o que existe; não é o que está sujeito ao tempo.

Então, tudo o que vemos tridimensionalmente está sujeito ao tempo, são brinquedos que a natureza nos põe, para nos entreter como crianças. E nós, de bobos, nos entretemos com esses brinquedos que nos dão e nos esquecemos de chegar à liberação, porque nos entretemos aqui, como crianças.

P. – Mestre, falemos dos objetos materiais. Os próprios seres humanos estão sujeitos ao tempo?

V.M. – Hoje vemos uma Miss Universo, uma rainha. Está sujeita ao tempo. Amanhã, ou depois, é uma velha decrépita. Que se fez da beleza? Onde está? Que a demonstrem, não? Está sujeita ao tempo. Então tudo o que está aqui, tridimensionalmente, está sujeito ao tempo.

O único que não está sujeito ao tempo é nosso trabalho interior que fazemos. Esse, sim, está fora do tempo. O demais está sujeito ao tempo.

P. – Ou seja, que se faz mais fácil o trabalho daquelas pessoas que sejam humildes, que somente tenham para comer, nada mais?

V.M. – Bem, vou-lhe dizer isto: A humildade temos que adquiri-la. A humildade não vem pela pobreza. Existem mendigos desastrados e estão cheios de orgulho, não? Então, a humildade não é pela pobreza. Um pobre se vê humilde, porém, não é humilde. Dêem-lhe dinheiro a esse pobre para que vejam como se torna. É puro orgulho. O que acontece é que é humilhado pela lei e pela vida. Porém, dêem-lhe "asinhas" a esse mendigo, para que se veja, como se torna. É mais cruel que qualquer outro, sim? Então, a humildade, temos que adquiri-la. Não? Temos que adquiri-la. Ela não nasce porque sim.

P. – Mestre, assim como na Primeira Montanha o iniciado passa por provas, na Segunda Montanha as provas então serão muito mais...

V.M. – Mais sutis e mais perigosas! Mais sutil e mais perigosa!

P. – Ou seja, que a loja negra lhe vem mais em cima?

V.M. – Sim, porque é que já os demônios em outras dimensões, são mais sutis. Vamos ao mundo mental: No mundo mental se vê um Mahatma, um ser lá supra-transcendido que fala de amor, de caridade, de fraternidade, e é um demônio, porém, terrível, porque se disfarçam,
sutilizam-se mais.

Então, é mais difícil para nós, porque o único que não nos deixa enganar é a intuição. Aí, sim, descobre-se ao que seja, donde seja. Pode vestir-se de santo, porém, a intuição não nos deixa enganar.

Quando se recebeu o golpe intuitivo, já pilha... porque há gato ensacado, como digo eu, porque o demônio fala de caridade, de fraternidade, de amor. De tudo falam. Não o praticam, porém, falam, para nos enganar. No mundo mental existe muito engano. Muito. Lá não se pode confiar, senão temos que estar ligados sempre à intuição, para poder descobrir esses elementos perigosos.

P. – Mestre, ontem nos falava dos deuses tentadores nirvanis do nirvana, que nos tentam com a felicidade. Que diferença existe entre essa felicidade com que eles nos tentam separar do caminho, da felicidade do Absoluto?

V.M. – É uma felicidade pelo caminho espiral. Existe muito entretenimento de música, perfumes, alegria. Pura alegria passageira, que não é verdadeira. Isso não é verdadeiro. É o modo de nos enganar, para não nos deixar meter pelo caminho direto.

Na noite em que eu escolhi o caminho direto, o Mestre Samael não estava aí. Saíam todos os grandes deuses – porque se diz deuses – para nos convidar para o caminho amplo, pavimentadinho, cheio de flores, perfumes, música; e minha resolução era meter-me diretamente pelo caminho. Que se apartassem de mim!

Apareceu-me minha família, a mulher, os filhos pequenos... apartem-se de mim, que eu sozinho chegarei a meu Pai! Porque não se chega com a família, nem com o amigo, nem com ninguém, senão, chega-se sozinho, por seus próprios méritos.

Então, nessa noite apareceram para me tentar. Eu era um revolucionário nessa noite. Eu não atendia a nada, nem à minha família, nem a ninguém. Por quê? Porque o caminho revolucionário é assim. Tem que se voltar as costas ao mundo e a tudo. Essa felicidade que nos brindam os do nirvana, isso é passageiro. Isso não, não nos conduz a nada, porque os do nirvana não toda essa volta para chegarem inconscientes ao Absoluto, o mesmo que aquele que não teve espiritualidade nem nada, porque os do nirvana não trabalham com os três fatores. Escolhem o caminho amplo, cheio de alegria; porém, ao final, é perder o tempo, porque as Mônadas chegam ao Absoluto inconscientes como saíram. Então não vão gozar de nada. Então, da felicidade o que se fez? Do que eles falavam, desaparece.

P. – Mestre, sua família, ali no nirvana, eram os próprios Mestres?

V.M. – Não, minha família. Estou falando quando eu fui para dar o passo, para me meter pelo caminho direto, apareceram minha mulher e meus filhos para me deter, e as hierarquias do nirvana, como os chamamos também. Vinham para me

atalhar, para que seguisse o caminho amplo, fazendo as vezes de um demônio, porque isso o faz um demônio.

P. – Não eram hierarquias disfarçadas de sua família?

V.M. – Do nirvana. Hierarquias que, por exemplo, você é um soldado aqui do exército, um soldado raso. Elevam-no a cabo: "Você é um cabo de hoje em diante!".. Porém, não é o mesmo soldado? O mesmo. Assim acontece com os do nirvana. Graus que lhe dão assim, porém, por dá-los; porém, o diabo continua sendo o mesmo aí. O mesmo. Pelo caminho do nirvana não há triunfos, não há pagamentos, não há nada, nada! Ou seja, que não existe senão um caminho só que nos leva à liberação, que é o caminho direto. O nirvana é perder o tempo.

P. – Mestre, à parte das provas que nos tem relacionado desde ontem até agora, pode nos falar um pouquinho sobre a prova da enterradora?

V.M. – A enterradora, por exemplo, é, quando o iniciado chega a pagar o pecado contra o Espírito Santo. Então o iniciado tem sua esposa; porém, a esposa não se presta para praticar a transmutação. Então fica. Não pode conseguir outra, porque cai em adultério. A senhora não se presta para a prática, então, aí o iniciado fica de mãos para cima. E aí, por exemplo, quando já passa essa prova, que já o definem, já lhe tiram a senhora e lhe aparece a outra, a que poderíamos chamar de enterradora, que é a que serve de instrumento para o Mestre terminar sua etapa. É a que serve como um instrumento.

Tal como aconteceu ao Mestre Samael. Exatamente igual. E todo iniciado tem que passar por isso. Todo, porque todos devemos o pecado contra o Espírito Santo, que é o pecado mais grave e esse pecado não o vamos pagar com os três fatores. Esse o pagamos tal como o fizemos.

Pecou-se contra o Espírito Santo pelo adultério. Então, quando se chega a pagar esse carma, não pode adulterar porque se vai duma vez a pique, converte-se num demônio e não pode deixar a senhora nem nada. Isso não tem um lapso de tempo determinado, senão, de acordo com o nosso carma, se prolonga ou se encurta o trajeto. Porém, é aí que nos aparece a enterradora, a que serve de instrumento ao iniciado, para terminar seu caminho. Esse é o conto da enterradora.

Isso do Mestre Samael foi uma quantidade de debates que houve no tribunal, porque ele tinha um lapso de tempo de três ou quatro anos sem se unir sexualmente à mulher, porque ela não servia, ou não se prestava. Quando do Congresso de Guadalajara, eu o comprovei.

Então, no tribunal, dizíamos ao Mestre que escolhesse a outra mulher, porque já não havia adultério, já tinha como três anos de separação, já não havia adultério, para que terminasse sua Obra. Então ao Mestre lhe dava medo que fosse cair num

castigo, então agüentava e agüentava assim sem nada, até que lhe apareceu a enterradora.

E, todavia, apareceu a enterradora e, não obstante, o Mestre não queria, porque lhe dava medo, temor. Até que houve o último debate que se fez lá.. Estavam a esposa, a enterradora e todo o tribunal. Então, ordenou-se ao Mestre que escolhesse a enterradora. Já era ordem da lei; e ele, como estava temeroso, então o ameaçamos: Cairia num castigo terrível se não escolhesse a outra esposa para terminar sua Obra. Porque estava estancado. Ele chegou aí e não podia passar, porque lhe faltava terminar. Então, nessa noite, por fim, o obrigamos! Obrigado!!!

Então, Dona Arnolda passou as recordações, porém, muito vagas. Ela se recorda que viu a outra. Tudo. Então me chamou, de manhã, e me disse:

– Bem, que aconteceu à noite?

Então me coube fazer-me de louco e lhe disse:

– Eu não sei do que a senhora me fala.

– Não? O que definiram, o que houve, por fim, com essa outra mulher! Que não sei quê...

Disse-lhe:

– Porém, a senhora me está falando de uma coisa que eu não sei! E me coube fazer-me de louco, porque ela mo queria arrancar. Então lhe disse: Não, eu não soube o que aconteceu, nem sei de que me fala a senhora!

Dessa vez dona Arnolda chorou, para que eu lho dissesse. E não, um segredo. Aí se diz: Esquadro e compasso! Esquadro e compasso é que não saia da nossa boca para nada. Então, ela ficou. E foi quando já veio o processo do Mestre.

Então, quando, em Guadalajara, no Congresso, eu convoquei dona Arnolda, porque o Mestre me havia dito dos seis anos que tinha de separação de corpos. Então, eu chamei dona Arnolda, na suite onde eu estava, para falar com ela, e eu fui muito franco. Disse-lhe:

– Bem, dona Arnolda, eu não vou, isto não é uma conferência, muito menos. Quero que a senhora me certifique do que disse o Mestre. É verdade que vocês têm seis anos de separação de corpos? E me disse:

– Sim, realmente, sim! Disse-lhe:

– Bem, isso era o que eu necessitava saber. Porque vocês sabem que o nosso ego nos mete em dúvidas. Então, isso foi uma comprovação que eu fiz aí com ela, de que, sim, era certo. Porém, por aí as pessoas, os estudantes ou as gentes que não conhecem de esoterismo, diziam:

– Que adultério! Que havia caído em adultério! E não, aí não houve adultério. Aí não houve nenhum adultério.

Antes, ele o fez obrigado, porque nós já fomos em cima dele, para que terminasse a Obra. Sim, ele foi obrigado e o fez, porque houve ameaça contra ele; seria severamente castigado se não escolhesse a outra senhora, que é a enterradora, para terminar sua Obra. Está entendido, sim?

P. – Mestre, o caminho é tão longo. Três Montanhas! Nós todos lutando por entrar na Primeira.

V.M. – Porém, veja, como lhes facilitei, encurtei o trajeto agora, para começar por lá... curtinho; verdadeiramente é curto. É muito, demasiado curto.

P. – Mestre, pode-se pedir ao nosso Ser interno ou ao Pai interno que nos mostre o caminho numa experiência interna, com pontos e vírgulas?

V.M. – Eu o fiz. Porém, foi, como lhe digo, um privilégio que eu tive pela missão que ia cumprir. Enquanto alguém não vá cumprir missão assim especial, não é capaz.

Eu, por exemplo, falo-lhes de tudo isto, até do Absoluto, porque eu o investiguei. Porque o próprio Mestre Samael me disse: "Eu lutei várias vezes e não pude!". Porque a mim, como me cabia terminar esta Obra do Mestre Samael, pois, tinha que investigar. E na mesma noite em que escolhi o caminho, eu me meti ao Absoluto. Nessa mesma noite investiguei todo o caminho. Todo o caminho o investiguei. Porque, então, falando com o Mestre Samael, disse-me: "O primeiro que o faz, porque eu tenho lutado e não pude. Chego ao ”anel não se passa". E até aí eu cheguei. Daí não pude passar".

E eu cheguei ao "anel não se passa" e com pura vontade e fé penetrei e ao se passar do "anel não se passa", pois, já se está praticamente no Absoluto.

Porém, não se entende o Absoluto. Eu vi a beleza, a felicidade, tudo. Parava, olhei para baixo, via as trevas completas. Lá a brancura e aqui as trevas e eu sabia que não podia ficar lá, senão que eu tinha minha missão: Era aqui entre as trevas. E vim por plena vontade minha; vim, e eu sabia que não podia ficar lá, porque não ia gozar da felicidade Absoluta, porque não havia morrido em mim.

Então, enquanto exista o ego, não se pode gozar dessa felicidade. Para gozar da felicidade tem que morrer os cem por cento. Então eu vim; atirei-me e vim para a obscuridade. Aqui se vêem as trevas completas. Então, isto que eu estou explicando, conheço-o passo a passo, quadra por quadra, tudo.

P. – Quantos anos, por exemplo, no mínimo, digamos assim, se necessita?

V.M. – Não metam nunca... o tempo não cabe na parte esotérica. O tempo o pomos nós pela atividade ou inatividade. Pode ser muito curto, se se é valente, então se faz o tempo. A gente o faz. Porém, nunca lhes ocorra meter a parte do tempo dentro da parte espiritual, porque não cabe. Agora, o tempo não existe; pode-se negá-lo. De que tempo me falam? Se você tem tempo, venda-me um pedaço de tempo. É que não existe.

Nós, o que somos? Estamos sujeitos a isso que nós chamamos fator tempo, que anos, que meses, que não sei quê, que séculos. Porém, isso é questão mental nossa. Nós vivemos dentro de uma eternidade – ponhamos muito cuidado, porque isto o sustento e com lógica – vivemos dentro de uma eternidade e somos fenômenos, desaparecemos e aparecemos. Chamamos de tempo, porém, nós vivemos dentro de uma eternidade. Os fenômenos dentro dessa eternidade somos nós que aparecemos e desaparecemos.

Observem: Morrem milhões de pessoas num momento. O tempo se paralisa? O tempo segue. Voltam e aparecem e o tempo segue sua marcha, porque vivemos dentro de uma eternidade. Os fenômenos somos nós que aparecemos e desaparecemos. O tempo pode ser negado e ninguém nos pode mostrar o tempo.

O relógio, quem o fez? A mente humana, para medir o tempo. Por quê? Porque perdemos as faculdades que tínhamos, porque nós vivíamos dentro de uma eternidade. Ao perder essa faculdade, apelamos à mecânica que é o relógio.

P. – Porém, no interno também têm relógios? Existem alguns relógios?

V.M. – Do tempo. Lá, no tribunal, cada um tem seu relógio. E o planeta em si tem seu relógio. Um só relógio para todo o planeta.

P. – Pode-se ir lá para investigar seu próprio relógio?

V.M. – Quando sejam chamados às contas, olhem o relógio que corresponde a vocês e, segundo a hora, assim lhes cabe o castigo ou é passivamente favorecido, segundo a hora. Se está na hora 13, veja... "torresmo!". O 1 lá é a hora 13, torresmo!

Em noites passadas, estávamos trabalhando lá, quando chegou o Mestre Samael e viu a agitação no tribunal, todo mundo em ação. Então eu saí para atendê-lo. Disse-me:

– Bem, e isto que é? É diário? Disse-lhe:

– Isto é diário.

– E por quê? Disse-lhe:

– Olhe o relógio! Então já faltam são minutos para chegar a hora do planeta. Então essa é a agitação que existe. Disse-lhe:

– Olhe o relógio, a hora que está marcando. Aproxime-se da máquina para que veja que já não quer trabalhar!... Então, aí é a definição.

P. – Em realidade, os relógios particulares são iguais aos do planeta, também se aproximando da hora 13?

V.M. – Sim.

Bem, já vamos dar por terminado por esta noite. Perdoem-me, é porque me sinto cansado.

CAPÍTULO IX - CONCENTRAÇÃO E MEDITAÇÃO

Para o estudantado gnóstico, de algo que o Mestre falou muito, e temos falado muito; porém, a verdade é que se tomou isto não como uma coisa importante, senão que não lhe damos a importância que merece, que é a concentração.

A concentração é básica e fundamental para todas as práticas que são dadas pelo Mestre Samael. Quando se diz "estou concentrado", é porque não há senão um só pensamento em tal objeto, sujeito ou lugar, no que seja. Há um só pensamento, está-se concentrado.

De modo que nós, se vamos fazer qualquer das práticas que são dadas pelo Mestre Samael, devemos concentrar-nos.

Falharam e falham as práticas do Mestre Samael, não porque as práticas sejam más, senão, como estudante, não nos sabemos concentrar no que estamos fazendo. Então, está-se fazendo uma prática e a mente voando por todas as partes. Que acontece? Nós a estamos fazendo mecanicamente e mecanicamente nenhuma prática dá resultado. Inclusive na prática do arcano necessita-se da concentração.

A concentração e a imaginação devem trabalhar de acordo, as duas, porque a gente se concentra em sua energia, imagina que vai subindo pela medula espinhal, aquele cordão de ouro, poderíamos dizer, que vai subindo pela medula espinhal. Aí existe concentração e imaginação trabalhando equilibradamente.

De modo que, pois, a concentração a ocupamos para tudo. Então, necessitamos educar o corpo físico e a mente para isso.

Eu tive este método, utilizei-o, e já, graças a Deus, pois, não me custa nenhuma dificuldade a concentração, porque no diário viver temos diferentes atividades. Sim ou não? Então, faz-se uma agenda de manhã, pega-se as mais importantes primeiro, e assim sucessivamente faz-se sua agenda.

Terminou a primeira, que é a mais importante para nós, quando se terminou isso, passa-se à segunda, depois se passa à terceira, assim até onde alcance o dia; e não estar fazendo uma coisa e pensando em outra, senão estar concentrado unicamente no que se está fazendo. Assim a gente se educa de tal maneira que no dia em que se diga "vou me concentrar", isso é para já, em seguida.

De modo que, pois, a esta prática não se havia dado importância. Eu lhe dei importância, porque há muito tempo tenho essa disciplina, e a mim não me dificulta a concentração.

Por exemplo, vocês querem ir a uma pirâmide, a um templo, ou para se entrevistar com um Mestre. Concentram-se e, ao adormecer, vão diretamente lá onde estão concentrados. Vão diretamente, não se detêm em nenhuma parte. Podem conhecer os templos, as pirâmides, ou entrevistar-se com um Mestre. Concentram-se nele, e já! Isso é tudo.

Essa é a maneira mais rápida da informação. É a maneira mais rápida da informação. É essa! Para investigar qualquer coisa, concentre-se e já se está investigando o que se necessita; então, temos que dar a essa prática a importância que tem. Não devemos deixá-la para amanhã, senão começar duma vez uma disciplina, para nos poder educar para a concentração. Porque, vejam, para a meditação necessitamos concentrar-nos primeiro, que haja um só pensamento. Então, de repente lhe aparece outro pensamento... a dualidade. Então se descartam juntos e se entra para a meditação.

Para a dualidade se busca a síntese ou o oposto. A síntese e se descarta. Então, a mente vem a ficar em branco.

Então, para a meditação necessita-se também da concentração. Necessitamos é de educação. E, ponham muito cuidado, qualquer um de vocês que comece verdadeiramente a praticar, a fazer as práticas que são dadas pelo Mestre Samael, com concentração, dedicação no que se está fazendo, triunfa!!! Não, isso não se deixa esperar. Senão, é que se vê o resultado em seguida. Então, dêem-lhe a importância que tem isto.

Eu vi, por exemplo, internacionalmente se ensinou muito a concentração, falou-se muito, porém, não se leva à prática. Temos que levá-la à prática se queremos triunfar. A concentração é uma das bases fundamentais do estudante, para poder realizar as práticas que são dadas pelo Mestre Samael; ou, se não, perde o tempo. Se estamos fazendo a prática e a mente voando ou pensando em outra coisa que tem que fazer a qualquer hora, já aí esse é um fracasso. Mecaniza-se e não dá nenhum resultado positivo.

De modo que, pois, ponham-se a tarefa. No diário viver, nós traçamos nossa disciplina e assim nos vamos educando pouco a pouco, porque existem vezes em que estamos fazendo uma coisa... "veja, tenho que fazer tal outra, tal outra...". A gente não se dedica a uma só coisa até terminá-la. Dedique-se o tempo ao que se está fazendo primeiramente. Terminou isso, passou à segunda, à terceira, à quarta, assim, até onde alcance o nosso dia. E assim não viver uma vida mecânica, e então vamos nos disciplinando para o esoterismo. No dia em que nos quisermos concentrar numa prática, estamos fazendo uma prática, o resultado é positivo, imediatamente.

Eu lhes vou contar algo que, quando recém estávamos começando, praticamente tínhamos poucos meses, um irmão meu e eu fomos para Ciénaga. Enquanto isso o Mestre se reunia com o grupo às sete da noite. Nós íamos num carro e eu digo ao irmão:

– Nestes momentos está o Mestre se reunindo com o pessoal lá, fazendo cadeias e trabalhos. Disse-lhe: Vamos concentrar-nos e vamos.

Eu me concentrei. Prumm! Cheguei, formei parte da cadeia, do trabalho que estavam fazendo. O meu irmão, como não se concentrou, revoluteou por todas as partes; porque o próprio Mestre nos disse no outro dia. Disse:

– Tu conseguiste e vieste, e aproveitaste o trabalho, e teu irmão não. Revoluteou por todas as partes, porque lhe faltou concentração.

Então, a concentração é básica para o estudante, para poder verdadeiramente realizar maravilhas com a concentração.

É muito diferente o que é a concentração da meditação. Na concentração há um pensamento, há um propósito e a meditação é não pensar nem no bem nem no mal; chegar à quietude e ao silêncio da mente. Assim é que não podemos confundir essas duas partes que são muito parecidas, porém, não são o mesmo.

Quando, por exemplo, vocês vão fazer uma prática, definam fazer uma prática, não mais. Não se ponham a repartir o tempo, que vou fazer uma agora, e dentro de um pouco, outra, não. Dediquem o tempo a uma só.. A uma só, a que lhes pareça melhor, essa. Não estar fazendo uma prática e pensando que vai fazer outra; agora, dentro de pouco tempo, outra, não. Dediquem o tempo necessário a uma só prática. Nada mais!

Esta é uma arma poderosa que têm vocês, se a levam a prática. Essa é a base fundamental do estudo, esta prática da concentração. Com isto se nos vão abrindo todas as portas, de investigar tudo o que se queira. Não é senão concentrar-se e já! Vai-se diretamente para onde se quer ir. Investiga-se o que se quer.

Imaginem, vou contar-lhes algo que me aconteceu, negativo, esclareçamos, negativo. Estava no México, querendo fazer uma prática para sair em estado de jinas... no Matrimônio Perfeito... eu não quis voltar a trabalhar com esses Mestres.

Acontece que tirei os nomes dos Mestres, aprendi-os de memória e, à noite, me pus a fazer a prática. Deitei-me, boca para cima, na cama, para invocar os Mestres. Então me cansei de boca para cima e me voltei para o lado do canto. Segui fazendo a prática, porém, mecanicamente. Eu estava fazendo a prática, invocando os Mestres e minha mente voava por todas as partes do planeta. Então estava fazendo uma prática mecânica.

Quando chegou o momento, senti que alguém me tocou muito suavemente por aqui no ombro; assim, porém, muito suavezinho. E como eu estava, adormecida a consciência, estava a minha mente era voando por todas as partes. Então lhe disse: Ei, não moleste! E o tirei com o cotovelo, assim: Ei, não moleste!... Quando eu, como que despertei nesse momento, e me voltei, para ver. O Mestre, que me ia pôr em estado de jinas, sorriu e se retirou.

Então, veja, uma prática negativa eu fiz nessa noite. O Mestre concorreu. Porém, como minha mente não estava no que estava, senão, eu estava em todas as partes; então, chegou o momento... eu o perdi. Por isso eu não quis voltar a trabalhar com esses Mestres. Por esse motivo. Ainda me dá vergonha, de uma grosseria, uma grosseria por estar fazendo uma coisa mecânica. Não estava concentrado no que estava fazendo.

Então, essas são as experiências amargas que a gente tem; porém, nos servem de experiência para modificar nosso modo de fazer as práticas, com concentração, dedicação no que se está fazendo. De modo que nem todas as ganhamos. Para

adquirir experiência, algumas se perdem e nos ficam como uma experiência, não? Porque tudo isso serve, porque agora esse meu erro lhes está servindo a vocês, porque lhes estou contando uma experiência negativa, contando-lhes uma experiência do que me aconteceu por trabalhar mecanicamente.

E assim acontece. O que fazemos mecanicamente não nos serve. Por isso a concentração é básica e fundamental. Passaremos à meditação.

A MEDITAÇÃO

A prática mais fácil para chegar à meditação, ou seja, à quietude e ao silêncio da mente, são os Koans: "Se chocamos as duas palmas das mãos, produz-se um som. Sim? Que som está produzindo esta sozinha? (Com uma só mão?) Se alguém o sente que o diga. Alguém sente esse som?".

– Não!

Bem, faz-se uma, duas ou três vezes para escutar esse som que é produzido pelas palmas das mãos ao se chocá-las; e se faz uma ou duas vezes, tratando de escutar... e adormeça-se, tratando de escutar esse som que é produzido por uma só palma da mão. Temos que dormir, porque a meditação é acompanhada de sono. Se não há sono, não há meditação, porque há
distração.

A mim ma deu o Mestre numa noite, como às sete da noite, lá no México, essa prática, para que a fizesse e me disse: "Amanhã me entregas o resultado".

Nessa noite me deitei, fiz minha prática. Lógico que me liberei, liberei a essência. Visitei o mundo causal, investiguei o que necessitava investigar. Houve uma grande festa no mundo causal, todas as grandes hierarquias, quando a minha alma, ou seja, a essência, chegou consciente. Uma essência consciente é um Deus capaz de investigar tudo o que queira. É um Deus!

Então, gritaram em coro, todos, ao mesmo tempo que soava a música, uma música celestial. Gritaram todos em coro: "Que se faça um Turiya!". Turiya é consciência contínua. Então não queriam dizer que eu era um Turiya, senão, "que se faça um Turiya!". Aprender a estar consciente, para se mover com essa essência consciente. Isso é despertar a consciência à essência. Chama-se Turiya.

Creio que isso vai aumentando por graus; à medida que se pratique, vai aumentando mais, e mais e mais a consciência. Não é que na primeira vez se vá ser um Turiya, não. Por isso disseram: "Que se faça um Turiya!". Porque foi a primeira vez que eu ouvi essa frase de Turiya.

Já no mundo causal muda tudo em cem por cento. No mundo causal, nas plantas, nas pedras, em tudo aí se vê vibrar a vida. Vibrar a vida! Aí se vê a vida. Não são esqueletos ou fantasmas, senão vida. Vida em tudo. É uma coisa incomparável! Não existe verbo para explicar. Não existe verbo para explicar isso das maravilhas que já é o mundo causal, sendo que é o primeiro plano eletrônico e não temos palavras para explicar. Muito menos daí para cima. Não?

Vou dar-lhes outro Koan: "Sabemos que todas as coisas se podem reduzir à unidade. Tudo se pode reduzir à unidade. A que se reduz a unidade?". Por exemplo, isto, podemos reduzilo à unidade. E a que se reduz a unidade? Nós podemos repartilo em partículas, até que fique uma unidade. Porém, essa unidade a que se reduz? É um problema para a mente que não encontra resposta. Um problema para a mente que não encontra resposta. Isso é um Koan.

Bem, ponhamos este de exemplo, o mais grandezinho, "o jovem", não? Que faria você ao aparecer instantaneamente numa árvore muito gigante, agarrado, você (numa corda), sustentado lá com os dentes, atados os pés e as mãos, assim. Que faria você para não se matar?

Os Mestres não o vão agarrar porque você é muito gordo (risos). Se grita, se mata. E é para não se matar. Que faria você nesses momentos? Se fala, se se solta, pois, se matou! Se se solta... porém, é para não se matar! O problema é esse.

P. – Conseguirmos uma prancha, melhor...

V.M. – Veja, aí não existe resposta. A Mente não encontra resposta... tampouco. Esse é outro Koan.

P. – Mestre, temos que usar, para isso, a imaginação. Não?

V.M. – Com a imaginação, com tudo buscamos a resposta, e não a encontramos. Então, você se imagina lá, içado dessa árvore; imagina-se atado de pés e mãos, assim, içado lá, e abaixo o precipício. Você se imagina lá e o demais vem, o resultado, porque a mente busca a resposta e não a encontra. Tem que ficar quieta. Então vem a liberação da essência.

P. – A gente se faz a pergunta?

V.M. – Sim, e se imagina que se está lá e nessas condições.

P. – Faz-se a pergunta específica: Que fazer agora?

V.M. – Sim, para não se matar. Porque, que fazer? Diz: "Não, se me solto, me mato, já! Porém, não. É para não se matar". O problema está, é aí!

Aí têm outro Koan para a liberação da essência, para a meditação. Todos esses nos levam ao mesmo resultado, a liberar a essência de seus veículos inferiores; ou seja, é para despertar a consciência à essência.

É que eu quis, nesta vinda de vocês, nesta viagem, porque fizeram muito esforço para chegar, dar-lhes bases, bases para que vocês se desenvolvam e ensinem aos demais que se desenvolvam, para não perder o tempo com tanta teoria e tanta coisa, senão as bases fundamentais, o que tem que fazer cada um, já. Porque, fazer uma viagem dessas, para lhes levar umas quantas teorias aí, não vale a pena.

Agora é uma teoria para vocês. Porém, sei que, se o levam à prática, lhes dá resultado. Sim? Se levarem à prática o que lhes ensinei, o resultado é positivo cem por cento, porque estou seguro do que estou ensinando.

Que fazer? Por exemplo: Alguém se deita para fazer sua meditação, usa uma chave dessas e pensa: "Que vou fazer no mundo causal?". Já aí interrompeu, já fracassou a prática, porque a nós interessa é despertar a consciência à essência, porque ela é Deus. Estando consciente, sabe o que tem que fazer e o que necessita fazer. Então, nós não temos nada para lhe ensinar. Nada, porque ela sabe todas.

Por exemplo, a festa que nos fazem, a recepção tão grande, eu não me extasiei com tudo isso, não. Eu fui para investigar o que necessitava investigar. Eu ia para o que ia. Eu não me detive aí para dar agradecimentos pela festa, pela acolhida, não! Eu fui para investigar o que necessitava investigar, porque aí vai o conhecimento que se vai adquirindo. E o que se necessita é de conhecimento.

A palavra conhecimento vem de conhecer. Se não se conhece, não se tem conhecimento. Muitas vezes ouvi: "Ah, que fulano, porque fala muito ou tem memória muito boa, retém diferentes obras de autores e todas essas coisas. Esse tipo, sim, sabe. Esse, sim, tem conhecimento".

Que conhecimento? Por exemplo, vamos a uma coisa muito lógica. Vocês vão e ensinam: "Veja que isto..." à letra morta, tal como eu estou ensinando a vocês. Para vocês é uma mentira, e qualquer um lhes pode dizer: "Vocês são uns mentirosos!". Se não chegaram a realizá-lo.Qualquer um pode dizer-lhes: "Vocês são uns mentirosos!". Porque podem assegurar e podem estar seguros de que é assim. Porém, vocês não o realizaram ainda. Então, qualquer um os pode chamar de mentirosos.

Porém, quando já se realiza, já não se é mentiroso; já se está falando de conhecimento. Então, já aí muda tudo. Então, cada gnóstico deve adquirir seu próprio conhecimento. Por hora, por exemplo, cabe-lhes conhecimento alheio. Não? Até que vocês entrem no conhecimento. Então já vão falar do que vocês puderam vivenciar. Não? Então, já vão falar de seu próprio conhecimento, não de conhecimentos alheios.

O Mestre diz tudo em suas obras. Todas são verdades, porque o que fui comprovando é exato. Porém, se eu me ponho: "Veja, que o Mestre Samael disse em tal obra, em tal capítulo, tal e tal coisa...". Qualquer um de vocês diz: "Você é um mentiroso! A você lhe consta isso?".. Hem?

Sim, e se passa por um mentiroso, porque assim é. Então, cada um vamos falando do que se conhece. Isso é conhecimento.

Por exemplo, o Mestre escreveu o conhecimento dele, que nos serve como orientação, para chegarmos a adquirir o nosso conhecimento próprio e direto. Ele nos pôs as bases para que nós cheguemos ao conhecimento e o conhecimento é muito individual. Por exemplo: Qualquer um de vocês ganha um grau por seus méritos na Igreja Gnóstica, ou lá num templo. Pode haver milhares de estudantes e não lhe dizem: "Veja, fulano, venha aqui, porque você ganhou tal coisa e tal pagamento!". Não! Pega-o o Guru, leva-o para uma câmara secreta e, de lábios a ouvidos, lhe entrega o conhecimento, porque isso é próprio, esforço próprio seu. Então, não se pode entregá-lo em geral. Assim é.

Para isso existem câmaras secretas nos templos. Para isso. Para o estudante adquirir os segredos do que vai ganhando em todos os seus trabalhos. Aí nos vão pagando assim. Porém, é o Guru, de lábios a ouvidos. Não vai falar em público. Então isso do conhecimento é muito individual. Muito individual.

Bem, algumas perguntas, para ver. Agora que estou "brabo", aproveitem.

P. – Mestre, o Guru, elege-se-o consciente ou o designam?

V.M. – Não, a gente o escolhe, a gente escolhe seu Guru. Ao Mestre que mais se vê, no qual se tem mais – como lhe digo – mais confiança. Acredita-se mais nele. Sempre existe um Mestre no qual se tem mais confiança, e a gente o elege, sim.

P. – Mestre, por que não fazemos diferença em que dimensão nos encontramos em determinado momento?

V.M. – Ah, sim! Porque não há consciência. Quando há consciência, então, sim, se faz a diferença de umas dimensões a outras. Há diferença. Então, quando fazemos consciência, então vemos a diferença que existe.

Comentário – Mestre, uma coisa é a concentração, outra é a meditação. A concentração é para se obter uma informação que a gente se propôs. Porém, faz-se essa prática, se a fazemos em excesso, também se pode cansar a mente.

V.M. – É que toda prática de meditação, prática de concentração, prática do arcano, tudo, o Mestre diz prática, até a gente se tornar prático. Começa-se por curto

tempo, qualquer prática que seja, e se vai aumentando pouco a pouco. À medida que se vai educando, vai se poder ir aumentando a prática.

P. – É que acontece isto: Às vezes a gente se concentra e vai bem um tempo. Porém, depois a mente já não pode mais. A gente queria fazer a concentração, porém, vem, quem sabe, até um silêncio.

V.M. – É que, olhe, não devemos chegar ao cansaço, porque, se você se concentra e se esforça para sustentar a concentração, pode dar-lhe uma dor de cabeça, sim, ou ficar a mente vazia. Qualquer coisa lhe pode acontecer, porque forçou a mente. Então nos vemos, vamos medindo a nossa capacidade e assim vamos aumentando o tempo, pouco a pouco, até nos tornarmos práticos.

P. – Diz-se que a concentração é fixar a mente num só pensamento. Porém, temos que entender que, por exemplo, vamos concentrar-nos neste aparelho, podem vir distintos pensamentos relacionados com esse aparelho e estaríamos concentrados. Por exemplo, penso: É feito de plástico, serve para gravar, é um aparelho que se compra nas lojas eletrônicas... Tudo isso seria o mesmo? Não é um só pensamento?

V.M. – Sim. Por exemplo, você, para se concentrar, tem que olhar a forma, de que material é feito, para que foi feito, e você vai penetrando dentro desse aparelho, até ver por dentro como é, tudo, para poder chegar a uma síntese, a um só pensamento. Do contrário, a nossa mente então começa a trazer cinqüenta coisas aí, referentes ao mesmo aparelho. Então, tratar de penetrar dentro do próprio aparelho.

P. – Começamos com diferentes pensamentos sobre esse aparelho. Porém, pouco a pouco nos vamos concentrando até que...

V.M. – É isso! Pouco a pouco. E o melhor é, eu o aconselho sempre, porque o externo é externo; sempre a concentração deve ser no coração. Assim se aprende a estar dentro de si e não fora. Não? Minha opinião sempre é no coração.

P. – Não obstante, isso, às vezes, se torna mecânico também e se quer variar.

V.M. – Porém, então, já no coração tem que se ver como palpita, como circula o sangue, que forma tem, de que é feito, e ir penetrando até que possa penetrar dentro de seu próprio coração.

P. – (Inaudível!)

V.M. – A mente voa, buscando resposta. Como não existe resposta concreta, aquieta-se e vem o silêncio e a quietude da mente. Isso é o que se busca com essas

frases sem resposta. É aquietar para que fique em silêncio, a mente em branco. Para isso são essas frases.

P. – Mestre, e quando se faz o golpe das palmas e faz o golpe da palma, imagina-se num golpe e se trata de escutar?

V.M. – Aqui há um som (golpe das duas palmas), que todos estamos ouvindo. Que som produz esta palma só da mão? Temos que nos deitar, tratando de escutar esse som que é produzido por uma só palma da mão. Não nisto (duas palmas), senão nisto (uma só mão). Adormecer tratando de escutar esse som dessa palma da mão. Como não existe som, vem a quietude, o vazio da mente.

P. – Mestre, falando dos Koans. Além dos Koans que o Mestre Samael deu e o senhor também, na própria vida de cada um de nós, na vida cotidiana, existem situações muito difíceis na vida. Não? Que praticamente não têm uma resposta lógica. Podemos nos aferrar a estas circunstâncias da vida e tratá-las como um Koan, até encontrar uma resposta lógica?

V.M. – Claro que sim, pode. Existem coisas na vida que não tem resposta, das quais não se encontra uma resposta lógica. Isso é um Koan, sim!

P. – Uma pergunta que sempre surge nos fogueios, é com respeito à concentração. Perguntam sempre: Um ladrão, quando está abrindo uma caixa forte, perguntam as pessoas: Está concentrado ou está identificado. Eu, ao que entendi, podemos dizer que está concentrado numa forma incipiente. É uma primeira forma de se concentrar.

V.M. – Ele está concentrado no que está fazendo, em abrir o cadeado, a fechadura da porta. Está concentrado. Ele não está preocupado se o estão vendo ou não. Senão, está concentrado em abrir essa fechadura, com a finalidade de que não o percebam. É uma concentração aí.

P. – Princípio de concentração?

V.M. – Claro, princípio.

P. – Agora, teríamos que ir mais profundamente.

V.M. – Claro, claro!

P. – Mestre, quando se está fazendo uma concentração, pode ser no coração e por x ou y coisas, acabou-se dormindo. Pode-se ir a diferentes dimensões, nesse instante, diríamos, em que se dormiu?

V.M. – O mais seguro é que vá ao astral. Porque, se se adormeceu com algum pensamento, não pode ir à sexta dimensão. Fica-se no astral. No astral se fica.

P. – Porém, quando se faz uma perfeita concentração, há desdobramento?

V.M. – Pode desdobrar-se. Como me desdobro eu à noite? Eu me concentro. Sinto tudo o que acontece no meu corpo, e quando o astral se está desprendendo, eu conheço tudo, inclusive o que se sente, até que saio do corpo. Com concentração, não mais.

P. – Ou seja, que assim como o senhor diz, que, se a gente se concentra numa pirâmide...

V.M. – Vai lá! Diretamente vai lá!

P. – Qual é a diferença entre a meditação e uma saída astral?

V.M. – Existe uma diferença muito grande, porque na saída astral, vamos à quinta dimensão, onde vemos tudo o que existe aqui, está lá. Já na meditação, já se vê o palpitar da vida em todo átomo, tudo, em tudo se vê a própria vida. Então é muito diferente. Em cem por cento. Por exemplo, aqui temos o quadro de giz, um exemplo, ou a lâmpada, qualquer objeto que temos aqui. Saímos em astral, lá vemos a parte astral. Vamos ao plano mental. Lá no plano mental, o
mesmo quadro de giz. Já aí desaparece a sexta dimensão. Aí, sim, isso desaparece.

P. – Mestre, a essência se libera do ego e vai ao mundo causal?

V.M. – De todos os corpos inferiores.

P. – Porém, no mundo causal, entendo que estão as raízes do próprio ego.

V.M. – Já isso é o eu-causa. Já isso é um formigueiro diminuto. Lá nos movemos com a consciência que se recuperou na prática, porém, não temos os cem por cento de consciência, porque a outra a tem o eu-causa aprisionado. Não se tem os cem por cento de consciência.

P. – Mestre, quando se está concentrado num Koan, se cruza um pensamento... que é que se vai fazer amanhã, coisas do trabalho. Que se faz com esse pensamento?

V.M. – Não, seguir o Koan, a concentração no Koan. Deixar isso que chegou à mente. Abandoná-lo. Dizer: "Veja, eu não estou buscando isto, estou numa concentração". E abandona isso.

P. – Verbalmente?

V.M. – Não, mentalmente. Abandona-se, despreza-se esse pensamento ou se lhe busca a dualidade. "Amanhã tenho que fazer um trabalho". Qual é a dualidade desse trabalho? Não fazer nada. Essa é a dualidade.

P. – Se buscamos a dualidade, não nos evadimos do Koan?

V.M. – Não, porque se coloca a dualidade, o positivo e o negativo; coloca-se e se segue com sua concentração.

P. – Mestre, o Koan da... que coisa se deve entender para reduzir à unidade: o átomo, o
próton, o elétron?

V.M. – Tudo isso vem sendo uma unidade sempre. Um elétron, um próton, um átomo, segue sendo sempre uma unidade, segue sendo a unidade. Então, a pergunta é: "A que se reduz a unidade?".. Esse é o problema que se põe à mente aí, porque um átomo é uma unidade, um elétron é uma unidade, e é "a que se reduz a unidade?".. Então, é aí que se põe um problema à mente, para o qual não encontra resposta lógica e tem que ficar quieta. Busca-se, com isso, aquietar a mente.

P. – Mestre, na auto-observação nós estamos concentrados no que pensamos, sentimos e se move, mas não no que é a chave SOL, sujeito, objeto e lugar?

V.M. – Olhe, a chave SOL, eu expliquei isso ao Mestre. Com a chave SOL se adormece mais a consciência. Por exemplo, vou por aí, para a tenda, para comprar qualquer coisa: "objeto, sujeito e lugar". Bem, passo da tenda, sigo: "objeto, sujeito e lugar" e sigo. Sim, adormece-se mais a consciência. É melhor a auto-observação. Que se sentiu nestes momentos, quando este senhor me olhou atravessado, ou passou uma dama em frente de nós, ou alguma coisa. Que se sentiu nesses momentos. Sim?

Sim, com essa chave SOL, verdade, a gente se adormecia mais. Muitas vezes passavam do trabalho a outra parte, por dizer: objeto, sujeito e lugar. Sim, a mim nunca me agradou essa prática, porque eu vi que isso adormecia mais a nossa consciência.

P. – Mestre, a propósito das práticas que o senhor aconselha, as práticas dos jinas, que opina o senhor?

V.M. – Olhe, eu a fiz. Como eu aprendi, fui primeiramente no astral, para manejar meu astral por toda a parte. Então me acostumei muito mal, porque o astral é tão rápido como o pensamento. Então a gente se acostuma com a rapidez.

Quando comecei o estado de jinas, que o fiz, e o tenho feito, pareceu-me uma viagem muito, demasiado lenta, e a gente se desespera. Quer-se flutuar rápido e não, não; vai muito lento. O primeiro que se sente é que dos pés para cima vai inchando; vai-se ficando como um globo, todo.. Parece que vai. A gente se olha, é o mesmo. É que se sente, ao nos meter na quarta coordenada, sente-se a mudança.

Porém, honradamente, não me agradou muito. Não me agradou, melhor dito, em me tornar prático nisso, não. Tornei-me prático no astral e no mental.

Vou ensinar-lhes como passar ao plano mental. Essa prática deu-ma o Mestre Samael no México. Por exemplo: Saímos em astral, estamos conscientes, queremos desfazer-nos do astral e passar ao plano mental. Então se faz esta operação, porém, uma voz militar, forte: "Corpo astral, sai de mim!" e se faz esta operação, como quem tira algo daí, e ficam separados os dois corpos.

Já podem falar o astral e o mental. Podem falar assim como falam duas pessoas aqui, juntos, com consciência ambos.

Essa prática deu-me o Mestre, e eu, na mesma noite a realizei. Nessa mesma noite. Pois, claro, eu saía todas as noites, consciente, no astral, pois então me ficou facilzinho realizar a outra prática.

P. – O fio disto e das orientações que nos está dando para dar um choque em nosso trabalho, que práticas são as que o senhor orienta, neste momento, que devemos fazer nos centros?

V.M. – Bem, este material que levam vocês é básico e fundamental, para vocês e para todo o estudantado. Ensinem-no tal como o da primeira classe que lhes dei, nessa ordem, sem variá-lo, para que obtenham os resultados, vejam vocês os resultados. E se o ensinam, verão os resultados.

Eu estou entregando é já sintetizadas as bases, porque o Mestre nos entregou muito, porém, eu estou entregando são as bases. Por onde eu passei, vocês podem passar, porque eu comecei meu trabalho foi assim como lhes estou indicando, sem egoísmo de nenhuma espécie.

Estou-lhes explicando como comecei. Então, estou seguro do que vocês levam, que sejam as bases fundamentais para começar o caminho iniciático, em sério, já de fatos.

P. – O senhor me corrige se estou equivocado, Mestre. Entendo que isto é uma questão muito particular, que nos devemos forjar uma disciplina, cada um individualmente em nossa vida particular. Porém, nos centros, essas práticas que fazemos como disciplina para pegar força, essas práticas que fazemos diariamente, que práticas devemos orientar, para que se realizem nos centros?

V.M. – Bem, olhe, a mim o Mestre Samael nunca me deu disciplina. Damo-la nós. Quando se quer servir para algo, vai-se implantando sua própria disciplina. Então, na questão dos detalhes vai-se encontrando a disciplina que a gente se vai implantando aí no trabalho.

Se vemos: "Isto não me serve". Então se vai buscando uma linha, para se endereçar. Porém, já isso é começando o trabalho a sério. Não superficial, senão já seriamente com a morte. Assim como eu expliquei a vocês, por aí se deve começar a se implantar sua própria disciplina. O que queira e possa lançar-se para adiante, aí nesse trabalho se encontra a disciplina, porque aí vemos o que não nos serve e o vamos desprezando e nos vamos implantando nossa própria disciplina. É o melhor.

P. – Mestre, quando o senhor diz: "Corpo astral, sai de mim!". "Mim", a que se refere?

V.M. – De si mesmo. De si mesmo.

P. – Então, isso pode ser dito no físico, quando se trata de sair em astral? Pode-se dizer: "Corpo astral, sai de mim?".

V.M. – Não, porque já na parte tridimensional muda. É que o astral e o mental estão na quinta dimensão. Então, trata-se de dois corpos de uma mesma dimensão. Então é mais fácil lá.

P. – Mestre, no relaxamento do corpo físico, pelo menos eu tenho notado, que a parte mais difícil de relaxar vem a ser praticamente o plexo solar, porque é muito sensível; ou existe, aí, uma falha de minha parte?

V.M. – Não. Temos que soltar todo o corpo, todos os músculos. Agora, aí o corpo tridimensional, nem todos temos o mesmo sistema. Temos uns que utilizam uma posição, outros, outra posição. Porém, temos que buscar a posição em que se resista mais. Porque, vamos supor, eu, por exemplo, faço uma posição de morto. A mim me pode servir, e posso resistir bastante tempo. Nem a todos vocês lhes pode servir. Então, tem que buscar uma posição onde resistam mais e não chegar ao cansaço.

P. – Perdão, Mestre, quando se está fazendo a prática do relaxamento para sair em astral, de repente se chega a um ponto em que nos sentimos, pois, muito gordos, muito inchados, e, quem sabe, aí é um ponto máximo para sair em astral, ou quer dizer que há vezes que não se realiza? Por quê?

V.M. – Porque se cansa, se move ou se duvida. E, num momento desses, seguir com sua posição e esperar os resultados. Concentrando-se no que está fazendo, esperar os resultados, porque isso é o que se faz: Esperar os resultados.

P. – Meu problema para sair em astral, Mestre, é esse de que, quando eu estou bem relaxado, o corpo começa a comichar e tenho que me mover.

V.M. – São os nossos próprios egos interrompendo. O nosso próprio ego. A eles não lhes convém que despertemos, porque nos convertemos em inimigo deles.

P. – E o que poderia ela fazer aí?

V.M. – Não, pedir à Mãe Divina e ao Pai força e que nos controlem, sim?

Como eu fiquei um tempo. Estava no México e todas as noites saía em astral. Flutuava até certo ponto. Pum! Ficava estático e quando eu fazia esforço para seguir... não, prum! Outra vez no corpo. Um ego meu. Até que o pude conjurar. Então, já aí se fica livre dessa força, porque várias noites me fez a mesma jogada e não é uma entidade em particular, senão é um ego de nós mesmos.

P. – Mestre, esse ego, temos que buscá-lo aí mesmo, na quinta dimensão?

V.M. – Sim, passamo-lo ao plano mental; então, já se conversa com esse elemento e ele nos conta por que faz isso e tudo.

P. – Mestre, um indivíduo que esteja numa cadeia e não se concentra, interfere no trabalho?

V.M. – É um elo rompido da cadeia. As forças não circulam como devem circular. Aí chega um elo roto... até aí chegam as forças. Perde força a cadeia, porque essas forças circulam de mão em mão, na cadeia, e se temos um elo rompido, até aí chegam as forças e uma pessoa dessas deve ser franca e dizer: "Homem, eu estou interrompendo, é melhor passar ao centro da cadeia!". E não se interrompe as forças dos demais. Tem que ser franco consigo mesmo, sincero.

P. – Mestre, e na sala de meditação de igual forma, ou seja, quando não se está preparado, porque, digamos, nós levamos um objetivo à sala de meditação, pôr a mente em branco. Porém, parece que já antes de entrar na sala, começam os pensamentos, etc. Melhor não entrar?

V.M. – Olhe, isso eu o levei à prática, desde que estava o Mestre Samael na serra, recém entrado na Gnose. Quando eu me sentia mal para uma reunião, de todas as que fazia o Mestre, sentia-me em desagrado com tal ou qual pessoa, eu dizia: Se eu tenho esse rancor, essa ira contra essa pessoa, melhor, não vou, porque vou danificar o ambiente para todos. E, melhor, ficava em minha casa, para não ser o causador de danificar o ambiente, porque uma só pessoa pode danificar o ambiente de todos. Então, segundo sua pergunta, uma pessoa dessas deve ser franca e dizer: "Homem,

não vou! Melhor, não vou interromper". Não vai fazer nada, senão, interromper o trabalho de todos. Então se vai fazer as vezes de mago negro aí. Melhor, não vá.

P. – A vogal "O" não serve para entrar numa concentração?

V.M. – Não, pois, quando você está vocalizando o "O", deve estar concentrado no coração, no centro do coração e imaginar que começa a girar. Então, não pode fazer duas coisas ao mesmo tempo, porque não faz nenhuma bem feita.

P. – Sem a transmutação, quando se faz o Ham-Sah, para relaxar o corpo...

V.M. – É que o Ham-Sah é para sublimar as energias. Não é transmutar, porque é sublimação. Em realidade, pois, isso não serve. Conclusão a que chegamos com o Mestre, que o sistema fole não serve. São dois pólos, o positivo e negativo. De resto, não há transmutação.

P. – É que minha pessoa, eu ensinei o mantram Ham-Sah ao longo de muitos anos às pessoas, como um sistema para relaxar o corpo. Se o senhor considera... porque isso o Mestre Samael o ensina também, até certo ponto, creio eu. Se o senhor considera que isso não está correto...

V.M. – O Ham-Sah, ensinou-o (o Mestre) e eu o tenho ensinado como transmutação para solteiros. Com o Ham se inala; imagina-se que a energia sobe com o Sah. Pronuncia-se é Ham, inala-se profundamente. Sah, rapidamente, como quem lança um resíduo ou algo assim. Rapidamente.

P. – Porém, perdoe que insista. Para relaxar o corpo, de todas as maneiras a pessoa não deve esquecer a respiração; de modo que tem que fazer algumas respirações para relaxar o corpo.

V.M. – A respiração é normal. Não forçar o corpo com respirações, porque então o corpo não dá.. Procurar respirar bem normalmente, sem forçar o corpo.

P. – Ou seja, que isso não está correto que a pessoa faça o Ham-Sah para relaxar o corpo?

V.M. – Não, não, não! Isso é transmutação ou sublimação para solteiros.

P. – Mestre, agora o senhor nos comentou que devemos ir adquirindo nosso próprio conhecimento, para ir ensinando à humanidade. Porém, como nossa consciência é muito subjetiva, não entendo até que ponto se possa falar de seu próprio conhecimento.

V.M. – O importante é ir despertando consciência. Recebe-se dois tipos de ensinamento: O que é para ser entregue à humanidade e o que é muito individual nosso; e desse não se fala nunca. Desse não se fala. Então, recebe-se dois tipos de ensinamento. E, por intuição, sabe-se qual é o nosso e qual é para ser entregue à humanidade. Para isso serve a nossa consciência. Por isso é importante começar a despertar. Porque, senão se fica que não se sabe o que fazer. Porém, aí recebemos dois tipos de conhecimento.

Os graus ou o sacrifício que se está fazendo, no-lo pagam, e isso é nosso. Isso não o podemos entregar a ninguém. Mas, a sabedoria que se vai recebendo, é para entregá-la aos demais. Vocês me ouviram falar de graus que ganhei ou que pagamentos me fizeram? Não, nada! Porque isso é meu. Isso a vocês não lhes serve.

Então, viram-me entregando-lhes o que serve à humanidade, para chegar ao conhecimento. Não? Porque, o que se pensa é entregar-lhes as armas, para que as utilizem e cheguem ao conhecimento próprio, direto, de cada um, porque do conhecimento não se pode falar.

P. – Mestre, a intuição, o mantralisar o "O" pode despertá-la subjetivamente?

V.M. – Falemos, um pouco subjetivamente. Porém, com o trabalho dos três fatores, desperta-se positivamente; com as iniciações e graus, quando já se pega o caminho iniciático, então já se desperta positivamente. Porém, então já está em rotação esse centro. O que fazemos é pô-lo a funcionar "na crosta", como seja, mecanicamente, até que, no caminho iniciático, então já se desperta positivamente, com todo o seu esplendor.

P. – O ego mais contrário à concentração seria o do apego? Ou seja, o que nos impede de estar concentrados numa coisa?

V.M. – O eu noveleiro, de tantas coisas; eus, porque todos são inimigos, em síntese, de qualquer prática positiva. Todo ego. Todo!

P. – Mestre, o senhor considera conveniente, num grupo de várias pessoas que se põem de acordo, pois, dedicar, por exemplo, um domingo, ou um fim de semana, para estar, pois, mais dedicado à prática? Ter, por exemplo, a sala de meditação, cada duas horas entrar, para que cada um, quando se sinta bem... ou seja, dedicar um tempo, um dia, dois dias, suponhamos, à prática de meditação, cada um com sua prática, estar fora, pois, mantendo ao máximo a personalidade mais passiva e demais. Depois, sim, entrar, pois, de quando em quando, para praticar?

V.M. – Bem, olhe, assim se mecaniza muito. As melhores práticas que eu vi e que a mim me deram resultado, as fazemos em nossa casa, no momento em que nos

entregamos para descansar. A meditação, concentração, tudo isso se pode fazê-lo no grupo, porém, como uma disciplina. Não? Porém, a prática que nos dá resultado positivamente a nós, é em nossa casa, em nossa cama, quando já nos recolhemos para descansar. Essas são as melhores práticas.

Vamos aos grupos, porque na união de todas essas partículas de força que cada um possuímos, une-se grande força e essa grande força, pois, nos serve. Não? Porém, a realidade é que no grupo, para um desdobramento astral, ou uma concentração, uma meditação, é muito difícil.

Vamo-nos educando, pouco a pouco, sim; porém, que se chegue à meditação, à concentração, é difícil, porque alguém boceja, move-se, alguma coisa, ou ronca, alguma coisa, já aí vem uma distração. Porém, em sua casa, cada um ao se deitar para descansar... devem aproveitar esses momentos. Aí, sim! Esses momentos em que nos entregamos, diz que, para dormir, adormecer fazendo nossa prática, qualquer prática que determinemos fazer. Porém, não adormecer aí por dormir, como qualquer animal, não; senão aproveitar esses instantes para fazer a prática.

CAPÍTULO X – PERGUNTAS FINAIS

Pergunta – Mestre, e que opina o senhor: Existem muitas pessoas que fazem jejuns, por exemplo, uma semana de não comer, porque elas se sentem melhor assim, sem comer, e dizem que lhes facilita melhor as práticas?

Mestre Rabolú – Bem, eu vou explicar o jejum. Para fazer jejum, necessitamos primeiramente limpar o organismo de parasitos, porque nos pomos a jejuar cheios de parasitos, e os parasitos tragam o nosso intestino.

Segundo, dá-se uma grande vantagem ao corpo de desejos, porque, que ganho eu com estar jejuando aqui, e imaginando um prato de galinha, imaginando uma quantidade de coisas?

Estou criando eus, isso mesmo, estou criando eus! Eu fiz jejuns de nove dias; porém, por um grau e um mandato superior. Agüentei nove dias, porque nesses nove dias soube aproveitar, pois então se obtém um grande conhecimento, porque o corpo está leve. Porém, já é por mandato superior. Não por gosto.

Existem vezes, veja, eu jejuo, aqui, dois dias, porém, não por jejuar, senão porque me causa dano uma comida e para que o organismo se reponha outra vez. Jejuo para não lhe lançar mais carga, para que ele volte a trabalhar normalmente. Porém, pela parte espiritual eu não faço um jejum. Tem que ser por mandato superior. Nada mais.

P. – Mestre, e quando se come e se está auto-observando e existe algo que também pode harmonizar a comida, ou seja, concentrar-se, talvez?

V.M. – Somente com imaginar que esta comida que se está ingerindo, vai-se converter em vitamina, em vida para nós, é mais do que suficiente.

P. – Num país onde vem essas calamidades de guerra, como ficam os três fatores num momento desses?

V.M. – Olhe, depende do nosso trabalho individual. O que está trabalhando com os três fatores definitivamente, de fatos, está livre de qualquer percalço mau. Está livre porque a hierarquia sabe cuidar daquele que está trabalhando. O que fracassa é porque não está trabalhando. Então, você, esqueça-se disso.

Com as explosões atômicas, que são as mais temíveis, qualquer um que tenha seu fogo sagrado desperto, está livre de cair numa redada dessas, da bomba atômica, da radioatividade. Não? Porque é mais poderosa a nossa energia do que a atômica. Então, ao se inalar, a nossa energia rechaça a outra, ou a domina. Então, o importante é isso: O trabalho sério. Essa é a preparação que se pede, trabalhar sério com os três fatores.

P. – Mestre, será que é recomendável praticar o estado de jinas desde agora, para nos ir preparando para esses momentos de guerra?

V.M. – Bem, aí não vale o estado de jinas. A preparação são os três fatores. Porque, se você não está trabalhando seriamente com os três fatores, pode voar no ar e cai. É que o ambiente se envenena todo. Para onde se vai que não se tenha que

respirar? Se fazemos um subterrâneo, lá temos que respirar e lá chega. Então, as defesas temos que criá-las dentro de nós. Essas são as próprias defesas que temos que criar. Aí não nos adianta voar, nem nos vale nada, senão as defesas que vamos criando dentro de nós. Aí não existem evasivas de nenhuma espécie. Trabalhamos ou sucumbimos! Um dos dois.

P. – Porém, supondo que essa pessoa sobreviva, essa impressão de ver toda essa gente morta, todo esse desastre, isso também, para essa pessoa, deve ser terrível. Supondo que sobreviva, que é o objetivo.

V.M. – Veja, nós vimos muitos desastres. Muitíssimos. Não somente nesta era, senão em outras eras. Vê-se fracassar e o que se vai fazer, sim? Não vão crer que a mim não me tocou um final, que é a primeira vez que me toca um final de uma era, não! A mim já me couberam vários finais de eras. Eu sei como termina o planeta e tudo. Todo o processo o conheço!

P. – Estamos repetindo?

V.M. – Fica um só? Ficou um só! Para isso estão os discos voadores agora. Para isso. Não importa que fique um numa ilha, por aí, sozinho. Não importa!

E não pensem que eu não saiba como esta colheita vai terminar. Eu vi terminar outros continentes. Então, a gente, mais ou menos não é nada. Temos que nos acostumar a tudo!

O meu afã é que muitos consigam sair desse perigo. Esse é o meu afã. Pois eu estou seguro que eu não vou sucumbir; porém, não quero que os demais sucumbam. Não vê? Então, eu quero que aproveitem agora, porque há tempo ainda.

P. – Veja, Mestre, se alguém não alcance liberar-se, pode consegui-lo, ao menos, na ilha do Êxodo?

V.M. – Claro, se está trabalhando sério, claro! Lá pode terminar sua Obra, na ilha.

P. – Com mais facilidade ou mais complicado?

V.M. – Não, pode ser menos complicado. É que a complicação está dentro de nós. Não está fora. Isso está dentro de nós. Isso o levamos para onde vamos.

P. – Mestre, porém, se o senhor diz que para a ilha do Êxodo são necessários uns 50% de essência?

V.M. – Trabalhando sério se consegue.

P. – Nestes momentos?

V.M. – Para isso não há tempo. Tudo depende do interesse que nós nos pomos.

P. – Os estudantes atualmente, sim, alcançarão esses 50%?

V.M. – Não assim como vão. Estão somente fala, e fala, e fala. Não vão conseguir nem dois por cento, porque é só falar e falar. O que fala mais bonito é o que sabe.

Assim está o Movimento Gnóstico, porque é vergonhoso chegar a intelectualizar o Movimento, quando aqui é de não falar, senão de trabalhar calados, trabalhar em silêncio, sem tanta bulha.